



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE  
Curso: Letras  
Disciplina: MONOGRAFIA - 8º Semestre  
Professora-Orientadora: Maria Catharina Pires de Mello

## **MACUNAÍMA: UM EXPERIMENTO DA LÍNGUA BRASILEIRA**

Carla Rosane

Brasília (DF) - novembro 2003



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE

Carla Rosane

## **MACUNAÍMA: UM EXPERIMENTO DA LÍNGUA BRASILEIRA**

Monografia apresentada ao programa de graduação de Licenciatura em Letras Português/Inglês da Faculdade de Ciências da Educação – FACE do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como parte dos requisitos parciais para a obtenção do título de Professor em Letras, sob a orientação da Professora Mestra Maria Catharina Pires de Mello

Brasília (DF) - novembro 2003

**DEDICO** este trabalho às professoras Maria Catharina Pires de Mello e Patrícia Peterle Sant’Anna.

À primeira, por me proporcionar o exercício de uma análise lingüístico-literária, caminho inter-investigativo inverso ao da especificidade científica, muitas vezes necessário, mas muitas vezes altamente excludente e egocêntrico. E ainda, e principalmente, pela compreensão, carinho e amor sempre presentes em qualquer relação com seus alunos (e comigo não foi diferente), consolidando em mim a imagem de um verdadeiro educador.

À segunda, pelo fato de ter sido a responsável pela condução de meu novo olhar para *Macunaíma*, livro que já havia começado a ler por duas vezes, muitos anos antes de pensar na vida universitária, mas que abandonei em ambas ocasiões, por julgá-lo “sem pé nem cabeça”. Por meio de suas aulas, de seus questionamentos incansáveis e de sua atenção às minhas titubeantes idéias é que vi surgir um objeto de trabalho, de forma maravilhada, divertida, reflexiva e orgulhosa.

## **AGRADEÇO**

Aos meus pais, pelo exemplo de vida, pelas lições que não se restringiram à minha infância e pelo apoio sempre presente nos momentos difíceis;

A meu irmão e minha cunhada, pelo compartilhamento incontestado de momentos importantes de minha vida e pela geração das duas preciosidades que são meus sobrinhos;

Ao meu marido Júlio, com quem aprendi e aprendo muito, pelo amor sempre manifesto, pelo seu alto-astrol e pela sua forma simples de encarar a vida;

Aos meus sogros, verdadeiros segundos pais, e a meu cunhado, pelo amor com que me acolhem sempre;

À minha avó postíça, Olívia, pela forma maravilhosa como vive a vida, sempre à frente de seu tempo, e pela generosidade de compartilhar suas experiências tão carinhosamente com todos à sua volta;

A todos aqueles que sabem que sou sempre grata pela amizade e carinho que me dedicam, e que me dedicaram em momentos críticos da minha vida, e aos que não sabem, que fiquem agora sabendo de minha gratidão. A todos, o meu muitíssimo obrigada por tudo o que foi e por tudo que há de vir.

“Se escrevo é primeiro porque amo os homens. Tudo vem disso para mim. Amo e por isso é que sinto esta vontade de escrever, me importo com os casos dos homens, me importo com os problemas deles e necessidades. Depois escrevo por necessidade pessoal. Tenho vontade de escrever e escrevo. (Isto é pro caso dos versos.) Mas mesmo isto psicologicamente pode ser reduzido a um fenômeno de amor, porque ninguém escreve para si mesmo a não ser um monstro de orgulho. A gente escreve pra ser amado, pra atrair, encantar etc.”

**MÁRIO DE ANDRADE** (1893-1945),  
*Cartas a Manuel Bandeira* (1925).  
(RÓNAI, 1985: 309-310).

## SUMÁRIO

Introdução.....	7
Capítulo 1	
Vertentes perceptivas da língua portuguesa no Brasil: ufanista, dialetal e regionalista .....	10
1.1 – Considerações iniciais sobre a língua portuguesa no Brasil.....	13
1.2 – Vertente ufanista – O Brasil, a “questão da língua” e a soberania nacional .....	23
1.3 – Vertente dialetal – Língua brasileira: uma constatação histórica.....	34
1.4 – Vertente regionalista – Brasil: região ou nação? A busca da identidade..	42
Capítulo 2	
Mário de Andrade e o regionalismo.....	49
2.1 – “A revolução sem sangue” – breve panorama histórico do Movimento Modernista brasileiro	
• Contextos históricos – Europa e Brasil.....	54
• O Modernismo Brasileiro.....	59
2.2 – A poética de Mário de Andrade	
• Características e principais obras.....	63
• <i>Macunaíma</i> .....	67
2.3 – Extratos de <i>Macunaíma</i> : uma discussão sob a perspectiva regionalista..	72

Capítulo 3	
Língua brasileira: uma realidade.....	77
3.1 – Levantamento de episódios de linguagem oral em <i>Macunaíma</i> .....	86
• Alteração gráfica de palavras.....	88
• Construção sintática de sentenças.....	92
• Inventividade lingüística.....	97
• Enumerações.....	101
3.2 – Língua portuguesa x língua brasileira: episódios reais e atuais sobre a existência da tensão entre oralidade e formalidade em trabalhos de estudantes brasileiros .....	104
3.3 – Português Europeu e Português Brasileiro: apresentação e discussão de alguns posicionamentos teóricos sobre a distinção das línguas portuguesas .....	117
Considerações Finais.....	123
Anexos.....	127
• 1 – Crítica de Rubem Braga a <i>Macunaíma</i> .....	128
• 2 – Trabalhos de estudantes do Ensino Fundamental .....	130
• 3 – Trabalhos de estudantes do Ensino Superior.....	136
Referências Bibliográficas.....	142

## INTRODUÇÃO

O trabalho “O uso do regionalismo na prosa de Mário de Andrade”, realizado durante a disciplina Literatura Brasileira V, permitiu o estabelecimento de um contato maior com o autor modernista e com a sua inovadora forma de produção literária, dentro de sua obra *Macunaíma*. Porém, a abordagem da questão regional em tal trabalho foi simples, apriorística, já que o seu enfoque priorizava basicamente o levantamento das características do Movimento Modernista, das características literárias de Mário de Andrade e de *Macunaíma*. Para o presente trabalho, pretendeu-se que a investigação avançasse um pouco mais em torno da referida obra, para o quê se optou por utilizá-la como um instrumento de análise lingüística.

Pela significância do caráter diferente de sua forma de expressão, *Macunaíma* revela-se como um experimento inédito da língua portuguesa no Brasil. Por isso, abordar outra faceta do regionalismo, e mais precisamente abordar aspectos dialetológicos presentes na obra, constituiu a linha norteadora da análise.

A distinção entre a língua portuguesa de Portugal e a do Brasil foi um fator inicial de reflexão, que resultou, por sua vez, de uma outra reflexão: o *não saber escrever* – característica freqüente nas produções escolares atuais, alegada por muitos professores – tem íntima relação com a falta de identidade que os alunos têm ao lidarem com a variante padrão de sua própria língua, única aceita oficialmente. Assim, formulou-se o problema: por que a língua portuguesa presente na obra de Mário de Andrade não corresponde integralmente às estruturas léxico-sintáticas da língua portuguesa em sua forma padrão?

A partir da formulação do problema, outros aspectos e questões instigaram a realização da pesquisa, como, por exemplo, de que forma a literatura e a lingüística tratam o dialeto regional (e o regionalismo) e como uma obra marco da Literatura Brasileira introduziu conceitos – que já eram reais e não aceitos pela



elite intelectual do país – e retratou uma situação contrastiva que persiste até hoje. Além disso, a investigação do tema também pretendeu ser: um exercício de análise lingüística, um trabalho com uma obra símbolo de um movimento artístico revolucionário e uma comprovação da distinção entre as variantes oral e formal do Português Brasileiro.

Os objetivos específicos da análise foram: a) levantar diferentes percepções de regionalismo; b) localizar o autor Mário de Andrade no contexto da produção intelectual de sua época; c) situar a obra-objeto na poética de Mário de Andrade; d) enumerar e analisar episódios da linguagem coloquial (oral) presentes na obra-objeto – mais especificamente alteração gráfica de palavras, construção sintática de sentenças, inventividade lingüística e enumerações; e) levantar episódios reais e atuais da continuidade da tensão oral x formal presentes em trabalhos de estudantes brasileiros; f) buscar e apresentar alguns posicionamentos teóricos sobre a distinção entre o Português Europeu e o Brasileiro e g) elaborar uma análise discursiva e conclusiva sobre os aspectos abordados e o Português Brasileiro.

O trabalho tem seu início no Capítulo 1, que traça algumas considerações sobre vertentes perceptivas da língua portuguesa no Brasil (ufanista, dialetal e regionalista), com o intuito de construir uma linha abrangente de pensamento sobre a língua no Brasil e iniciar o delineamento das particularidades de que esta língua se constitui. Na seqüência, o Capítulo 2 aborda o Movimento Modernista, de sua origem européia e de sua forma brasileira, para introduzir a obra *Macunaíma* e seu autor, Mário de Andrade, além de propor um exercício de análise de alguns trechos do livro sob a perspectiva regional. O Capítulo 3 analisa alguns episódios de linguagem oral em *Macunaíma*, a fim de traçar um perfil da língua brasileira, de uma forma geral. Ainda, analisa alguns trabalhos de estudantes brasileiros da atualidade – em que as características marcantes e levantadas do livro também ocorrem – e apresenta certos posicionamentos teóricos sobre a distinção entre Português Brasileiro e Português Europeu.

Assim, o trabalho de pesquisa que se propôs foi oportuno e viável. Oportuno, por permitir o estabelecimento de uma análise lingüístico-literária,

processo de aprendizado de grande valor para a conclusão do curso de graduação em Letras, e viável não somente pela possibilidade de orientação específica para a sua realização como pela motivação que o tema encerra. Contudo, há que se esclarecer, finalmente, que a presente abordagem do tema *Macunaíma: um experimento da língua brasileira* não pretende constituir uma verdade encerrada em si ou um tratado compartimentado do assunto, ao contrário e acima de seus próprios objetivos, tem a intenção de ser uma modesta contribuição sobre as percepções despertadas, sobre as reflexões efetuadas, e o respectivo registro delas.

## **CAPÍTULO 1**

### **VERTENTES PERCEPTIVAS DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL: UFANISTA, DIALETAL E REGIONALISTA**

“Um homem só deve falar, com impecável segurança e pureza, a língua da sua terra; todas as outras as deve falar mal, orgulhosamente mal, com aquele acento chato e falso que denuncia logo o estrangeiro.”

**EÇA DE QUEIROZ** (1845-1900),  
*A Correspondência de Fradique*  
*Mendes* (RÓNAL, 1985:559)

## CAPÍTULO 1

### VERTENTES PERCEPTIVAS DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL: UFANISTA, DIALETAL E REGIONALISTA

*Língua Portuguesa*

*Última flor do Lácio, inculta e bela;  
És, a um tempo, esplendor e sepultura:  
Ouro nativo, que na ganga impura  
A bruta mina entre os cascalhos vela...*

*Amo-te assim desconhecida e obscura,  
Tuba de alto clangor, lira singela,  
Que tens o trom e o silvo da procela,  
E o arrollo da saudade e da ternura!*

*Amo o teu viço agreste e o teu aroma  
De virgens selvas e de oceano largo!  
Amo-te, ó rude e doloroso idioma.*

*Em que da voz materna ouvi: “meu filho!”,  
E em que Camões chorou, no exílio amargo,  
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!*

*Olavo Bilac<sup>1</sup>*

#### 1.1 – CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

---

<sup>1</sup>In BARBOSA, Frederico (Org.). *Clássicos da Poesia Brasileira: Antologia da Poesia Brasileira Anterior ao Modernismo*. São Paulo: Galex, 2003 (Coleção Clássicos da Literatura), p. 154-5. O poema “Língua Portuguesa” foi publicado em 1914 e representa de forma clara os ideais do Parnasianismo, escola literária que se centrava na doutrina da arte pela arte, combatia os excessos sentimentais e, principalmente, o descuido formal dos românticos. E a forma poética considerada perfeita pelos parnasianos era o soneto, poema de duas quadras e dois tercetos, de rimas acuradas e ritmadas, com dez sílabas em cada verso. “Língua Portuguesa” é um soneto, mas que extrapola a forma pela forma; seu conteúdo também é extremamente denunciador do ideal parnasiano.

Em que pese a dose poética com que a língua portuguesa foi abordada não somente por Olavo Bilac, mas por outros mais – e todos merecem respeito por suas produções em seus tempos –, há que se reconhecer que ela não era um elemento natural do espaço territorial brasileiro, pelo menos não do espaço primeiro, anterior à colonização portuguesa.

Igualmente pode-se depreender que o Brasil não se constituía tal como o é se não fosse a presença portuguesa em seu território, e sobre este ponto os livros de História têm muito a acrescentar.

O que se tem, então, são duas histórias: a história da língua portuguesa e a história do Brasil, que apesar de terem íntima relação com a temática do presente trabalho, não constituem o foco de sua discussão. Entretanto, não devem ser totalmente descartadas, uma vez que são elementos muito fortes e constituintes de uma forma de pensar a língua portuguesa no Brasil.

E uma forma de pensar a língua portuguesa no Brasil, ou a língua brasileira, ou, ainda, a língua que se fala no Brasil, é sem dúvida um assunto muito polêmico. Mas, como tal, igualmente instigante, atrativo e desafiador.

Isto posto, para que se possa estabelecer o entendimento das discussões históricas, e cada vez mais atuais, entre a língua portuguesa de Portugal e a língua portuguesa do Brasil, importante se faz o levantamento de algumas considerações, nem sempre constantes ou explicitadas, mas extremamente significativas.

O primeiro elemento a ser considerado para a constituição de uma forma de pensar a língua portuguesa no Brasil é o território brasileiro. Pensar o território brasileiro como um grande espaço não só de atuação humana, mas também e principalmente de interação e de modificação das próprias forças de intervenção, é uma idéia que em muito contribui para o entendimento das paisagens sociais existentes. E a língua é um componente muito forte da paisagem social de qualquer país, inclusive da brasileira. Necessário se torna, pois, o abandono da idéia de território como simples cenário de acontecimentos históricos. O espaço

territorial não é neutro e o brasileiro também não o foi e não o é. O espaço primeiro, natural, do qual se pensa ser possível precisar a existência, é sempre transformado socialmente, produzindo um novo espaço social, um segundo espaço, um terceiro espaço... um enésimo espaço social.

O elemento território, dentro dessa perspectiva de interatividade histórico-social, pode não aparecer como prioritário na Ciência Lingüística ou pode aparecer em alguns estudos de Sócio-Lingüística – como os estudos diatópicos<sup>2</sup>, por exemplo –, porém, em pensamentos de outras ciências humanas que priorizam o território, pode-se inferir a presença da língua como elemento constituinte da realidade observável e da realidade sobre a qual se desenvolvem as reflexões e os questionamentos. Talvez não assim diretamente denominada, ou considerada na acepção lingüística, a língua pode permear o tecido teórico-científico, de campos extralingüísticos do conhecimento, de outras formas. É o que se pode verificar no trecho abaixo, de um respeitável geógrafo brasileiro, Antônio Carlos Robert Moras, em que as acepções geográficas destacadas por sublinha revelam a importante dimensão da língua:

*Todos sabemos que as formas espaciais são produtos históricos. O espaço produzido é um resultado da ação humana sobre a superfície terrestre que expressa, a cada momento, as relações sociais que lhe deram origem. Nesse sentido, a paisagem manifesta a historicidade do desenvolvimento humano, associando objetos fixados ao solo e geneticamente datados. Tais objetos exprimem a espacialidade de organizações sócio-políticas específicas e se articulam sempre numa funcionalidade do presente. Aparentemente formas inertes, possuem, contudo, o poder de influir na dinâmica da sociedade.*

*Esta produção social do espaço material, esta valorização objetiva da superfície da Terra, esta agregação de trabalho ao solo, passa inapelavelmente pelas representações que os homens estabelecem acerca do seu espaço. Não há humanização do planeta sem uma apropriação intelectual dos lugares, sem uma elaboração mental dos dados da paisagem, enfim, sem uma valorização subjetiva do espaço. As formas*

---

<sup>2</sup> Estudos diatópicos são aqueles que consideram as diferenças lingüísticas que se apresentam em diferentes espaços geográficos (Cf. FERREIRA e CARDOSO, 1994:12).

*espaciais são produto de intervenções teleológicas, materializações de projetos elaborados por sujeitos históricos e sociais.*

*Por trás dos padrões espaciais, das formas criadas, dos usos do solo, das repartições e distribuições, dos arranjos locacionais, estão concepções, valores, interesses, mentalidades, visões de mundo. Enfim, todo o complexo universo da cultura, da política e das ideologias.<sup>3</sup>*

E o que será a língua em sua interação com o território se não uma “forma aparentemente inerte” que tem “o poder de influir na dinâmica da sociedade”, e ainda caberia considerar, que tem o poder de ser também influenciada e modificada por essa mesma sociedade? E a língua, em sua perspectiva territorial, também não será igualmente composta por “representações que os homens estabelecem acerca do seu espaço”, uma “apropriação intelectual dos lugares”, uma “elaboração mental dos dados da paisagem”, uma “valorização subjetiva do espaço”? A língua não será ao mesmo tempo origem e produto do “complexo universo da cultura, da política e das ideologias” que se pode verificar no território?

Para pensar a língua, e em especial a língua portuguesa no território brasileiro, muitas são as questões a serem analisadas. Tantas ou mais que talvez se equiparem, ou ultrapassem, em dimensão quantitativa à dimensão continental do País. Por isso, e pela própria dificuldade de tratamento global e integral das questões que envolvem o idioma do Brasil, é que se impõe outro elemento a ser considerado: a região.

Mas ao se considerar o território, não já se estaria considerando a região para o pensar a língua portuguesa no Brasil? Muito genericamente sim. Contudo, como o intento aqui é levantar elementos significativos para o pensamento da língua que se fala no Brasil, a região adquire um traçado próprio, que a distingue do território.

Em Cunha (1982:671), tem-se que região é “ ‘grande extensão de território’, ‘território que se distingue do demais por possuir características próprias’ ”. Já em



Houaiss (2003:570), região significa primeiramente *área* (parte, zona), também *lugar* (área, espaço, local), *país* (plaga, terra, território) e *parte* (área, faixa, local, ponto, setor, zona). Por sua vez, Ferreira (1980:1218) apresenta as seguintes significações: “grande extensão de terreno” e “território que se distingue dos demais por possuir características (clima, produção, etc.) próprias”.

O que se infere de tais definições é que região tanto pode ser a parte como o todo, entendendo-se o todo como uma extensão de terra ou território. Tem-se, desse modo, que às vezes região é parte do território e que às vezes região é o próprio território. Então, seria pertinente pensar a língua portuguesa no Brasil como uma língua que se fala em partes do Brasil, com suas variedades nacionais, ou como uma língua uma que se fala homogeneamente em todo o território nacional, o espaço físico reconhecido como Brasil?

Pela relatividade da idéia de região com que se depara para o que se pretende, torna-se válido retomar uma percepção extralingüística, mas igualmente científica, e buscar um apoio para um melhor entendimento do que vem a ser a região. Da Geografia, ciência humana que mais estritamente trabalha com a região – e para a qual esta se tornou um instrumento técnico-operacional para a organização do espaço –, provêm algumas assertivas. E é por meio delas que se pode perceber que a região se tornou, para a Geografia, um instrumento técnico-operacional, a partir do qual se procurou organizar o espaço.

Se não, vejamos, para Alfred Hettner<sup>4</sup>, os limites regionais são provenientes de um exercício intelectual, uma construção intelectual do pesquisador; já para Richard Hartshorne<sup>5</sup>, os marcos divisórios entre as regiões decorrem das discontinuidades produzidas quando o grau de integração dos fenômenos é pequeno, podendo haver até mesmo uma região descontínua.

Para a Lingüística, a concepção técnico-operacional de região também se tornou realidade, conforme se dissertará no tópico I.3 – Vertente Dialeto. Mas com a evolução natural do pensamento científico, tal acepção não se bastou mais, já

---

<sup>3</sup> In MORAES:1988, 15-16.

<sup>4</sup> In LENCIONI,1999:190.

que cada vez mais começou a se desenvolver e a se afirmar a idéia de que o espaço é uma construção social e que para entender a Ciência Humana, no caso a Geografia, mas também igualmente a Lingüística, é preciso entender a sociedade.

Passou-se, pois, a identificar a íntima relação entre região e seus componentes (naturais e sociais), que poderiam identificá-la como tal ou não. A língua, como fator de entendimento de uma sociedade, apresenta-se assim como um critério fundamental para a delimitação regional. Porém, o risco de não considerá-la uma construção social e considerá-la apenas como um dado físico, um objeto *a priori*, pode resultar em uma concepção de território-mosaico, composto de regiões determinadas, muitas vezes não correspondentes ao que efetivamente está acontecendo em dado espaço.

Impõe-se, pois, contar com o papel social do homem em sua atuação no espaço, de acordo com as condições que este oferece, mas, principalmente, compreender o sentimento que os homens têm de pertencer a uma região,

*Sentimento que emana do interior e do íntimo das pessoas. A região, portanto, começou a ser vista como não constituindo uma realidade objetiva, pelo contrário, ela foi concebida como construção mental, individual, mas também foi submetida à subjetividade coletiva de um grupo social, por assim dizer, inscrita na consciência coletiva<sup>6</sup>.*

A análise regional vem, portanto, dar ênfase ao heterogêneo e à diferença por meio da região. E é isto que interessa ao propósito presente, estabelecer uma forma de pensar a língua portuguesa no Brasil: como se estabelece a identidade dos homens com a região.

---

<sup>5</sup> Ibidem.

Tal relação permite desvendar o questionamento inicial sobre a diferenciação entre território e região, os dois elementos citados como importantes para pensar a língua portuguesa no Brasil. O território possui uma forte carga política de significação e de priorização, uma vez que a ele estão atrelados valores primitivos, porém de natureza eminentemente econômica, como a diversidade de fauna e flora, além das reservas minerais e da riqueza de solos. E para o Brasil isso é muito considerável, pois o território europeu, e em particular, o de Portugal, além de infinitamente menor, não dispunha de tais riquezas, aqui abundantes (outrora, é preciso ressaltar).

Já a idéia de região é importante para a compreensão do recorte espacial, da evidenciação da diferença, cuja valoração é subjetiva e envolve um sentimento de identificação. Também constitui-se uma categoria de análise, não somente geográfica, mas social, histórica, política, antropológica, cultural, lingüística. Contém a possibilidade de revitalizar e renovar o pensamento em diversas áreas das Ciências Humanas.

Levantadas algumas considerações a respeito de território e região, passa-se a um terceiro elemento para se pensar a língua portuguesa no Brasil, que é a questão da colonização portuguesa, pois a história da língua portuguesa no País começa quando os portugueses aqui chegaram. A forma como se processou a ocupação do território primeiro é relevante, pois o Brasil passa a ser uma região, inóspita, selvagem, misteriosa – igualmente perigosa, mas sobretudo riquíssima e com habitantes dóceis –; não se configurava uma nação, um território politicamente constituído.

Nesse sentido, uma boa discussão é proposta por Sérgio Buarque de Holanda em seu livro *Raízes do Brasil*, excetuando-se o caráter “de bons moços” dos espanhóis a que o texto tenta induzir o leitor menos avisado a pensar. Utilizando-se dos termos “ladrilhador” e “semeador” para se referir às diferenças entre os processos de colonização espanhola e portuguesa em território

---

<sup>6</sup> In LENCIONI, 1999:194.

americano, ilustrou o porquê das diferenças que existiram entre as respectivas colônias.

Apesar de terem um ideal exploratório comum, que visava extrair as riquezas das novas terras para engrandecer seus países, espanhóis e portugueses se utilizaram de estratégias distintas de colonização.

Os primeiros primaram pela ocupação territorial, criando núcleos estáveis de povoação, planejando a organização urbana das cidades espalhadas pelo interior do território que lhe coube após o Tratado de Tordesilhas. A difusão de sua língua, de sua religião e de sua cultura não se deu de forma pacífica, visto que vários e diferentes eram os povos nativos da atual América Latina (excetuando-se o Brasil). Havia, pois, o interesse espanhol de tornar os novos territórios extensões da nação espanhola, integrá-los, ainda que pesasse a questão da exploração comercial e a violência dos métodos utilizados. Agiram como “semeadores”, procurando criar raízes, para germinação da cultura e da nação espanhola. E a língua foi um desses instrumentos de dominação “semeadora”.

Por outro lado, os portugueses não se utilizaram da mesma estratégia de ocupação territorial. O ideal exploratório foi extremamente valorizado, chegando os núcleos de povoação (se é que assim poderiam se nomeados) a serem estabelecidos somente ao longo da costa marítima do novo e tão extenso território colonial. Para eles, a interiorização da colônia dificultaria a rápida comunicação com a metrópole portuguesa e o rápido escoamento das riquezas. Alie-se a este fato a indiscutível vantagem do perfil homogêneo dos habitantes nativos, que além de falarem praticamente a mesma língua, estavam dispostos ao longo da costa litorânea brasileira. Ao contrário dos espanhóis, os portugueses não consideravam o novo território uma extensão física de seu reino europeu, não nomeavam núcleos de povoação com nomes de cidades portuguesas, precedidos dos termos “Nova” ou “Novo”, apenas se valiam das riquezas recolhidas para adornar e enriquecer seu reino. Em verdade, os portugueses criaram “atracadouros”, pontos de chegada e partida, e os espanhóis criaram inicialmente pequenas regiões, com vista à consolidação do território.

E esse aspecto superficial do ideal colonizador português, de apenas tocar e não se enredar, que não se preocupou em criar raízes para assegurar a grandeza de sua nação, é que está associado à figura do “ladrilhador”. Aquele que se preocupa apenas com aspectos de superfície, de acabamento, não estruturais. De tal forma, o Brasil não era nem uma região portuguesa e nem uma nação. Porém, mais tarde, Portugal foi forçado a se tornar regional no Brasil, face à eminente invasão daquele país pelas tropas de Napoleão e a conseqüente vinda da Família Real para estas terras d’além mar.

Assim, tempos depois do desembarque de Cabral e sua tripulação, quando apareceu a figura do *língua* – o intérprete nas relações entre o europeu e o índio –; tempos depois da chegada dos jesuítas, que se utilizaram do *língua* para aprenderem a língua dos colonizados e acabaram por se tornarem *línguas* com o intuito de conquistarem os índios para a Igreja; “Portugal nos trouxe a língua portuguesa, mas ela se historicizou de maneira diferente, incorporando imagens que se tornaram constitutivas da nossa identidade.”<sup>7</sup> As imagens incorporadas é que constituem, então, a paisagem humana.

A propósito, Moraes tece um interessante discurso sobre a paisagem humana, e aí não é o pensador que a inclui, da qual a língua é parte e todo:

*A paisagem é um registro de época e um documento de cultura. ... A arquitetura é uma grande expressão do antinaturalismo, o habitat é uma natureza subjugada. Espaço apropriado, o que pressupõe um sujeito.*

*Esta apropriação implica determinações estritamente econômicas. Ninguém irá negar que a organização dos lugares obedece a funções e necessidades da produção, que a disposição dos objetos responde a imperativos técnicos, que os padrões espaciais do capitalismo por exemplo revelem a ânsia do lucro. Todavia, isto não recobre a integralidade do processo. Como explicar, no limite, a diversidade arquitetônica em meio às mesmas funções e materiais, ou a variedade de estilos nas construções de um mesmo período técnico, ou o detalhe sem função aparente?*<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> In DIAS, 1996:9.

<sup>8</sup> In MORAES, 1988:23-24.

Não sendo assim considerada, a língua, na perspectiva histórico-social de um território e de uma região, não pode exigir-se pura, estática, intocável e perpétua. Mais especificamente sob a ótica de como a língua portuguesa não se assumiu impositiva em um primeiro momento, o que foi bom para Portugal – explorar ricas terras novas – não foi bom para o Brasil – ver-se violado de uma forma talvez mais “suave” que a empregada pelos métodos espanhóis, mas de qualquer forma começando a perder a sua identidade, a que tinha e que estudos antropológicos muito bem apresentam. Não foi bom para o Brasil no sentido de que o caráter gentil e subserviente de alguns “bons selvagens”<sup>9</sup> acabou por determinar a auto-estima de toda um povo, que de um modo ou de outro, desde sempre vem se curvando aos ditames de uma minoria elitizada.

Interessante, então, verificar que, conforme elucida Dias, em *Os sentidos do Idioma Nacional: as bases enunciativas do Nacionalismo Lingüístico no Brasil*,

*Foi a partir do século XVIII que a Coroa Portuguesa manifestou de forma consciente um interesse pela situação lingüística do Brasil. Esse interesse começa a se concretizar na forma de uma carta régia de 12 de setembro de 1727, em que o rei D. João V determina ao Superior dos religiosos da Companhia de Jesus no Maranhão que a língua portuguesa fosse ensinada aos índios, para o benefício da Coroa e dos moradores do Estado do Maranhão. Com a descoberta das minas de ouro, cresce o interesse pelo Brasil. Além disso, a influência dos jesuítas na Colônia começa a incomodar a Corte de Portugal.*

*Esse foi o quadro que propiciou o aparecimento em 1757 da legislação de autoria do Marquês de Pombal expulsando os jesuítas da colônia e determinando o ensino da língua portuguesa.*<sup>10</sup>

A lei do Marquês de Pombal, denominada Lei do Diretório e que institui a língua portuguesa como oficial no Brasil, foi uma das medidas que começaram a definir o território brasileiro, ainda que sob os ditames imperiais de Portugal, mas

---

<sup>9</sup> Uso equivalente ao da expressão “bom selvagem tropical” utilizada por Marilena Chauí. In CHAUI, 1989:96.

<sup>10</sup> In DIAS, 1996:11.

também começaram a institucionalizar a sua marginalização frente aos puritanismos e tradições arraigados do território europeu.

E para que se possa refletir sobre tal processo de marginalização, além das considerações iniciais do presente tópico – sobre os elementos território, região e colonização –, entende-se pertinente proceder à análise de três vertentes perceptivas da língua portuguesa no Brasil (a ufanista, a dialetal e a regionalista).

## **1.2 – VERTENTE UFANISTA**

### **O BRASIL, A “QUESTÃO DA LÍNGUA” E A SOBERANIA NACIONAL**

Um passo inicial para a análise da vertente ufanista de percepção da língua portuguesa no Brasil é a definição do que vem a ser ufanismo. Em Houaiss (2003:678), encontram-se os sinônimos “civilismo, nacionalismo, patriotismo”. Para Ferreira (1980:1436), ufanismo é uma “atitude, posição ou sentimento dos que, influenciados pelo potencial das riquezas brasileiras, pelas belezas naturais do país, etc., dele se vangloriam, desmedidamente.”. E para trazer mais uma idéia do que seja o objeto que ora se pretende definir, tem-se em Cunha (1982:801) o verbete *ufania*: “ vaidade descabida, vanglória, jactância, soberba.”. Diante desses conteúdos, captar a idéia de que ufanismo está intimamente ligado ao sentimento do brasileiro pelos aspectos de seu país é natural.

Para reforçar a idéia que se quer traçar de ufanismo para o entendimento da vertente de percepção em discussão, vale recorrer novamente a Ferreira (1980:967) para destacar o que é nacionalismo, um dos sinônimos de ufanismo apontado por Houaiss. Nacionalismo encontra-se assim definido no referido autor: “exaltação do sentimento nacional; preferência marcante por tudo quanto é próprio da nação à qual se pertence; patriotismo.”. Nesse sentido, nacionalismo seria um primeiro estágio do ufanismo, já que para ufanar, agir com ufanía, é preciso primeiro que se seja nacional e daí envaidecer-se descabidamente, vangloriar-se, jactar-se de seu país e então soberanizá-lo,

Diante desse quadro de definição de ufanismo, entendido como um nacionalismo exacerbado, pode-se então proceder a outros componentes que compõem a vertente ufanista de percepção da língua portuguesa no Brasil.



O primeiro deles é que a ufanía só é possível de ser entendida a partir de um dado território e de um dado povo. O território em questão é o brasileiro, onde também se fala a língua portuguesa<sup>11</sup>. Mas o povo é o brasileiro. O ponto que interessa é que não é desde sempre que a língua portuguesa está no Brasil e que não foi desde sempre que os brasileiros falaram português. Tal fato pode parecer corriqueiro para ser mencionado agora, mas tem uma carga histórica muito forte, e, a propósito, algumas considerações sobre a colonização do território nacional já foram tecidas no item 1.1.

Não é o caso de retomá-las aqui, mas de se destacar especialmente um relevante efeito provocado pela determinação do Marquês de Pombal com a sua Lei do Diretório, de 03 de maio de 1757, e que já vinha se delineando com a determinação de D. João V aos jesuítas de que ensinassem português aos índios<sup>12</sup>, há trinta anos: a *questão da língua*, de que trata Luís Francisco Dias<sup>13</sup>. A *questão da língua* é, pois, o segundo componente em análise.

Simultaneamente à oficialização do ensino da língua portuguesa no Brasil, ainda colônia, aconteceu o forte incentivo do culto aos clássicos portugueses, sob o argumento de serem clássicos da língua. Mas qual seria a língua do Brasil? Talvez fosse mais adequado se pensar em línguas.

*...a implantação dessa política de ensino da língua portuguesa encontrará no Brasil uma clientela diferente da de Portugal, o que 'fará aqui surgir uma questão da língua quando, em Portugal, deixava ela de existir'. A questão da língua, no Brasil, estaria relacionada à profunda separação entre língua escrita e língua falada, haja vista a ausência completa, durante quase dois séculos e meio, de qualquer tipo de política cultural e educacional por parte da metrópole.*<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> Além de Portugal e Brasil, outros países têm a língua portuguesa como idioma nacional. O Brasil se destaca por ser o maior em extensão territorial e em número de falantes. A língua portuguesa tornou-se fator de integração e cooperação entre os países membros da CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, que são sete. Mas a união também representa a idéia de assegurar a presença política de tais países no cenário internacional.

<sup>12</sup> Cfe. Trecho da Carta Régia de 12 de setembro de 1727. Apud DIAS, 1996:11.

<sup>13</sup> Idem: 12.

<sup>14</sup> Ibidem.

A *questão da língua*, a qual se refere Dias, reitera a imagem de ladrilhador do colonizador português, que não contava com o seu futuro estabelecimento nas novas terras, imagem discutida anteriormente no item 1.1. A falta de um planejamento para o desenvolvimento da colônia por tanto tempo, foi o efetivo começo da convivência de realidades extremamente díspares em um mesmo território. No âmbito educacional, a *questão da língua* desvelou definitivamente a diferença entre o português escrito e o falado no Brasil.

*Essa é a **questão da língua**. Uma vez que a língua portuguesa adquiriu sentidos diferentes para brasileiros e portugueses, essa **questão** repercutirá na polêmica entre José de Alencar e Pinheiro Chagas, em meados do Século XIX, como também alimentará as discussões em torno da “autonomia” da língua praticada no Brasil, bem como as discussões em torno da denominação do idioma, no século passado e no presente século.<sup>15</sup>*

Emergiram, então, as classificações do bom e do mau português, para servirem às variações que a língua portuguesa vivenciava no território brasileiro. Essas classificações são o terceiro componente da análise que se propõe.

O bom português seria aquele tal e qual se falava e escrevia em Portugal e o mau português mostrava-se uma classificação bastante ampla, pois abarcava todas as demais variações da língua que não se enquadrassem na primeira. Importante frisar que para análise de qualquer classificação é preciso ter ciência do referencial, de um parâmetro a partir do qual se atribui nomes, números ou outros rótulos, para que, por meio de comparações, processem-se as distinções.

Nos primórdios do pós-descobrimento, ocorreu a classificação dos nativos em bons ou maus selvagens, dependendo de sua natureza reativa aos ditames (leia-se atos violentos e interesses duvidosos) do desbravador europeu. Com a língua, aconteceu o mesmo. O referencial a partir do qual surgiram as classificações foi desde sempre a língua do colonizador, pura, tradicional, histórica, o bom português.

---

<sup>15</sup> In DIAS, 1996:12. (Termos destacados pelo autor).

E o que inicialmente era somente a denominação do dialeto crioulo da língua portuguesa falada em Angola, considerada a variante mais fácil de entendimento, por viajantes e intérpretes, o termo caçanje passou a ser mais imediatamente associado no Brasil à língua portuguesa mal escrita ou mal falada. O termo, então, passou a significar todas as variações do mau português, aquelas não correspondentes à variante da metrópole.

A importância do Estado na questão de tratamento do idioma de uma nação aparece como o quarto componente da presente análise. Para o intento, muito apropriadamente Moraes refere-se ao pensamento de Santos:

*O autor diz ainda que... o Estado é o agente de transformação, de difusão e de dotação. É o intermediário entre as forças internas e externas. Assim, não é passivo; ao contrário, orienta os estímulos e é o grande criador das “rugosidades”. O Estado manifesta o modo de produção, nas várias porções da Terra e é por este determinado; logo, passa a sua lógica ao estabelecer e dirigir a ordem espacial. ...Coloca que as diferenças dos lugares são naturais e históricas, e que a variação da organização do espaço é fruto de “uma acumulação desigual de tempo”. Essa organização é uma combinação de variáveis, resíduos vivificados pelo tempo presente, unificados num movimento geral pelo Estado,..., uma articulação de elementos naturais e processos históricos, de passado e presente, “variáveis assíncronas, funcionando sincronicamente”.<sup>16</sup>*

Associar a perspectiva de Santos sobre o papel do Estado à *questão da língua* no Brasil é um interessante exercício que ratifica a pertinência de suas afirmações. Sim, pois se equivalem as disparidades das línguas que convivem no mesmo espaço às “rugosidades” criadas pelo Estado, como coloca Santos.

No intuito de controlar, unificar e padronizar seu território, para assegurar a soberania nacional e fazer valer seus interesses, o Estado por vezes depara-se com forças opositoras e resistentes, mas igualmente depara-se, outras vezes, com forças conformadas e viabilizadoras de seu poder. Assim foi nos tempos do Brasil Colônia, do Império, da República... e assim ainda o é.

---

<sup>16</sup> In MORAES, 1983:124-125.

*“Se, no Império, o Imperador é aquele que está acima do corpo social, na República, são as forças armadas que, colocando-se como lugar externo, são capazes de arbitrar o texto da lei. Assim, “a cidadania se vê formulada e instabilizada pelo lugar que a formula”.<sup>17</sup>*

Sabedores de seu poder perante a nação, muitos governantes se utilizam de discursos e políticas ufanistas para atingirem seus objetivos, nem sempre coadunantes aos dos clamores populares. Populares que nem sempre são reconhecidos cidadãos, mesmo adorando sua pátria. A esse respeito, pertinente se torna retomar o competente estudo de Dias sobre a semântica da enunciação, pois pode fornecer à vertente ufanista de percepção da língua portuguesa no Brasil ricos exemplos de posicionamentos favoráveis ou não à mudança de denominação do idioma nacional para língua brasileira. Discussão que sem dúvida, por si só, já comprova a diferenciação das línguas dentro do território brasileiro e reforça a *questão da língua*.

Os exemplos provêm dos Anais de importantes instâncias de poder nas décadas de 30 e 40, como a Câmara Municipal do Distrito Federal, da Câmara Federal e da Assembléia Constituinte de 1946, e foram utilizados por Dias para sustentar sua análise<sup>18</sup>. Com base em alguns excertos de alguns exemplos, é possível um direcionamento que busque enfocar a questão temporal da discussão sobre a denominação língua portuguesa ou língua brasileira para o idioma do Brasil, no âmbito do Estado. Delineia-se, assim, mais um componente da presente análise.

As discussões em torno de projeto de lei que propunha a mudança de denominação da língua portuguesa no Brasil encorparam-se, subsidiando o auge do nacionalismo no Brasil, ainda muito presentes na retórica política contemporânea, porém com um contingente crítico e um descrédito maiores por parte dos brasileiros.

Das manifestações contrárias à mudança, destacam-se as seguintes:

---

<sup>17</sup> In DIAS, 1996:44.

1 - Não recuso o meu voto ao projeto..., devido ao facto de recear que pareça uma falta de patriotismo negar que no Brasil se fala a língua brasileira. Entretanto, imensa seria a minha satisfação se o brasileiro, que se falla em nosso paiz, fosse igual ao brasileiro que todos os brasileiros escrevem. (Vereador Jansen Mülle, 1935)<sup>19</sup>

2 – Existirá, de fato, uma língua brasileira? Talvez que sim. Mas não é a em que falam os homens educados. Não é a em que nós, Deputados do Parlamento, nos exprimimos, mesmo na intimidade. Não é a em que oramos e escrevemos. Não é a com que convivem e conviveram os nossos maiores prosadores e poetas.... Não é enfim a língua com que se edificou o nosso já considerável patrimônio literário. ... Chama caçanje como poderia chamar macarrônica, sem alusão ao que se pareça com o italiano.... (Deputado Aureliano Leite, 1935)<sup>20</sup>

3 – Para livros didacticos, a inovação é ainda menos sustentável. Não devemos dar noções falsas á (sic) mocidade, fomentando um futil (sic) nativismo com o desvirtuamento da verdade. Devemos, ao contrário, dar-lhe do Brasil uma noção exata, do que somos, do que possuímos, do que valemos, sem os entusiasmos creoulos dos rios caudalosos, das minas inexauríveis, das cidades maravilhosas. Muito menos dizer-lhe de um língua imaginária, nem ainda dialecto, simples variação dialectal da augusta língua de Camões, Vieira, Ruy e Bilac. ... Se o projecto tivesse em mira, com a nova denominação, um simples prurido de nativismo, ingenuo, mas innocuo, não mereceria demorada opposição. Mas o intento occulto é preparar, com o nome novo, uma, cada vez maior, diferenciação do idioma pátrio, tolerando e estimulando todos os rebentos da gíria nacional – das betesgas das favellas á (sic) libertinagem dos casinos, de modo a forjar-se, de facto, primeiro um dialecto, depois uma língua autónoma.... (Deputado Acyilino de Leão, 1935)<sup>21</sup>

4 – Jamais hei de confundir um português evolucionário em nossa terra, belo, como foi sempre bela a nossa língua, com o patuá do povo ignaro, com a língua da tia Josefa, a cozinheira. Quero escrever quanto possível no português de Bilac, de Coelho Neto e de Euclides da Cunha. (Prof. Otoniel Mota em carta ao Deputado Altino Arantes)<sup>22</sup>

---

<sup>18</sup> Idem: 47-63.

<sup>19</sup> In DIAS, 1996:47.

<sup>20</sup> Idem: 49.

<sup>21</sup> Idem: 53.

<sup>22</sup> In DIAS, 1996:58.

Por meio das palavras destacadas, tem-se que o discurso ufanista do Estado pode não apenas negar uma realidade, no caso a existência de uma língua distinta da de Portugal, inclusive na escrita, mas pode igualmente tentar desconstruí-la pelo desvalor, pelo achincalhe, pela manutenção e disseminação de preconceitos comuns aos primeiros desbravadores. O patriotismo dos deputados, homens do Estado que representam o povo, classifica a língua brasileira de caçanje – que como já visto seria o mau português –, e permite inferir que a realidade de valor é o que possuímos: a língua portuguesa em seus moldes clássicos. Ao tempo em que enaltecem um valor nacional, de domínio restrito dos “nobres deputados”, de literatos e outras minorias de elite, reconhecem, sem o intento de fazê-lo, a existência de “rugosidades” incômodas no território nacional.

Por outro lado, do discurso propositor da mudança, do Deputado Frederico Trotta, tem-se:

*O dia em que passarmos a denominar de brasileiro o idioma em que exprimimos as nossas idéias, os nossos desejos, as nossas dores, as nossas vontades, as nossas imposições de character nacional, teremos resurgido (sic), derrubando a pedra sepulchral que fecha hermeticamente o pensamento traduzido em lingua portugueza.*

...

*Sr. Presidente, quase tres séculos após o descobrimento do Brasil, a lingua portugueza creou alma nova. Como tronco que, talvez, não vingasse, ella se distendeu em ramos frondosos, acobertada por essa natureza exuberante, que é a brasileira, parecendo pedir, desde então, vida propria, genuinamente nacional, e naturalização. Pretendemos naturalização, digo, porque ella é necessária, em virtude de que, no Brasil, a lingua adquiriu feição mais bella, mais musical, mais racional mesmo, porque afastada das regras litterarias dos clássicos.*

...

*Bem sei, aliás, que alguns dos nossos mestres se pautaram pela litteratura franceza, cujos moldes procuraram seguir, cujas regras tentaram assimilar. Entretanto a natureza e o homem afastavam, completamente, a nossa mentalidade litteraria, bella e exuberante, da européa.*

...

*Entretanto, não será de mais que ao Brasil caiba o direito de denominar de língua brasileira essa língua tão cheia de suavidade, que fallam as brasileiras, essa língua também cheia de heroísmo que fallam os brasileiros.*<sup>23</sup>

Nos trechos do discurso favorável à mudança da denominação da língua do Brasil, também há partes em destaque que constroem uma vertente ufanista, afirmativa da existência de uma realidade lingüística diversa da que foi determinada como oficial aos brasileiros. O discurso, ao tempo em que enaltece “essa língua também cheia de heroísmo que fallam (sic) os brasileiros”, rechaça o tradicionalismo da língua portuguesa, a carga clássica do idioma europeu.

Diante do quadro apresentado e comentado, tem-se que até hoje não houve de fato a mudança oficial na denominação da língua portuguesa que se fala e se escreve no Brasil. Porém, é fato que muitas mudanças ocorreram, desde que a Lei do Diretório foi decretada, tanto no campo político, como no social e, inclusive, o educacional. Mas mudanças não significam necessariamente uma transformação para o melhor.

O que a discussão parlamentar demonstra é que sempre houve e sempre haverá forças de interesses distintos lutando para que sejam de um modo ou de outro validados. Isso tudo para assegurar o poder, aí entendido de forma ampla e inclusas suas várias formas (poder de coerção, econômico, de decisão, de representação, territorial). E para o exercício de tal poder, ou poderes, a questão da soberania nacional sempre foi peça-chave. A língua é um patrimônio nacional, um fator importante de dominação e de identificação de um povo, daí porque a polêmica em torno de um rompimento com a “matriz”. Para alguns, pode representar ameaça à manutenção do *status quo*, para outros, a retomada das rédeas de seu próprio território.

*Os territórios possíveis levam ao fim e ao começo. Põe-se o real como pedaços que se sabem pedaços. O fazer e o pensar indagam: de quem é o pedaço?*<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> In DIAS, 1996:60-62.

Como instrumento fundamental, soberano e norteador para as discussões que se colocam, a Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988, é documento supremo e representativo da Nação Brasileira. Ao regular todos os temas relacionados às questões nacionais (ou pelo menos pretender tal amplitude ou, ainda, remeter a regulações específicas), alguns artigos da Constituição Federal permitem que se tenha uma noção sobre como a língua é tratada. Este é o sétimo e último componente da análise sobre a vertente ufanista de percepção da língua portuguesa no Brasil.

No Capítulo III – Da Nacionalidade, da Constituição Federal, o artigo 13 dispõe que a língua portuguesa é o idioma oficial do Brasil e no Capítulo VIII – Da Ordem Social, Seção II – Da Cultura, o artigo 216 dispõe sobre o que vem a ser o patrimônio cultural brasileiro:

*... bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:*

*I – as formas de expressão;*

*II – os modos de criar, fazer e viver;*

*...*<sup>25</sup>

Apesar de não incluída de forma específica no artigo 216, a língua é uma forma de expressão e, por isso, patrimônio cultural. Mais: as alterações da língua, as adaptações, os sotaques, os vocábulos novos, as gírias etc. são igualmente patrimônio cultural, por constituírem “modos de criar, fazer e viver” língua. A língua portuguesa, que é o idioma oficial do Brasil. Daí se tem que para ser patrimônio cultural do povo brasileiro, ser o valor de uma nação, ser representativa de um território reconhecido como País, a língua não pode ser considerada nem somente “a augusta língua de Camões, Vieira, Ruy e Bilac” e nem somente “a língua da tia Josefa, a cozinheira”. É patrimônio porque é conjunto, é de valor porque é viva, é soberana porque tem história, é de se orgulhar porque é brasileira, é de todos.

---

<sup>24</sup> SILVA, Armando C. *De quem é o pedaço?* S.l.: Editora Espaço e Cultura, s.d. Apud MORAES, 1988:8.

<sup>25</sup> In Constituição Federativa da República Federativa do Brasil, 1988:141-142.



Quanto a esse aspecto da língua como valor nacional, sujeita às deliberações do Estado e ao mesmo tempo autônoma, um interessante levantamento cronológico sobre o que dispuseram as leis ainda imperiais e as dos regimes políticos que se seguiram, é apresentado por Faulstich. De modo paralelo a esse levantamento, Faulstich aprofunda a questão da valoração da língua como patrimônio cultural e discute a questão da planificação lingüística, proposta que sempre se mostrou presente ao longo da história política brasileira, ora de modo mais inflamado, ora de modo mais discreto.

*É curioso observar que os documentos que, no decorrer da história, legislam a língua portuguesa no Brasil denominam a Língua das mais diversas maneiras – língua nacional, língua pátria, língua vernácula – títulos que vão aparecer, principalmente, nos manuais escolares.<sup>26</sup>*

Vistos, então, alguns componentes que constituem a vertente ufanista como uma das formas de se pensar a língua portuguesa no Brasil – como o território e o povo, a *questão da língua*, o bom e o mau português, o papel do Estado, os discursos do Estado, a questão temporal e a legislação –, pôde-se dimensionar que tais componentes se referem à própria valoração do País. Pôde-se dimensionar a complexidade de cada um dos componentes e refletir sobre a existência de outros mais, aqui não diretamente analisados, mas responsáveis pela maneira como a história tratou os aspectos relacionados à língua e de que modo o povo brasileiro, e seus representantes, puderam “vangloriar-se desmedidamente”, “jactar-se” de sua língua.

---

<sup>26</sup> In FAUSTICH, Enilde. *Planificação lingüística e problemas de normalização*, s.l., s.d. Artigo constante do site TERMILAT-Terminologie et industries de la langue de l’Union latine: [www.termilat.info/public](http://www.termilat.info/public).



### 1.3 – VERTENTE DIALETAL

#### LÍNGUA BRASILEIRA: UMA CONSTATAÇÃO HISTÓRICA

Outra vertente perceptiva para se delinear uma forma de pensar a língua portuguesa no Brasil é a dialetal, que se vale da dialetologia. Por dialetologia entende-se o estudo lingüístico dos dialetos<sup>27</sup>. E dialeto é “variedade de uma língua, que surge de peculiaridades locais; linguagem, idioma, conversação.”<sup>28</sup>. Dialeto é linguajar, é um modo de falar. Então, o que se pretende neste tópico é considerar os aspectos que envolvem a língua portuguesa sob uma perspectiva do modo de falar, do dialeto.

Ferreira e Cardoso contribuem para a conceituação de dialeto, após relacionarem diferenças internas de uma língua histórica:

*Depreende-se... que os falantes de uma mesma língua, mas de regiões distintas, têm características lingüísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam da mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação. Tudo isso deixa evidente a complexidade de um sistema lingüístico e toda a variação nele contida. Desse modo chegar-se-á mais perto do conceito de **dialeto**, subsistema inserido nesse sistema abstrato que é a própria língua.<sup>29</sup>*

Entretanto, não há necessidade de se conceituar estritamente dialeto, pois o que se tenciona é que este possa ser distinguido de língua e possa de maneira semelhante ser entendido como parte integrante da língua, parte de um conjunto de modos de falar uma língua, que podem ou não virem a se tornar também uma língua ou línguas autônomas. Para reforçar a distinção e ratificar o entendimento de dialeto, Coseriu assim se posiciona:

---

<sup>27</sup> Cfe. FERREIRA, 1980:477.

<sup>28</sup> Cfe. CUNHA, 1982:261.

<sup>29</sup> In FERREIRA e CARDOSO, 1994:12 (termo destacado pelas autoras).

*Um dialeto, sem deixar de ser intrinsecamente uma língua, se considera subordinado a outra língua, de ordem superior. Ou, dizendo-se de outra maneira: o termo dialeto, enquanto oposto a língua, designa uma língua menor incluída em uma língua maior, que é, justamente, uma língua histórica (ou idioma). Uma língua histórica – salvo casos especiais – não é um modo de falar único, mas uma família histórica de modos de falar afins e interdependentes, e os dialetos são membros desta família ou constituem famílias menores dentro da família maior.<sup>30</sup>*

Mas o dialeto, tal como foi conceituado no primeiro parágrafo, é linguagem. E linguagem é um código, um sistema de comunicação, uma forma de expressão utilizada pelos indivíduos. Para a percepção dialetal que ora se analisa, será considerada apenas a linguagem verbal, oral ou escrita, objeto de estudo da Lingüística.

Sob a ótica dessa ciência surgida no século XX é que o entendimento do que vem a ser língua se aproximou da imagem de processo. Exatamente por resultar de processos histórico-sociais e a partir deles também sofrer adaptações, perdas, acréscimos, enfim, evoluir. Por essa razão, Ferreira e Cardoso colocam que “falar de língua portuguesa ou de qualquer outra é operar uma abstração e uma generalização consideráveis uma vez que sob essa denominação de língua há uma gama de variações...”(FERREIRA e CARDOSO,1994:11).

Portanto, e por ser parte da língua, da abstração, o dialeto, para ser considerado, estudado e sistematizado, necessita de metodologia e análise próprias. E a dialetologia é um “braço” ou ramificação da Lingüística que se ocupa da metodologia de investigação e levantamento e da análise dos dialetos.

*Todavia, não se pode negar que a dialetologia... demonstrou, e demonstra até os dias de hoje, seu maior interesse pelos dialetos regionais, rurais, sua distribuição e intercomparação, portanto não parece atitude parcial ou incoerente identificá-la com a lingüística diatópica, horizontal. ... Também é verdade que muito antes da sociolingüística se ter fixado como um novo ramo da*

---

<sup>30</sup> In COSERIU, E. *Sentido y tareas de la dialectología*. México. Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982. pp. 11-12. Apud FERREIRA e CARDOSO, 1994:16.

*ciência e da linguagem ..., a dialetologia já interpretava os fatos lingüísticos segundo diferenças sociais, profissionais, de nível de escolaridade, etárias, de sexo, etc. A dialetologia, portanto, já há muito tempo uso de recursos interpretativos que passaram a ser posteriormente definidos como da sociolingüística.*<sup>31</sup>

Sociolingüística e Dialetologia: ciências recentes, com áreas de interesse muito próximas e que costumam se interseccionar, principalmente no que se refere ao reconhecimento da não uniformidade lingüística. Porém, como o foco de análise deve se voltar para a Dialetologia, cabe registrar que “se a dialetologia tem como finalidade geral o estudo das falas, deverá tratar tanto das suas variedades regionais como das sociais...”<sup>32</sup>

Apesar de o estudo dialetal não ser completo por si, vez que é parte de uma interpretação maior, a realidade lingüística, é sem dúvida uma importante e essencial contribuição para a percepção da língua (histórica) portuguesa no Brasil. Estudos não considerados científicos, mas relevantes como registros e primórdios da dialetologia no Brasil, demonstram, ainda que apenas pela análise de seus títulos, que a *questão da língua* – abordada anteriormente no item 1.2 –, era um fato.

*Dicionário da língua brasileira* (1832), *Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa* (1853), *Estudos lexicográficos do dialeto brasileiro sobre algumas palavras africanas introduzidas no português que se fala no Brasil* (1880), *Glossário de vocábulos brasileiros, tanto dos derivados conhecidos como daqueles cuja origem é ignorada* (1833-1884) e o curioso *Dicionário brasileiro da língua portuguesa* (1888) são alguns dos quatorze trabalhos relacionados por Ferreira e Cardoso (1994:38) como característicos da primeira fase dos estudos dialetais no Brasil. Os termos em sublinha atestam a diferença entre a língua portuguesa do Brasil e a língua portuguesa de Portugal. Interessante notar que o primeiro trabalho relacionado, *Dicionário da língua*

---

<sup>31</sup> In FERREIRA e CARDOSO, 1994:18.

brasileira, datado de 1832, é aproximadamente setenta e cinco anos posterior à Lei do Diretório, que se utiliza do termo língua portuguesa. Comparando-se o tempo que se levou para legislar sobre a língua das novas terras (por volta de 257 anos após o descobrimento) e o tempo que se levou para constatar as diferenças entre a língua oficial e a usual após a determinação do Marquês de Pombal, pode-se inferir que tal trabalho representou um avanço na *questão da língua*, ainda que tenha sido apenas de natureza lexicográfica.

Já no começo do século XX, mas ainda de natureza estritamente lexicográfica, e por isso mesmo classificados como da primeira fase da Dialectologia, Ferreira e Cardoso relacionam quatro trabalhos, dos quais se destacam dois: *Apostilas ao dicionário de vocábulos brasileiros*, de 1912, e *Dicionário de brasileirismos*, de 1913 (1994:38). Novamente estão sublinhados os termos que comprovam que as diferenças entre as línguas de Brasil e Portugal persistiam.

Tais trabalhos parecem ter sido os responsáveis, senão de todo, mas em grande parte, por uma marca muito forte na língua portuguesa do Brasil: a de ser um dialeto da língua portuguesa de Portugal. Sim, pois mesmo depois das fases seguintes dos estudos dialetais<sup>33</sup>, ainda se pode encontrar tal concepção ideológica em vários discursos, como os dos deputados das décadas de 30 e 40, citados no item 1.2, ou dos alguns gramáticos da atualidade.

---

<sup>32</sup> In BLANCH, J. L. *La Sociolingüística y la dialectología hispánica*. In *En torno a la sociolingüística*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, pp. 33-58, 1978. Apud FERREIRA e CARDOSO, 1994:17.

<sup>33</sup> Segunda fase: estudos de natureza gramatical, de 1920 a 1951; terceira fase: estudos da geografia lingüística do Brasil, de 1952 em diante. Cfe. FERREIRA e CARDOSO, 1994:37-62.

Contudo, ainda que se venha a considerar a língua portuguesa do Brasil como um dialeto da língua portuguesa de Portugal, como poderiam ser classificados os dialetos que compõem o “dialeto” brasileiro? De fato, tantos e tão variados são os estudos dialetais de língua portuguesa no Brasil, que se torna muito frágil a sustentação da hipótese de a língua do país ser um dialeto da de outro. Nas palavras de Celso Cunha: “abandonemos, pois, esse ensino inoperante de regras e exceções. Estudemos a língua.”<sup>34</sup>

Entender a língua do Brasil como dialeto da língua de Portugal é negar-lhe a história, a evolução, a existência. Afinal, antes de a língua portuguesa desembarcar no Brasil, o território não era mudo, havia os falares indígenas, que compunham a língua nativa. Mas esta foi praticamente dizimada pela ocupação do colonizador, pelas misturas advindas deste fato, pela criação de línguas intermediárias – como a língua geral ou *nheengatu* –, pela posterior introdução de vários dialetos das línguas africanas etc. E para Portugal também seria muito difícil estabelecer a língua do Brasil como uma variante dialetal da sua, mesmo porque em seu próprio território (o europeu) já se lhe era difícil conhecer os vários dialetos.

É fato, porém, que a perspectiva da Dialetologia é se interessar pelas variedades rurais e urbanas da língua, mas como proceder a um estudo completo do gênero considerando toda a extensão continental do Brasil? Este foi o problema gerado pela determinação constante do Decreto 30.643, de 20 de março de 1952: elaborar um atlas lingüístico do Brasil. Em termos de ciência dialetológica, a impossibilidade operacional e, conseqüentemente, qualitativa de se traçar o atlas brasileiro, esta colocada. A saída foi optar pela execução dos estudos regionais, para posterior composição do atlas lingüístico nacional. A opção foi defendida por Antenor Nascentes<sup>35</sup>, com base no modelo investigativo adotado pelos Estados Unidos:

---

<sup>34</sup>In *Uma política do idioma*. Rio de Janeiro: São José, 1968. p. 20. Apud FERREIRA e CARDOSO, 1994:47.

*Embora seja de toda vantagem um atlas feito ao mesmo tempo para todo o país, para que o fim não fique muito distanciado do princípio, os Estados Unidos, país vasto e rico e com excelentes estradas, entregou-se à elaboração de atlas regionais, para mais tarde juntá-los nos atlas geral. Assim também devemos fazer em nosso país, que é também vasto, ainda mais, pobre e sem fáceis vias de comunicação.<sup>35</sup>*

Em que pese a utilização do argumento de que o que é bom para os EUA é bom para o Brasil, nem pela primeira nem pela última vez, o modelo externo foi utilizado para a realidade do País. Talvez até mesmo a proposta da confecção de um atlas nacional, antes de se tornar Decreto, também tenha sido baseada em padrões externos. Mas aí já se tem outra questão, a dos propósitos que levaram à publicação do Decreto, que não será levada adiante aqui.

Língua, dialeto, idioma... qual, então, o termo adequado para se atribuir ao que se fala no Brasil? Uma língua, é certo, trabalhada pelos aspectos histórico-sociais, uma língua histórico-social brasileira. Mas a necessidade de um rótulo ou denominação não pode ignorar que a língua brasileira seria, igualmente, o conjunto dos dialetos do Brasil, interpretado como uma grande região onde se fala a língua portuguesa (na perspectiva dialetologia) ou, ainda, o idioma da nação brasileira, um todo significativo e fator de integração do território nacional (na perspectiva ufanista).

Pela perspectiva ufanista, analisada no item 1.2, a língua do território brasileiro precisa deixar o sentimento de inferioridade, de dependência, e definir-se autônoma e soberana, daí as discussões em torno da denominação da língua (língua brasileira, língua nacional, idioma nacional etc.). Já pela dialetal, a língua e seus aspectos mostram-se mais próximos da questão geográfica.

Nesse sentido, a língua viria a ser mais um componente que se prestaria para a delimitação da região, além do clima, relevo, substrato rochoso, vegetação, fauna, organização econômica (indústrias, agricultura, pecuária, piscicultura etc.).

---

<sup>35</sup>Cf. FERREIRA e CARDOSO, 1994:45.

<sup>36</sup>In NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*, I Rio de Janeiro: Casa de Ruy Barbosa, 1958. p.7. Apud FERREIRA e CARDOSO, 1994:52.



Mas não seria apenas “mais um” e sim um elemento muito significativo, um instrumento técnico-operacional de delimitação da região, em sentido amplo. Isso porque, conforme item 1.1 – Considerações iniciais, a região só se caracteriza como tal por conta do componente humano, que age e transforma o meio natural em meio social. E não existe meio social sem língua, sem um sistema de códigos para estabelecer a comunicação entre os indivíduos. Essa concepção de instrumento técnico-operacional da região se tornou relevante para a Lingüística, e em especial para a Dialetoлогия.

Entretanto, o dialeto não se relaciona somente com as variações diatópicas (geográficas), mas também com as variações diastráticas (socioculturais) e com as diafásicas (modalidades e estilos de expressão). Por isso é que, apesar de o conceito de região ser relevante para os estudos dialetológicos, nem sempre as regiões dialetais correspondem às regiões físicas, aos espaços delimitados geograficamente. As regiões dialetais não se restringem às divisões cartesianas. Desse fenômeno são exemplos as cartas lingüísticas extraídas de alguns atlas regionais<sup>37</sup>, produzidos para alguns estados brasileiros, cujas marcas limítrofes de variações dialetais em nada correspondem às divisões geopolíticas de municípios ou, ainda, extravasam de forma natural os próprios limites estaduais.

A região dialetal pode não corresponder somente à região física ou à distribuição social em um dado território, igualmente pode não corresponder de forma isolada às formas de expressão de determinados grupos sociais com funções sociais determinadas, que têm seu modo particular de “ler” o mundo.

Talvez fosse relevante trazer para a presente análise uma proposta que levasse em conta todos os aspectos levantados: a noção de dialeto, o caráter subjetivo da definição de região, a distribuição social no território, a divisão do trabalho e a conseqüente caracterização do *modus operandi* da mão-de-obra no espaço, a produção social do espaço, etc. Mas muitos aspectos envolvidos constituem abstrações, produtos do pensamento e da expressão humanos,

---

<sup>37</sup> Cf. FERREIRA e CARDOSO, 1994:14-15, 71-72,82-83.

variados poderiam ser os resultados e talvez não tão confiáveis quanto algo menor, de possível execução/reflexão.

De qualquer forma, ressalta-se que o que vale é o exercício investigativo no campo dialetal e têm havido muitos no Brasil, cada vez mais. Vale o interesse na caracterização dos aspectos da língua e da identificação dos dialetos, para desmistificar a noção de superioridade ou inferioridade lingüística. Vale evidenciar as diferenças dialetais, para proporcionar o sentimento de inclusão aos falantes, e também o sentimento de ação e de produção de uma realidade regional de valor, o que em muito tem contribuído para a elevação da auto-estima da língua portuguesa no Brasil e, principalmente, para a auto-estima do povo brasileiro.

Igualmente, vale prosseguir e proceder à análise da vertente regionalista de percepção da língua portuguesa no Brasil.

## **1.4 – VERTENTE REGIONALISTA**

### **BRASIL: REGIÃO OU NAÇÃO? A BUSCA DA IDENTIDADE**

Por regionalismo entende-se basicamente um conjunto de fatores que possuem reconhecimento por apresentarem uma linha de união que é a região, também se pode entender o termo como uma doutrina ou um sistema artístico, filosófico, político ou religioso que considera determinada região e seus elementos. Para o presente tópico de análise – em que pretende introduzir mais uma vertente perceptiva para uma forma de se pensar a língua portuguesa no Brasil –, a idéia de regionalismo com que se irá trabalhar é a que se refere ao campo artístico, mais especificamente o da literatura.

Mas pensar o regionalismo do ponto de vista literário não exclui de forma alguma as manifestações políticas, filosóficas ou religiosas que caracterizam uma região. Antes de tudo, destacar a perspectiva literária para entender o regionalismo é uma opção interpretativa da realidade, uma opção que muito tem de subjetivo, pois cada autor tem a sua própria história e a sua forma de perceber o mundo.

As escolas e os movimentos literários muito têm a dizer sobre o modo como seus autores perceberam suas realidades ou como as negaram, muitas vezes privilegiando seus próprios sentimentos, ignorando todos os demais seres e aspectos da vida. Outras vezes, enalteceram realidades distantes das que viveram e desvalorizaram as que estavam inseridos. Sujeitos regionais, em uma primeira instância, muitos autores brasileiros, de até meados do Século XIX, pareciam almejar uma outra realidade, distinta da que viviam, mas próxima da cultura clássica, a européia, o modelo desde sempre perfeito. Ou, ainda, ansiavam alcançar planos de vida espirituais, e a vida em qualquer realidade física não tinha nenhum valor.

No período anterior às discussões sobre o Projeto de Lei citado no tópico 1.1, que propunha a mudança de denominação da língua portuguesa para língua

brasileira, surgiu um movimento estético revolucionário que propunha um olhar sem máscaras para a realidade primeira que se dispunha à frente dos autores: a realidade brasileira. Por volta das primeira e segunda décadas do Século XX, a proposta era ambiciosa: perceber e falar sobre a grande região do Brasil, composta de inúmeras regiões particulares, ricas de significado. Falar do e sobre o Brasil Nação, elevar a auto-estima de um povo e valorizar tudo que era brasileiro, inclusive a língua. Tal movimento literário recebeu o nome de Movimento Modernista e será objeto de análise detalhada no Capítulo 2.

O que se destaca aqui, então, é que o interesse literário se voltou de uma forma surpreendente para tudo que se referia à composição da realidade brasileira (e como se verá também o de outras formas de manifestação artística, como a pintura, a música e a escultura). A língua assumiu, então, um lugar de destaque na literatura. Não propriamente como objeto de trabalho, mas como um novo instrumento que permitia aos autores representarem mais fielmente a percepção que tinham do universo brasileiro.

A língua utilizada distanciou-se do rebuscamento e da erudição, igualmente ignorou o formalismo, e os temas passaram a ser situações simples de realidades muito próximas. O choque por parte da crítica foi grande, pois apesar de não se vivenciar uma realidade européia, tudo o que viesse a destoar daqueles padrões era imediatamente rechaçado, e com o nariz torcido.

Porém, o Movimento Modernista não foi somente um movimento regionalista. Foi, acima de tudo, um movimento que propôs e exercitou o privilégio das temáticas nacionais, do detalhamento de hábitos e costumes brasileiros, de retalhos do Brasil, regiões que traziam rico material literário, inédito, “desbravando” e “descobrimo” o país por e para brasileiros. Principalmente, foi um movimento que pretendeu romper com os cânones tradicionais de arte (europeus), além de criar novas formas de expressão, originais, brasileiras.

Assim, a vertente regionalista de percepção da língua portuguesa no Brasil considera esse ideal de ruptura, o ideal modernista de reversão da ordem das coisas, da inquietude com uma situação lingüística imposta desde o

“descobrimento” do Brasil. Entretanto, apesar de muito próxima dos ideais modernistas, a vertente regionalista não é somente composta do referido movimento.

Pensar a língua portuguesa no Brasil sob tal vertente é pensar um conjunto de regiões não neutras, que trabalhou e trabalha historicamente as línguas que nele existiram e existem, que produziu e produz palavras particulares por se referirem a aspectos particulares do Brasil: que conferiu novos sotaques e ritmos à fala e que dotou a escrita de novos códigos. Da mesma forma, perceber a língua de modo regionalista é delinear uma língua do Brasil e apresentá-la como de valor, como patrimônio de um povo, apesar das reações dos representantes da língua pura e tradicional – que são, em verdade, apenas um percentual, e pequeno, da população brasileira.

Acima de tudo, a perspectiva regionalista se refere a um esforço cultural para pensar não somente a língua, mas toda a realidade brasileira, com o olhar interno e não a partir de padrões externos. A língua assume papel de destaque por conferir uma identidade a seu povo. Nesta percepção, o povo brasileiro é que pode estabelecer o que tem valor, e não os estrangeiros ou os puristas. É o povo brasileiro que deve exaltar o Brasil e as suas brasilidades. Seus autores o devem fazer.

A proposta de valoração dos itens regionais, de que se reveste a vertente regionalista, é a proposta de buscar uma identidade nacional, de esclarecer o propósito de existência do País: afinal, é uma região de Portugal ou é uma nação, autônoma?. Nesse ponto, talvez a vertente regionalista em muito se aproxime da vertente ufanista de percepção da língua, pois a proposta política é a de nação, de um todo territorial assim reconhecido, mas os aspectos que a história têm mostrado como de valor não têm sido próprios do Brasil, atrelam o território a comparações e parâmetros externos. Talvez alguns aspectos se tenham mostrado historicamente valorizados, mas ainda como fatos pitorescos – como fauna, flora e a natureza do povo. Mas são, via de regra, valorações herdadas de padrões estrangeiros, mas que ainda assim se prestam a demonstrar um local diferente da

matriz européia, uma grande região particular e exótica. Contudo, do ponto de vista social, não reconhecer os valores dessa grande região, ainda que exótica, ou privilegiar somente alguns (e aí também está se falando, e principalmente, da língua), é distanciar um povo de sua identidade.

Nesse sentido é que a manifestação literária modernista se configurou um marco revolucionário de uma nova proposta cultural para o País. Proposta que em seu centro atestou a diferenciação entre as línguas portuguesas de Portugal e do Brasil – de que basicamente se constitui a *questão da língua* (abordada no tópico 1.2) –, e que atestou fortemente a diferenciação cultural entre os povos destes dois países.

Então, além da vertente regionalista englobar a idéia de tratamento dos elementos de determinada região, a concepção literária de expressão artística – e em especial a proposta modernista de ruptura e inovação –, a busca de uma identidade nacional pela abordagem dos valores internos e a diferenciação cultural, também deve abordar a idéia de região em oposição à de privilégio de um centro cultural. A percepção regional se vale do olhar acurado e sensível para o que é realmente próximo, realmente “da terra”, para refutar o ideal etnocentrista.

A esse respeito, a contribuição antropológica de Roque de Barros Laraia sobre o que vem a ser o etnocentrismo e como se processam suas práticas é extremamente relevante:

*O etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão. ... Tais crenças contêm o germe do racismo, da intolerância, e, freqüentemente, são utilizadas para justificar a violência contra os outros. ...*

*A dicotomia “nós e os outros” expressa em níveis diferentes essa tendência. Dentro de uma mesma sociedade, a divisão ocorre sob a forma de parentes e não-parentes. Os primeiros são melhores por definição e recebem um tratamento diferenciado. A projeção desta dicotomia para o plano extragrupal resulta nas manifestações nacionalistas ou formas mais extremadas de xenofobia. ...*

*Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos*

*diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas, deprimentes e imorais.*<sup>38</sup>

Diante da visão de Laraia, seria pertinente apontar mais um componente ou uma outra leitura para a da língua portuguesa no Brasil: a perspectiva regionalista pode ser entendida como uma possibilidade de trasladação do eixo etnocêntrico para o Brasil, porém sem o uso de violência, de racismo ou intolerância, ou menos ainda de xenofobismo. Ao contrário, seria um modo mais brando de etnocentrismo, se é que se poderia classificar assim, distanciando-o da estrita conceituação antropológica e aproximando-o de um fenômeno nacional de reconhecimento da riqueza cultural do País, porém não excluindo nem menosprezando os componentes culturais estrangeiros.

Sob esse modo de pensar a língua, e também a cultura brasileira, talvez se possa efetivamente encontrar o desejo brasileiro de caminhar com passos próprios, sem negar um passado conjunto. Privilegiar os falares regionais para caracterizar a língua do território brasileiro, identificar a língua da nação e saber olhar-se com olhos próprios foi a proposta modernista, constituiu um projeto de manifestação artística, mas de mesmo modo constituiu a discussão política nacional. E, como demonstra Enilde Faustich em *Planificação lingüística e problemas de normalização*, artigo já citado, de tempos em tempos a discussão tem se afluído ao longo da história. O que, entretanto, pode ser destacado é que o período das primeiras décadas do Século XX teve real significado para a tentativa de instauração da referida “forma branda” de etnocentrismo.

---

<sup>38</sup> In LARAIA, 1993:75-76.

*A propósito, Edith Pimentel Pinto esclarece que o nacionalismo característico dos anos 20-45 manifesta-se, em assuntos lingüísticos, não só diretamente, pela campanha em favor da autonomia da variante brasileira, mas também obliquamente, em várias frentes de atuação, pelo esforço de firmar e comprovar essa autonomia. Nessas condições, dar-lhe uma forma gráfica mais ajustada à prosódia brasileira era uma necessidade básica; e outra a emergência de uma expressão sui generis –, mais evidente no campo do léxico, quer pelo recurso ao regional, quer pela experimentação neológica.<sup>39</sup>*

A vertente regionalista é, pois, uma outra forma ampla de pensar a língua portuguesa no Brasil, de considerar aspectos que vão além do certo e do errado, que propõe um outro eixo de parâmetro analítico (o interno). Não exclui as outras vertentes, a ufanista e a dialetal, e igualmente não tem seus componentes cartesianamente delineados.

E por essa perspectiva de conjunção de esforços, Mário de Andrade realizou um enorme “estudo dialetológico”, mesmo sem esse propósito como primeiro, como se discutirá no Capítulo 2, ou com o rigor de seguir as tarefas elencadas por Serafim da Silva Neto, em seu *Guia para estudos dialetológicos*, de 1957.<sup>40</sup>

Aproximadamente uns quarenta anos antes da publicação do *Guia* de Silva Neto, Mário de Andrade realizou estudos importantes, não obedecendo a todos os critérios da dialetologia, de fato, mas com um valor indiscutível. Por meio de suas pesquisas, seus estudos e suas obras, Mário de Andrade delineou um Brasil como grande nação regional de si mesma. Focou os detalhes, apresentou o folclore e as lendas de povos específicos, e construiu o todo brasileiro. E em literatura, ainda

---

<sup>39</sup> PINTO, Edith P. *O Português do Brasil*. (Seleção e apresentação de). Textos críticos e teóricos 2 – 1920/1945 – Fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros Técnicos Científicos; São Paulo: EDUSP, 1981. Apud FAUSTICH, Enilde. *Planificação lingüística e problemas de normalização*, s.l., s.d. p.6. Artigo constante do site TERMILAT-Terminologie et industries de la langue de l'Union latine: [www.termilat.info/public](http://www.termilat.info/public).

<sup>40</sup> O que caracterizaria um estudo dialetológico de fato, segundo Neto, seriam cinco tarefas: realização de sondagens preliminares; recolha de vocabulários seguindo as exigências técnicas; elaboração de monografias etnográfico-lingüísticas sobre determinadas áreas semânticas e sobre determinados falares de região; elaboração de atlas regionais e elaboração de atlas nacional. Cfe. FERREIRA e CARDOSO, 1994:46.



que não tenha sido classificado por críticos e estudiosos como um regionalista propriamente dito, na estrita acepção literária do termo – o que corresponderia a autores de uma segunda fase do Movimento Modernista –, o escritor vanguardista produziu sua obra como um verdadeiro experimento formal da língua brasileira. Pois, como bem comenta Candido,

*Mesmo quando não procuravam subverter a gramática, os modernistas promoveram uma valorização diferente do léxico, paralela à renovação dos assuntos. O seu desejo principal foi o de serem atuais, exprimir a vida diária, dar estado de literatura aos fatos da civilização moderna. ..., tomaram por temas as coisas quotidianas, descrevendo-as com palavras de todo dia, combatendo a literatura discursiva e pomposa, o estilo retórico e sonoro com que os seus antecessores abordavam as coisas mais simples.<sup>41</sup>*

Então, feitas algumas considerações sobre a vertente regionalista de percepção da língua portuguesa no Brasil, é pertinente prosseguir e apresentar uma reflexão sobre Mário de Andrade e o regionalismo.

---

<sup>41</sup> CANDIDO e CASTELLO, 2001:12-13.

## **CAPÍTULO 2**

### **MÁRIO DE ANDRADE E O REGIONALISMO**

“Quase todos os heróis que o são para todos os homens nasceram com traje regional, falando um dialeto e com uma carteira de identidade de localização exata.”

*Casi todos los héroes que lo son para todos los hombres, han nacido con traje regional, hablando un dialecto y con una cédula de estricta vecindad.*

**GREGÓRIO MARAÑON** (1878-1960),  
Prólogo a *A Família de Pascual Duarte*, de Camilo José Cela.  
(RÓNAI, 1985:828)

## CAPÍTULO 2

### MÁRIO DE ANDRADE E O REGIONALISMO

Mário Raul de Moraes Andrade nasceu em 1893 na cidade de São Paulo. Foi professor de música, pesquisador de folclore e da língua brasileira, colaborador de jornais e revistas, crítico e ensaísta, poeta, contista e romancista. Tinha uma preocupação principal: constituir uma consciência artística brasileira, uma consciência artística nacional.

Como poeta, era considerado um artesão, um aventureiro do conhecimento. Suas poesias eram resultado de intensa pesquisa lingüística, valia-se da diversidade da fala brasileira e apropriava-se dos “erros” inventados pelo povo, mais particularmente os de ortografia. Apesar de ensimesmado, foi um poeta e um prosador folclórico, abordando episódios banais do cotidiano, e extremamente criativo, porque usava a língua para criar uma língua própria.

Mário de Andrade, que “... era chamado de ‘papa do modernismo’ pela mídia da época, ...”<sup>1</sup> faleceu em fevereiro de 1945, aos cinqüenta e dois anos, na sua amada cidade de São Paulo, em decorrência de um ataque cardíaco.

A dimensão de Mário de Andrade para a literatura brasileira, é percebida por algumas manifestações de críticos sobre o escritor, que apesar de apontarem discordâncias, o que é natural, permitem balizar a dimensão que se entende pertinente para este Capítulo. Para Italo Moriconi, a importância do autor é incontestável, assim como a de Oswald de Andrade, mas destacadas de um conjunto de valores regionais:

*Sem desprezar a importância transcendental de escritores e pensadores do início do século (refere-se ao XX), extremamente afinados tanto com a modernidade quanto com a realidade, como foram João do Rio (...), Lima Barreto, Euclides da Cunha e Manuel Bonfim,*

---

<sup>1</sup> In MORICONI, 2002:40.

*coube na verdade aos modernistas de São Paulo, como Oswald e Mário de Andrade, do Nordeste, como Gilberto Freyre e Jorge de Lima, e do Sul, como Augusto Meyer e Raul Bopp (...) promover (sic) uma reorientação de toda a cultura brasileira, no sentido de aproximá-la de uma compreensão mais factual da realidade histórica, sociológica e antropológica. No caso da produção paulista, os melhores documentos do processo de redescoberta do real brasileiro estão no manifesto (1924) e no livro de poesia Pau-Brasil (1925), de Oswald de Andrade, no Manifesto Antropófago (1928), de autoria do mesmo Oswald, assim como no romance rapsódia Macunaíma (1928), de Mário de Andrade.<sup>2</sup>*

Em *Mário de Andrade*, João Luiz Lafetá coloca que:

*Era a mais importante personalidade artística e intelectual do país, e um crítico chegou a comparar a perda que sua morte representava para a literatura brasileira com a perda que foi o falecimento de Machado de Assis. Só esta comparação basta para dar a medida de sua grandeza.<sup>3</sup>*

Em *História da Literatura Brasileira*, de Luciana S. Picchio, a dimensão do autor é dada da seguinte forma:

*Mário de Andrade, paulista, vivido quase sempre em São Paulo, foi, antes de tudo, músico e musicólogo. Foi por esse caminho que ele chegou à etnografia e ao folclore, à crítica artística e literária, à poesia e à ficção, e pelo qual adquiriu aquela visão panorâmica e sinestésica das diversas artes que, sobretudo por sua obra, se tornaria uma das características do Modernismo da primeira fase.<sup>4</sup>*

E, para citar uma das mais produtivas e respeitadas estudiosas do autor, Telê Porto Ancona Lopez, é possível encontrar “A biblioteca de Mário de Andrade” um ponto de vista ratificador do de Lafetá: “... Mário de Andrade é considerado o pai da moderna cultura brasileira. Figura de proa no modernismo dos anos 20, moderno, logrou transcender a estratégia de um programa, de um grupo.”<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> In MORICONI, 2002:31-32.

<sup>3</sup> In LAFETÁ, 1988:19.

<sup>4</sup> In PICCHIO, 1997:487.

<sup>5</sup> In LOPEZ, 2000:32.

O uso prioritário da linguagem oral, a reação ao uso estrito das regras gramaticais e a introdução da temática brasileira como fonte única podem ser citados como as características mais marcantes do que veio a ser o Movimento Modernista, principalmente em sua primeira fase.

Desse modo, a contribuição de Alfredo Bosi, para as definições de *modernista* e de *moderno*, é válida para introduzir a idéia do próximo tópico, que pretende localizar o escritor Mário de Andrade no contexto da produção intelectual de sua época:

*Quanto ao termo “modernista”, veio a caracterizar, cada vez mais intensamente, um código, diferente dos códigos parnasiano e simbolista. “Moderno” inclui também fatores de mensagem: motivos, temas e mitos modernos.<sup>6</sup>*

---

<sup>6</sup> In BOSI, 1999:331.

## **2.1 - “A REVOLUÇÃO SEM SANGUE”<sup>7</sup>**

### **BREVE PANORAMA HISTÓRICO DO MOVIMENTO MODERNISTA BRASILEIRO**

#### **CONTEXTOS HISTÓRICOS - EUROPA E BRASIL**

Em que pese o real significado de as belas paisagens européias terem sido manchadas com as cores da I Guerra Mundial (1914-1918), os países daquele continente precisavam reconstruir-se. E iniciaram tal tarefa apreendendo interiormente a incoerência de atos brutais que destruíram bem mais que a rica arquitetura milenar: haviam destruído seu sentir contemplativo e instaurado a dor. Porém, construir de novo a grandiosidade das edificações medievais, construir de novo as estruturas sociais preexistentes e construir de novo a ordem que anteriormente existia eram tarefas de esforço considerável, tanto financeiro quanto de vontade, principalmente pelo fato de que alguns países já estavam em crise no período Pré-Guerra.

As vozes que se manifestaram contra uma reconstrução européia dentro dos moldes anteriores puderam ser ouvidas nos campos político e artístico, cuja ligação mostrou-se muito próxima desde então.

No campo político, o capitalismo ascendeu e sua fórmula de riqueza e progresso permitiram aos Estados Unidos o início de sua hegemonia por meio de sua ajuda financeira aos países europeus. Mas não a todos, posto que a então União das Repúblicas Socialistas Soviéticas trilhava um outro caminho ideal de construção social e, ainda, na Itália despontavam e consolidavam-se os fervorosos e autoritários ideais fascistas.

---

<sup>7</sup> Expressão utilizada por Menotti del Picchia para referir-se aos acontecimentos que precederam a Semana de Arte Moderna e que já caracterizavam o movimento modernista .Cf. REZENDE, 2000:30.

No campo artístico, houve uma retomada das propostas revolucionárias levantadas pelas vanguardas, de ruptura com os antigos cânones (principalmente os parnasianos) e de adoção de novas formas de expressão, pois já que o mundo não era mais o mesmo, não havia sentido em representá-lo ou senti-lo de uma única forma. Assim, destacaram-se o Futurismo, o Expressionismo, o Cubismo, o Dadaísmo e o Surrealismo, dentre outros *ismos*<sup>8</sup> e outras correntes ideológico-artísticas que não se silenciaram com a Guerra.

O Futurismo contrapunha-se de forma geral a qualquer referência ao passado, como o próprio nome deixa transparecer. Mas a contraposição não era pacífica. De cunho radical, essa vanguarda italiana foi um movimento que enaltecia a coragem, a audácia e a revolta, incluindo aí a incitação à guerra. O rompimento definitivo com o passado previa derrubada de museus, queima de livros e demolição de prédios antigos. O Manifesto Futurista, de F. T. Marinetti, de 1909, enaltecia a velocidade, a máquina e o desenvolvimento a qualquer custo, o que sem dúvida chocou, mas teve seus simpatizantes. E Marinetti em seu Manifesto Técnico da Literatura Futurista transpõe suas revolucionárias idéias para a necessária forma da expressão escrita: destruição da sintaxe, abolição de adjetivos e advérbios, a percepção por analogia (por meio da utilização de substantivos duplos), etc. Isto tudo com o propósito de conferir dinamismo ao pensamento e evitar desperdício de tempo.

Já o Expressionismo manifestou-se na Alemanha, por volta do mesmo período do Futurismo (primeira década do Século XX), e sua essência privilegiava a expressão pura do *eu*. O modo como o *eu* percebia o mundo em que vivia, a introspecção, era a única forma livre de expressão. Porém, depois da Guerra, tal expressão passa a ser carregada de uma angústia profunda, causada pela dor de uma realidade de devastação de tudo: dos valores éticos, do respeito às diferenças, dos vários *eus* anônimos. Não houve o destaque de uma figura artística em particular, porque após 1910 muitos foram os artistas que tinham no Expressionismo o seu caminho de expressão. Pode-se, contudo, citar alguns

---

<sup>8</sup> “Os derivados em *-ismo* designam, preferencialmente: (i) doutrinas ou sistemas artísticos, filosóficos, políticos ou religiosos; (ii) ...”. Cf. CUNHA, 1982:448.



nomes a título de exemplificação: os poetas August Stramm e Kurt Hiller, o escritor Hermann Bahr e os pintores Münch, Kandinski, Klee e Chagall.

Quanto ao Cubismo, apareceu na França no mesmo período das outras vanguardas e vinculou-se de forma mais significativa à expressão pictórica, porém também pôde ser identificado na poesia, pois “... o termo cubista, inicialmente aplicado à pintura, ... passou também a designar um tipo de poesia em que a realidade era também fracionada e expressa através de planos superpostos e simultâneos.”<sup>9</sup>. O ilogismo, a simultaneidade de acontecimentos, o humor e o caráter anti-intelectual são aspectos cubistas manifestos na expressão poética cubista. E a proposta pictórica era justamente proporcionar várias possibilidades de representação da realidade, mediante a sobreposição de vários pontos de fuga em uma mesma figura ou objeto, conferindo a estes um aspecto geométrico e “deformado”. Nomes representativos desta vanguarda são: Apollinaire, na poesia, e Pablo Picasso, na pintura.

O Dadaísmo, por sua vez e a exemplo do Futurismo, também veio a público mediante manifesto. Surgido no meio do decorrer da Guerra (o primeiro manifesto data de 1916), representava uma espécie de congregação das três vanguardas acima descritas, porém a sua essência era a exaltação do nada, já que era exatamente esse o valor que a Guerra impunha ao *eu* e a tudo, nada mais tinha valor, mesmo que os discursos quisessem impor o contrário. Apesar de a cidade de Zurique, na Suíça, ser apontada como a central de deflagração do movimento, Teles argumenta que “há quem diga que o dadaísmo (sic) foi um movimento internacional, pois surgiu mais ou menos ao mesmo tempo em grandes cidades, como Zurique, Berlim, Colônia, Mônaco, Viena, Nova York, Paris, Barcelona e Moscou.” (1987:129). Vale ressaltar que ser dadaísta representava um desejo de destruição de uma realidade em que nada agradava, realidade fruto de um passado de idéias que resultou em nada, mas também o desejo de criar palavras e formas de expressão que não permitissem compreensão, que significassem o nada e que não permitissem enquadramentos em *ismos*. Dadaístas manifestos

---

<sup>9</sup> In TELES, 1987: 114.

foram, por exemplo, Ludwig Kassak, Breton, Aragon, Frans Jung, Haussmann, Marcel Duchamp e Man Ray.

Por último, o Surrealismo surge posteriormente ao Dadaísmo, já em 1924, por meio do Manifesto Surrealista escrito por André Breton (ex-dadaísta). A essência surrealista é a tentativa de reconstrução da realidade pós-guerra, porém para tanto deveria buscar os valores do passado, expressos em autores como Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé e até em Freud. Porém, a reconstrução era principalmente do homem, que agora estaria totalmente desconectado das convenções e pressupostos sociais. O que importava era a expressão do homem puro, primeiro, e não o homem social. Para tanto, a recorrência à alquimia, ao ocultismo e ao fantástico, ainda que alcançados pelo uso de alucinógenos, constituiu-se no método para expressar-se. Destacaram-se os surrealistas Luís Buñuel, Salvador Dalí, Tristan Tzara e Michel Carrouges.

Analisado assim o contexto histórico e das manifestações européias, cabe prosseguir rumo ao esboço de semelhante panorama do Brasil durante as primeiras décadas do Século XX, bem como da repercussão dos fatos mundiais e das vanguardas européias na realidade do País.

No final do Século XIX foi determinada a abolição da escravidão e tal fato, ainda que em marcha lentíssima, contribuiu para a mudança do perfil social dos núcleos rurais brasileiros, tão consolidados na atividade extrativista cujo “ouro” da época era o café e a cana. O cenário desfavorável dos países europeus que estavam em recessão no Pré-Guerra, muito em decorrência do inchaço dos núcleos urbanos, apontou uma solução para as aristocracias rurais brasileiras: a utilização da mão-de-obra imigrante. Dessa forma, de modo paralelo à total marginalização dos negros, os senhores de terras tentaram manter suas produções, porém nem os novos trabalhadores tinham o perfil dos escravos e nem o perfil dos negócios no novo século permaneceria rural.

Também se delineavam outras classes de poder no promissor cenário urbano. Em especial as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, pelo enriquecimento dos senhores donos de indústrias (burguesia industrial em formação), igualmente pelo estabelecimento de profissionais liberais (em

particular, médicos, advogados e engenheiros). A inadaptação dos imigrantes às condições ainda escravagistas do trabalho rural, de forma geral, contribuiu para que eles também se deslocassem para as cidades, que pareciam mais atrativas em oportunidades. Há que se considerar que choques sociais acabaram por ser inevitáveis, face aos visíveis conflitos de interesse. E alguns conflitos importantes eclodiram: no Nordeste, a guerra de Canudos; em São Paulo, as revoltas operárias; no Rio, as tentativas de golpe militar. “Estudados em si, esses movimentos têm uma história de todo independente; mas no conjunto, testemunhavam o estado geral de uma nação que se desenvolvia à custa de graves desequilíbrios.”<sup>10</sup>

Apesar das inquietações, a tendência do crescimento das cidades era um fato, tanto que o ano de 1917 vem consolidá-la por algumas medidas históricas: o então governante Campos Salles determinara o saneamento econômico, com o intuito de capitalizar recursos para re-investimento nas cidades; o saneamento público fora instituído por Osvaldo Cruz e medidas de urbanização foram adotadas por Pereira Passos. O alcance da luz elétrica e o advento da radiotelegrafia, assim como a criação de linhas ferroviárias, passaram a permitir uma intercomunicação entre as cidades.

No campo cultural, pouco se ouvia falar sobre o Parnasianismo ou o Simbolismo, muito em função de tais escolas de há vários anos eram questionadas na Europa e de que agora o momento era de uma outra realidade, onde o aparato tecnológico chamava a atenção (carros, bondes, trens, telégrafos, rádios etc.). Além disso, mesmo havendo numerosos representantes de raças diversas circulando nas cidades, principalmente em São Paulo, começava a se delinear um clima nacionalista, de intercâmbio comercial e intelectual entre cidades. A exposição de Anita Malfatti causou furor pelo caráter inovador de representação pictórica. Aproximaram-se, nesse ano, Oswald e Mário de Andrade.

---

<sup>10</sup> In BOSI, 1989:305.

## O MODERNISMO BRASILEIRO

A aproximação entre os Andrade, mais que um encontro casual entre pessoas com afinidades literárias, “... configurou uma das mais ricas e profícuas colaborações intelectuais”<sup>11</sup>. Foi a dupla que verdadeiramente estruturou o evento que viria a ser considerado o marco do Movimento Modernista brasileiro, a Semana de Arte Moderna, que aconteceu no mês de fevereiro de 1922, no Teatro Municipal da cidade de São Paulo. Evento que congregou diversas formas de manifestação artística, a Semana de Arte Moderna tornou públicas visões de mundo muito diferentes das até então conhecidas e partilhadas, o que provocou vaias e tumultos. Foi uma mostra heterogênea, que na opinião de Alfredo Bosi é “... um divisor de águas” (1989:303).

A Semana também difundiu em larga escala os termos modernista e modernismo, em verdade até hoje utilizados em variados sentidos e contextos. Mas para se ter uma idéia do que significaram à época, destacam-se por sublinha na assertiva de Bosi, esclarecedora e didática:

*Como os promotores da Semana traziam, de fato, idéias estéticas originais em relação às nossas últimas correntes literárias, já em agonia, o Parnasianismo e o Simbolismo, pareceu aos historiadores da cultura brasileira que modernista fosse adjetivo bastante para definir o estilo dos novos, e Modernismo tudo o que se viesse a escrever sob o signo de 22. Os termos, contudo, são tão polivalentes que acabam não dizendo muito, a não ser que se determinem, por trás da sua vaguidade: as situações sócio-culturais que marcaram a vida brasileira desde o começo do século; as correntes de vanguarda européias que, já antes da I Guerra, tinham radicalizado e transfigurado a herança do Realismo e do Decadentismo.*<sup>12</sup>

E em que pesem as conceituações de Bosi, há que se registrar, todavia, que o Modernismo Brasileiro não pode ser visto e nem considerado como

---

<sup>11</sup> In REZENDE, 2000:13.

<sup>12</sup> In BOSI, 1989:303.

uma escola literária, nem na acepção tradicional e nem em qualquer outra, porque, em oposição às escolas que lhe antecederam, não estabeleceu padrões a serem observados, tampouco preocupação com um estilo único. Válidas são as colocações de alguns teóricos a respeito do assunto, para construir a idéia do que foi o movimento.

Assim, para Italo Moriconi, o Modernismo

*... Tornou-se um termo abrangente, passando a designar tudo que, na área da cultura, representasse uma modernização da vida brasileira em moldes simultaneamente conectados com o mundo e comprometidos com a busca de uma compreensão mais clara da brasilidade.<sup>13</sup>*

e, ainda,

*Na poesia e nas artes plásticas, o modernismo brasileiro representava um esforço de atualização de nosso ambiente cultural em relação às vanguardas européias. O modernismo foi, nos anos 20, entre tardio e antenado, nossa vanguarda tupiniquim.<sup>14</sup>*

Para Antonio Candido e Aderaldo J. Castello,

*A denominação de Modernismo abrange, em nossa literatura, três fatos intimamente ligados: um movimento, uma estética e um período. O movimento surgiu em São Paulo com a famosa Semana de Arte Moderna, em 1922, ..) tendo como finalidade principal superar a literatura vigente, formada pelos restos do Naturalismo, do Parnasianismo e do Simbolismo.. Correspondeu a ele uma teoria estética, nem sempre claramente delineada, e muito menos unificada, mas que visava sobretudo a orientar e definir uma renovação, formulando em novos termos o conceito de literatura e de escritor. Estes fatos tiveram o seu momento mais dinâmico e agressivo até mais ou menos 1930 ...<sup>15</sup>*

---

<sup>13</sup> In MORICONI, 2002: 26.

<sup>14</sup> Idem: 27.

<sup>15</sup> In CANDIDO e CASTELLO, 2001:9.

E, para Neide Rezende,

*A Semana de Arte Moderna se traduz hoje em tudo o que se fez imediatamente antes e nos dez anos seguintes a fevereiro de 1922, e exprime simbolicamente o movimento modernista. A forma como se realizou a Semana, o espírito que a impulsionou, a paixão violenta com que se discutiam as idéias, confundem-se naturalmente com a idéia de movimento, que supõe rupturas e polêmica. Contudo, o Modernismo engloba o movimento e a Semana, e vai além deles.*<sup>16</sup>

O que o movimento propôs, basicamente, foi a ruptura com os padrões tradicionais e a liberdade na forma de expressão (quer visual, literária ou musical). Como cada um dos artistas iria buscar tais preceitos era uma questão particular, vivencial. Porém, das vanguardas européias vieram algumas diretrizes que foram utilizadas como meios para o fazer artístico modernista em literatura, como por exemplo a quebra da sintaxe para conferir velocidade ao discurso (Futurismo), a temática livre, tratando de aspectos que tocavam o *eu* (Expressionismo), a não adoção de um modo único formal de representação, inclusão de novas possibilidades de interpretação (Cubismo), a criação de palavras, figuras, músicas e objetos que eram senão expressões puras e simples, sem preocupação com o significado (Dadaísmo), e a intenção de construir uma nova realidade (Surrealismo). Tais exemplos configuram-se como olhares e sentimentos brasileiros sobre aspectos que poderiam ser utilizados em uma realidade brasileira e para brasileiros.

Ao trazer uma proposta inovadora de expressão artística, que de início chocou pela forma radical, o Modernismo Brasileiro apresentou três fases características em seu propósito e evolução, momentos que se distinguiram por estilos e formas: a primeira se delineia de 1922 a 1930; a segunda a partir de 1930 até 1945, e a terceira a partir deste último ano. Necessário ressaltar que tais fases não têm em seus limites temporais a imposição de limites de produção dos respectivos estilos dos escritores e artistas. Ao contrário, resultam de estudos

---

<sup>16</sup> In REZENDE, 2000:8.

sérios sobre as obras e o movimento e não tencionam rotular ou classificar, apenas atestar de forma didática que o Modernismo Brasileiro não se processou de modo uniforme no decorrer dos anos.

A primeira fase, a partir de 1922, é a mais característica, em que houve o momento brusco de ruptura, chamado até de “lutas iniciais”, que teve na Semana de Arte Moderna o grande marco, caracterizando-se pelo irracionalismo. Já a partir de 1930 houve uma busca da identidade nacional, que acabou tomando forma pelos romances regionais que surgiram de autores em diversos pontos do país. Por último, a partir de 1945, definiu-se a fase mais introspectiva do Modernismo Brasileiro, em que as angústias e expectativas do *eu* foram a temática principal. Nesta fase, pode-se dizer que aconteceu uma nova ruptura, pelo retorno ao *eu*, ainda que de uma forma distinta da do Parnasianismo e do Simbolismo. Também ocorreram a recuperação da métrica e influências freudianas, utilizadas com novo propósito.

Entretanto, mesmo tendo sido revolucionário, em especial na sua primeira fase, o Modernismo Brasileiro revela uma contradição intrínseca em sua dialética: ao tempo em que a negação dos padrões clássicos europeus foi um dos pilares de sua ideologia, permitiu-se recorrer às vanguardas do velho continente. Mesmo que se considere que o movimento apenas se valeu de algumas características dessas vanguardas para guiar sua expressão, de todo adaptadas e adotadas de forma não integral, não se pode deixar de destacar tal contradição em sua origem.

Dentre tudo, o certo é que a alta significância do Modernismo para a história literária nacional é ponto pacífico, veio para incomodar, desordenar o padrão, propor a novidade nacional. E Mário de Andrade é um dos expoentes do Modernismo Brasileiro, principalmente da sua primeira fase, como bem afirmou Rezende, uma vez que mostra todo um ideário em sua poética.

## 2.2 A POÉTICA DE MÁRIO DE ANDRADE

### CARACTERÍSTICAS E PRINCIPAIS OBRAS

*Os modernistas de 1922 nunca se consideraram componentes de uma escola, nem afirmaram ter postulados rigorosos em comum. O que os unificava era um desejo de expressão livre e a tendência para transmitir, sem os embelezamentos tradicionais do academicismo, a emoção pessoal e a realidade do país.*<sup>17</sup>

A obra de Mário de Andrade pode ser tomada como a expressão de um projeto tanto político quanto ideológico. A perspectiva regionalista de sua produção literária permite que a análise se processe tanto em um campo como em outro. Isto porque, quando analisada em um primeiro momento e em uma esfera estritamente literária, tem-se a carga ideológica, o caráter inovador, chocante e livre, o que pode de fato justificar a intenção de revolucionar os conceitos existentes, de propor outra visão da realidade, outro procedimento perante os fatos, outra forma de expressão.

Por outro lado, considerando a ideologia como uma expressão de pensamento que, mesmo movida por interesses subjetivos não pode ser dissociada da realidade de inserção do artista, assim como dos fatos constituintes dessa realidade, não há como não considerar a obra de Mário de Andrade também como um projeto político. Nela podem ser encontrados aspectos da organização social e econômica brasileira, bem como críticas à ordem de valores estabelecida à época.

O fato é que restringir a obra do escritor como representativa de um projeto político ou de um projeto ideológico tem sido uma preocupação de alguns críticos literários, no afã de classificá-la e assim justificar a atividade. Porém, tal tarefa não

---

<sup>17</sup> In CANDIDO e CASTELLO, 2001:11-12.



parece ser um exercício adequado de reflexão, porque além de haver uma relação dialética entre as duas categorias – a política e a ideológica –, o que tornaria parcial o enquadramento, entende-se que o caráter instigante e a busca do conhecimento ficariam prejudicados por saírem do foco de apreciação.

O caráter instigante e a busca do conhecimento talvez sejam os elementos mais eficazes não somente para um início de análise, mas também de aproximação do novo, do moderno. Por meio desses elementos, outras perspectivas de análise podem chegar ao leitor, pois, segundo Rezende, “a grande inovação dos moços de 22 é a possibilidade de falar do mundo em que vivem com instrumentos adequados e correlatos”<sup>18</sup>. E isto constitui um elemento de desafio, ou pelo menos um apelo atrativo.

Em seu *Prefácio Interessantíssimo*, constante do livro de poesias *Paulicéia Desvairada* (1922), Mário de Andrade esclarece a que veio. Declara fundado o *Desvairismo*, onde relativiza os conceitos de belo, de arte, de percepção e de lirismo, além de desconstruir as retóricas da métrica, da rima e da ordem, e de romper com o intimismo melancólico parnasiano. O *Desvairismo* vem para exaltar a liberdade expressiva, a de viver a língua brasileira (e não portuguesa) e a palavra em liberdade. É uma ode ao ilogicismo, entendido como a não observância dos cânones clássicos.

A nova mentalidade cultural tem em Mário de Andrade um convicto teorizador e ativista. Em contraposição a títulos obscuros, mórbidos ou excessivamente campestres, os títulos de suas obras já constituíam verdadeira inovação. *Paulicéia Desvairada* tem explícito o seu tema, o mais importante centro urbano do País à época é o cenário para uma ode à euforia, para a não observância das convenções e de conceitos literários tradicionais. É a prioridade do ilogicismo, no sentido de se opor ao que se vinha fazendo até então. De igual modo, a euforia acontece na prosa andradiana.

Em *A Escrava que Não É Isaura* (1925), discurso sobre algumas tendências da poesia modernista, Mário de Andrade reedita os ideais teóricos do *Prefácio Interessantíssimo* utilizando-se de uma paródia de um famoso romance (A

---

<sup>18</sup> In REZENDE, 2000:70.

*Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães). Segue-se o intrigante título de *Amar, Verbo Intransitivo*, que começa por desafiar a norma “cult” da língua portuguesa, mas cujo enredo toca em questões socialmente tidas como tabus (a iniciação sexual masculina). Outras foram, e muitas, as obras produzidas por Mário de Andrade em poesia, prosa, ensaios, críticas e cartas, mas para o enfoque do presente trabalho, julga-se suficiente as citadas.

E por ser o foco da análise maior do presente trabalho, não se poderia deixar de mencionar o livro *Macunaíma* (1928), e a revolução literária que se estabeleceu de forma irreversível depois dele. Somente o título já provocava estranhamento, pois de há muito não se fazia referência ao índio brasileiro. Por meio das aventuras e desventuras do herói sem nenhum caráter, Mário de Andrade reuniu inúmeros mitos nacionais recolhidos em pesquisas, inventou outros de forma irônica, utilizou-se da escrita que reproduziu a fala brasileira, quebrou a sintaxe, expressou-se livremente e ainda contou uma história, resultante de fragmentos de inúmeras outras.

Em *Macunaíma*, a riqueza dos elementos nacionais é uma importante renovação temática, que rompe a estrutura tradicional do romance, zomba do herói de perfil único (sempre bom e bonito) e revela o brasileiro que existe em cada indivíduo nascido no Brasil: pessoa mestiça, filha de várias culturas e crenças, conhecedora das coisas de sua terra e, muitas vezes, de personalidade múltipla.

A pesquisa e o estudo incansáveis de Mário de Andrade estão refletidos claramente em *Macunaíma* e têm um propósito específico de construir uma identidade nacional, a partir de elementos nacionais, apresentados a cidadãos nacionais por um cidadão nacional, como o próprio autor se considerava. Mário de Andrade trabalhou como um verdadeiro pesquisador, e, tal e qual um artesão, buscou as palavras não clássicas, inventou outras, teceu seu texto, falando de coisas de seu tempo, transformando-o em instrumento para a construção da imagem real da nação brasileira.

O livro é um exercício dos ideais desvairistas, por ignorar pontuações, criar lendas e mitos, desbancar o herói de seu pedestal, relativizar valores sociais e

reproduzir a expressão da língua brasileira (no lugar da portuguesa europeia). Este último item será o centro das reflexões que se seguem e, por tal razão, é preciso conhecer o herói brasileiro, Macunaíma.

## MACUNAÍMA

*Na perspectiva inaugurada pelo modernismo, muito antes de Pedro I gastar o excesso de hormônios entre as coxas das mulatas cariocas, a sociedade brasileira criava uma longa e secular tradição de encontro e violência entre as três raças formadoras da nacionalidade (européia, indígena, negra). A partir dessa compreensão básica, que Mário de Andrade traduziu na prosa poética de Macunaíma, erigiram-se as obras de Gilberto Freyre, de Sérgio Buarque de Hollanda, e também a obras de Caio Prado Jr., que deu uma visão marxista do processo em Formação do Brasil Contemporâneo.<sup>19</sup>*

Classificada como uma rapsódia por conter inúmeras passagens com vida própria, mas que são costuradas pelo fio condutor do enredo (o resgate do talismã sagrado muiiraquitã), *Macunaíma* traz uma série de elementos que permitem a identificação da expressão modernista. O uso da linguagem oral, a não observância das regras gramaticais e a temática repleta de símbolos e mitos essencialmente brasileiros, bem como outros inventados, constroem um mundo fantástico em que, mesmo que o leitor não aprecie se deparar com um anti-herói, termina por identificar-se com ele pelo fato de que ninguém é só bom ou só mau o tempo todo. As circunstâncias da vida é que vão moldando o caráter de Macunaíma, fazendo com que tenha múltiplas personalidades. E esse é o homem brasileiro real.

Os contrastes entre as culturas, no caso a indígena e a urbana em primeiro plano, aparecem para permitir que o leitor tenha uma nova perspectiva para encarar a realidade à sua volta. Para que possa relativizar os valores sociais, sempre tão hipocritamente obedecidos e pouco questionados.

Mário de Andrade criou *Macunaíma* inspirado nos relatos de Theodor Koch Grümberg, um erudito alemão que recolheu lendas e mitos indígenas na Amazônia e as publicou em *Vom Roraima zum Orinoco – Mythen und Legenden*

---

<sup>19</sup> In MORICONI, 2002:33.

*der Taulipang und Arekuná Indianern*, de 1924<sup>20</sup>. Mas também foi mais além, acrescentou informações colhidas de etnógrafos brasileiros e estrangeiros, distorceu e modificou com muita liberdade os mitos, amalgamando-os às crenças populares, de origem européia ou africana, e ainda misturando-os com acontecimentos históricos ou cotidianos.

O livro é subdividido em dezessete capítulos e um epílogo, a saber: I – *Macunaíma*, II – *Maioridade*, III – *Ci, Mãe do Mato*, IV – *Boiúna Luna*, V – *Piaimã*, VI – *A francesa e o gigante*, VII – *Macumba*, VIII – *Veí, a Sol*, IX – *Carta pras icamiabas*, X – *Pauí-Pódole*, XI – *A velha Ceiuci*, XII – *Tequeteque, chupinzão e a injustiça dos homens*, XIII – *A piolhenta do Jiguê*, XIV – *Muiraquitã*, XV – *A pacuera de Oibé*, XVI – *Uraricoera* e XVII – *Ursa Maior*. É uma história de busca, que se compõe de dois grandes movimentos, segundo Haroldo de Campos, em *Morfologia da Macunaíma*: a situação inicial e o antagonismo entre Macunaíma, o herói, e Veí, a deusa-sol<sup>21</sup>.

A situação inicial, primeiro movimento, é a em que ocorre a apresentação da família de Macunaíma, seu próprio nascimento e a ambientação de seu lugar natal, além de outras aventuras. Macunaíma, o filho caçula, nasce preto, “filho do medo da noite”, aprende a falar somente com seis anos e a sua primeira frase foi: “Ai, que preguiça!...”. Ele, sua mãe e seus irmãos, Maanape, o mais velho, e Jiguê, o irmão do meio, são índios tapanhumas<sup>22</sup> e vivem às margens do rio Uraricoera. Nos dois primeiros capítulos, Macunaíma já revela traços de sua personalidade, não observando padrões sociais, mentindo para os irmãos e para a mãe, “brincando” com a primeira mulher de Jiguê, Sofará, e também com Iriqui, a segunda. Enfim, o herói estava sempre procurando levar vantagem, buscando o prazer e o bem-estar. Porém, a rotina da família é rompida quando acidentalmente Macunaíma mata acidentalmente a própria mãe, que havia assumido a forma de um veado fêmea. Os irmãos, então, partem pelo mundo, abandonando sua

---

<sup>20</sup> Cf. LOPEZ, 1997:XXV.

<sup>21</sup> CAMPOS, Haroldo de. *Morfologia de Macunaíma*. São Paulo: Perspectiva, 1973. Apud LAFETÁ, 1988:67.

<sup>22</sup> Tipificação constante do texto de *Macunaíma*, apesar de que o próprio Mário de Andrade referiu-se ao herói como *taulipangue* para designar sua classificação indígena. É o que se pode verificar no texto de carta do escritor a Câmara Cascudo, de 01/03/27, reproduzida à p. 79 deste trabalho, cf. ANDRADE, 1991:75.

morada. Nas andanças, Macunaíma encontra Ci, a Mãe do Mato, rainha das Icamíabas, uma tribo de amazonas. Macunaíma e Ci se apaixonam e ele se torna o Imperador do Mato-Virgem. O casal tem um filho, mas este morre ainda bebê por ter mamado o veneno de uma cobra preta que havia picado sua mãe. Ci, muito triste, entrega a Macunaíma uma muiiraquitã, um amuleto de pedra verde, e morre, transformando-se em estrela. Macunaíma fica extremamente triste também, mas resolve prosseguir em suas andanças pelo mundo com seus irmãos. A muiiraquitã é perdida pelo herói e, entre muitas peripécias e acontecimentos, vai parar nas mãos de um mascate peruano, Venceslau Pietro Pietra, que é chamado por Macunaíma de gigante Piaimã, um comedor de gente.

A partir desse conhecimento do paradeiro do amuleto, o herói e seus irmãos seguem para São Paulo, onde mora o gigante, pelo rio Araguaia. O interessante é que quando Macunaíma decide partir, deixa a sua consciência na ilha de Marapatá e sem perceber toma um banho de água encantada, o que o transforma em um homem louro e de olhos azuis, complexão aceita sem problemas pelo ambiente urbano. Daí em diante, decorrem diversos embates entre Macunaíma e Venceslau Pietro Pietra, repletos de sátira dos episódios cotidianos da cidade, que aparecem no enredo de modo particular, mas que muito bem podem ser relacionados ao cotidiano brasileiro. Tantas aventuras de vida e morte se entremeiam a aventuras sexuais e de brincadeiras com os irmãos, que, por fim, o herói consegue recuperar a muiiraquitã e decide retornar para sua terra de origem, à beira do rio Uraricoera.

O segundo movimento esboçado por Campos, inicia-se quando Vei, a deusa-sol, enquanto dava carona ao herói em sua jangada, oferece-lhe uma de suas três filhas em casamento, com a condição de que ele teria de ser fiel à esposa. Mas Vei não permitiu que uma de suas filhas se “amulherasse” ao herói porque ficou extremamente irritada com a traição de Macunaíma, já antes mesmo de qualquer matrimônio. É que na primeira oportunidade, ainda na jangada de Vei, Macunaíma encontrou uma portuguesa com quem “brincou” muito. Depois, os dois foram encontrados dormindo na embarcação. Vei, vingativa, produziu então um forte calor que provocou excitação do herói e o lançou nos braços de uma uiara

traíçoeira. A uiara faz com que o herói perca novamente a muiraquitã, de uma forma definitiva, mutilando-o. Depois, o herói se transforma na Ursa Maior, correspondendo à crença indígena de quem morre vira estrela no céu.

*Macunaíma*, então, pode ser entendido como um livro que trata de uma alegoria dos destinos do país chamado Brasil. Um país que abandonou as suas possibilidades de construir uma grande nação, uma civilização tipicamente tropical, pois havia a possibilidade de aliança com o Sol – simbolicamente a aceitação de sua realidade –, mas que optou por seguir caminhos europeus, representados pela sedução da portuguesa na jangada. Nesse sentido, Manuel Cavalcanti Proença contribui com sua análise, ao escrever sobre Mário de Andrade e *Macunaíma*: “Ele (sic) criara Macunaíma como um ataque às desvirtudes nacionais, acumulando e exagerando os defeitos que reconhecia sofrendo, no brasileiro.” (1969:8).

E o fato de o herói brasileiro ser representado por um tipo como Macunaíma, em muito pôde contribuir para o delineamento do que era realmente a sociedade brasileira, e porque não dizer do que ela ainda é, como bem define Marilena Chauí:

*... é uma sociedade na qual a luta de classes é identificada apenas com os momentos de confronto direto entre as classes – situação na qual é considerada “questão de polícia” – sem que se considere sua existência cotidiana através das técnicas de disciplina, vigilância, repressão, realizadas por meio das próprias instituições dominantes – isto é, quando a luta de classes é encarada como “questão de política”. As disputas pela posse da terra cultivada ou cultivável são resolvidas pelas armas e pelos assassinatos clandestinos. ... Os negros são considerados infantis, ignorantes, raça inferior e perigosos, representados pela cultura letrada branca na imagem do Arlequim, e assim definidos numa inscrição gravada na Escola de Polícia de São Paulo: “Um negro parado é suspeito; correndo, é culpado”. Os índios, em fase final de extermínio, são considerados irresponsáveis (isto é, incapazes de cidadania), preguiçosos (isto é, mal-adaptáveis ao mercado de trabalho capitalista), perigosos, devendo ser exterminados ou, então, “civilizados” (isto é, entregues à sanha do mercado de compra e venda de mão-de-obra, mas sem garantias trabalhista porque “irresponsáveis”). ... Numa palavra, as classes ditas “subalternas” de fato o são e carregam os estigmas da suspeita, da culpa e da*

*incriminação permanentes. ... É uma sociedade na qual a estrutura da terra e a implantação da agroindústria criaram não só fenômeno da migração, mas figuras novas na paisagem dos campos: os sem-terra, volantes, bóias-frias, diaristas sem contrato de trabalho e sem as mínimas garantias trabalhistas. ... é uma sociedade que não pode tolerar a manifestação explícita das contradições, justamente porque leva as divisões e desigualdades sociais ao limite e não pode aceitá-las de volta, sequer através da rotinização dos “conflitos de interesse” (à maneira das democracias liberais).<sup>23</sup>*

*Macunaíma*, portanto, aborda de forma magistral e inovadora a realidade brasileira, revelada pelos olhos de um índio irmão de negro, que se transforma em branco (mas não o seu pensamento), que busca na verdade não um amuleto, mas a sua própria identidade de brasileiro, seus valores e sua cultura.

---

<sup>23</sup> In CHAUI, 1989:56-60.



### 2.3 EXTRATOS DE *MACUNAÍMA*: UMA DISCUSSÃO SOB A PERSPECTIVA REGIONALISTA

Mário de Andrade expressou-se artisticamente de forma particularmente moderna, imprimindo ritmo acelerado à prosa, tanto pela ausência de pontuação quanto pela quantidade de fatos e elementos já citados. Deles, a palavra em liberdade centrava a importância em seu significado expressivo no contexto literário, não importando se ela própria nada significasse, se fosse inventada. O que importa é que Mário de Andrade assim procedeu de modo nada casual.

Objetivando antes de tudo despertar o interesse nacional pelo que até então era diferente, derrubando preconceitos na busca incessante da pesquisa das variedades culturais dentro de seu próprio país, *Macunaíma* é expressão dos ideais de Mário de Andrade na busca de um fazer literário livre, genuíno, nacional.

Inovador, revolucionário, louco. Estes e outros foram os termos para definir *Macunaíma* e o próprio Mário de Andrade, figura de extrema importância não só para a história da literatura brasileira, sendo um dos responsáveis pela divulgação dos elementos brasileiros, como também pela formação de um pensar social brasileiro mais crítico. A propósito das críticas a *Macunaíma*, vale consultar uma reprodução de um exemplar de autoria de Rubem Braga, intitulado *Os defeitos de Macunaíma*, publicado na Folha da Manhã, em 4 de maio de 1937, que compõe o Anexo 1.

E para que se possa ter uma idéia mais próxima da carga significativa da obra, torna-se interessante analisar, ainda que não tão profundamente, alguns trechos. Para tanto, foram selecionados inicialmente apenas cinco trechos, já que outros mais constam do Capítulo 3 deste trabalho. Vale dizer que o uso do regionalismo como perspectiva de análise é aqui entendido não só como a inserção de peças do folclore brasileiro na obra, mas também como a reprodução de ideários sobre características diferentes, aos olhos de Macunaíma; entre regiões brasileiras, representadas pela dicotomia rural X urbano; e também sobre costumes e objetos significativos. Também a criação de peças para a

apresentação da mitologia brasileira foram levadas em consideração na perspectiva regionalista e, igualmente, as reflexões constantes do Capítulo 1 sobre uma forma de pensar a língua portuguesa no Brasil.

#### TRECHO 1 - CAPÍTULO III – CI, MÃE DO MATO<sup>24</sup>

*No outro dia quando Macunaíma foi visitar o túmulo do filho viu que nascera do corpo uma plantinha. Trataram dela com muito cuidado e foi o guaraná. Com frutinhas piladas dessa planta é que a gente cura muita doença e se refresca durante os calorões de Vei, a Sol.*

No trecho acima pode-se perceber o destaque do guaraná, planta frutífera típica do Norte do Brasil, cuja explicação mereceu mais cuidado que a dor da perda do filho do herói, para quem o sentido da morte certamente não era o sentido “civilizado” de fim, mas sim de reintegração à natureza. O poder curativo das plantas pode não ser vinculado exclusivamente ao guaraná, mas ampliado a inúmeras outras plantas da riquíssima flora nacional e ao sábio uso de que tanto os indígenas quanto os povos do interior do País fazem delas. Já o caráter refrescante do guaraná é valor que veio a ser apropriado pela urbanidade, porém apresentado de outra forma, mais tecnicizada, industrializada, distante da natural.

#### TRECHO 2 - CAPÍTULO VIII – VEI, A SOL<sup>25</sup>

*Então passou Caiuanogue, a estrela-da-manhã. Macunaíma já meio enjoado de tanto viver pediu para ela que o carregasse pro céu. Caiuanogue foi se chegando porém o herói fedia muito.  
– Vá tomar banho! ela fez. E foi-se embora.*

*Assim nasceu a expressão “Vá tomar banho!” que os brasileiros empregam se referindo a certos imigrantes europeus.*

A invenção de lendas sobre a criação de expressões tão arraigadas no falar brasileiro está aqui representada pelo trecho reproduzido, mas não se restringe a

---

<sup>24</sup> In ANDRADE, 1997:21.

<sup>25</sup> Idem: 50.

ele, há outros interessantes, como a origem do futebol (pp. 36 e 37). O fato é que do referido trecho se pode inferir que o contato entre culturas, no caso a européia (pela figura do imigrante) e a brasileira, não é pacífico. É processo que implica a convivência com as diferenças e, muitas vezes, gerador de conflitos. A expressão *Vá tomar banho!* é aqui a denotadora de uma percepção sobre o preconceito existente com os estrangeiros da época (de modo geral todos fediam, tanto quanto Macunaíma).

### TRECHO 3 - CAPÍTULO IV – BOIÚNA LUNA<sup>26</sup>

*Uma feita em que deitara numa sombra enquanto esperava os manos pescando, o Negrinho do Pastoreio pra quem Macunaíma rezava diariamente, se apiedou do panema e resolveu ajudá-lo.*

A crença em uma figura do folclore regional do Sul do País e não em uma santidade da religião católica (como seria de se esperar de um índio que já deveria ter sido catequizado) aparece no trecho acima, reforçando a crença no sobrenatural como certeza de vida, como a esperança de brasileiro que um dia Deus vai “ajudá” e as coisas vão melhorar. Mas igualmente aparece como uma forma de resistência e preservação das crenças brasileiras, natais, frente às crenças e dogmas europeus.

### TRECHO 4 - CAPÍTULO VI – A FRANCESA E O GIGANTE<sup>27</sup>

... O assoalho era um xadrez de muirapiranga e paucetim. A alcova estava mobiliada com as famosas redes brancas do Maranhão. Bem no centro havia uma mesa de jacarandá esculpido arranjada com louça branco-encarnada de Breves e cerâmica de Belém, disposta sobre uma toalha de rendas tecidas com fibras de bananeira. Numas bacias enormes originárias das cavernas do rio Cunani fumegava tacacá com tucupi, sopa feita com um paulista vindo dos frigoríficos da Continental, uma jacarezada e polenta. ...

---

<sup>26</sup> In ANDRADE, 1997: 26.

<sup>27</sup> Idem, pp. 37-38.

A riqueza de elementos que descrevem o fausto ambiente doméstico do burguês Venceslau Pietro Pietra é de fácil apreensão. Há aí uma idéia de que ter elementos brasileiros na decoração da casa poderia ser uma demonstração de poder, mas também poderia ser visto como uma crítica à classificação de mau gosto pela nova aristocracia paulistana, já que as mobílias de “classe” deveriam ter estilo europeu. A classe rica tradicional por certo haveria de ter mobiliário clássico, o que contrasta com a decoração da casa do gigante, novo rico que ostentava as riquezas nacionais, que não eram assim consideradas. A diversidade da culinária brasileira pode parecer exótica em um primeiro momento, mas igualmente é exótica a adoção do elemento estrangeiro. No caso, a polenta é que aparece como elemento estranho no cardápio tão típico das regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil. Pelos olhos do herói, vê-se na descrição da casa burguesa novamente uma outra perspectiva de análise da realidade social da cidade: os contrastes entre a fartura e a ausência, entre os que têm em excesso, e que ditam a ordem, e os que nada têm, e que devem seguir e manter a ordem (aí aparece o subjugado de um simples empregado de empresa – o paulista vindo dos frigoríficos da Continental – à vontade do poderoso de suprir suas necessidades supérfluas).

TRECHO 5 - CAPÍTULO XI – A VELHA CEIUCI<sup>28</sup>

*Mas estava muito contrariado por ter perdido a aposta e se lembrou de fazer uma pescaria. Porém, não podia pescar nem de flecha enem com timbó nem cunambi nem tiguí nem macerá nem no pari nem com linha cassuá nem itapuã nem de jiqui nem de grozera nem de jererê guê tresmalho aparador gungá cambango arinque batebate gradeira caicai penca anzol de vara covo, todos esses objetos armadilhas e venenos porque não possuía nada disso não. Fez um anzol com cera de mandaguari mas bagre mordia, levava o anzol e tudo. ...*

A estrutura que se apresenta no trecho acima é repetida ao longo de toda a obra. A enumeração sem pausas pretende não só conferir velocidade ao raciocínio e o privilégio da quantidade sobre a qualidade, mas também demonstrar

---

<sup>28</sup> In ANDRADE, 1997: 75.

a riqueza de tipos nas diversas classes de assuntos que o Brasil apresenta, o que já constitui, paradoxalmente, um privilégio da qualidade do todo, da diversidade dentro da unidade.

Analisados então alguns trechos do livro, percebe-se que o uso prioritário da linguagem oral, a reação ao uso estrito das regras gramaticais e a introdução da temática brasileira com fonte única e inesgotável de expressão, podem ser citados como as características mais marcantes do que veio a ser o movimento modernista brasileiro, principalmente em sua primeira fase.

Quanto ao uso específico do regionalismo, dentro do seu amplo espectro de significado, verifica-se que por não considerar as barreiras físicas das distâncias reais entre as diferentes regiões e cidades do Brasil, Mário de Andrade não propôs o privilégio de uma parte do país em detrimento de outra. Ao contrário, pela forma como as inserções permeiam o enredo de *Macunaíma*, o autor efetivamente desregionalizou o País, limitando qualquer distância entre cidades e regiões distantes a “légua e meia”, elevando todos os aspectos à categoria de importante. Propôs o compartilhamento de lendas, mitos, objetos, comidas, animais, plantas, minérios etc. por todos os cidadãos brasileiros, no intuito de construir uma verdadeira identidade nacional.

Pelo exposto, mesmo considerando a não neutralidade do Modernismo e uma contradição em sua origem, o movimento foi o deflagrador de um modo todo particular de escrever o Brasil para o Brasil. E *Macunaíma* tem seu caráter atemporal afirmado tanto pelo teor fantástico que encerra quanto pelos interessantes perfis traçados: o formal da língua portuguesa – traçado de modo inédito até então em livros de prosa – e o cultural do cidadão brasileiro. Este, indivíduo que busca levar sua vida da melhor maneira possível, mas que se preciso for tende a levar vantagem para se safar de problemas. Caso contrário, permanece tudo como está. “Ai! que preguiça!...”<sup>29</sup>.

---

<sup>29</sup>In ANDRADE, 1997:15. A expressão resume muito bem o comportamento de *Macunaíma* e se repete em diversas ocasiões durante o enredo da narrativa.

## **CAPÍTULO 3**

### **LÍNGUA BRASILEIRA: UMA REALIDADE**

“Acontece entretanto, meu caso amigo, que esse caçanje, que esses pronomes mal postos, que essa língua que lhes revolta o ouvido, é a nossa língua, e o nosso modo normal de expressão, e – ousou dizer – a nossa língua literária e artística. Já não temos outra e, voltar ao modelo inflexível da fala de Portugal, seria para nós, a esta altura, uma contrafação impossível e ridícula.”

**RACHEL DE QUEIROZ (1910-2003),**  
*100 Crônicas Escolhidas.*

Extraído da resposta da escritora a um editor português, que lhe pediu autorização para praticar alterações em seus livros a fim de aproximar-lhes o estilo ao do português de Portugal.  
(RÓNAI, 1985:558)

### CAPÍTULO 3

#### LÍNGUA BRASILEIRA: UMA REALIDADE

Uma forma de pensar a língua portuguesa no Brasil. Esta tem sido a linha norteadora do presente trabalho. Construir uma percepção de que a língua no País se processa de modo distinto da variante padrão herdada de Portugal também é o intuito investigativo. Porém, talvez o mais adequado seja afirmar que a língua portuguesa no Brasil pode ser denominada língua brasileira, considerando todos os aspectos levantados nos capítulos anteriores.

*Macunaíma* registra ricamente a língua distinta da de Portugal, a língua que não diz nada aos gramáticos que cultuam a norma padrão, que por eles é menosprezada por eles. A língua nova, da nova terra, igualmente registrada de modo rico no livro. A distinção entre a língua portuguesa falada em Portugal e a falada no Brasil está muito claramente delineada no Capítulo IX – *Carta pras icamiabas*. Por sua leitura se pode perceber uma quebra na estrutura da linguagem adotada nos capítulos anteriores. A linguagem corrida e representativa do falar brasileiro é substituída pela formalidade e pelo eruditismo da língua portuguesa europeia. O contraste é indiscutível.

Ao escrever uma carta para as mulheres amazonas da tribo de sua falecida mulher Ci, as quais nomeia súditas, Macunaíma relata as suas impressões e descreve a cidade de São Paulo – e *suas gentes* –, utilizando-se da norma padrão para validar sua condição (autoconcedida) de Imperador. A *questão da língua*, tratada no primeiro capítulo deste trabalho, aparece então de forma prática, pois até aquele momento o herói só usava a língua portuguesa “com erros”, e graves, pela ótica da norma culta. Mas para afirmar a sua posição de poder, vale-se da variante padrão para transmitir pela escrita a sua mensagem.

Verifica-se que depois desse capítulo, os seguintes retornam à estrutura narrativa anterior, o que resulta em um destaque, como se o que o herói tivesse a



dizer, como imperador, necessitasse de um palanque. Mário de Andrade pode ter se utilizado dessa estratégia locacional – são oito capítulos antes e oito depois de *Carta pras icamiabas* – para ressaltar a principal mensagem do livro: a crítica aos modelos rebuscados, vazios de expressão e de identidade nacional, resultantes de uma sociedade igualmente vazia de valores e de identidade.

Alguns trechos desse capítulo, ilustram a discussão;

*... Muito nos pesou a nós, Imperator vosso, tais dislates da erudição porém heis de convir conosco que, assim, ficais mais heróicas e mais conspícuas, tocadas por essa platina respeitável da tradição e da pureza antiga...*

*Nem cinco sóis eram passado que de vós nos partíramos, quando mais temerosa desdita pesou sobre Nós. Por uma bela noite dos idos de maio do ano translato, perdíamos a muiquitã; que outrem grafar muraquitã, e, alguns doutos, ciosos de etimologias esdrúxulas, ortografam muyrakitan e até mesmo muraqué-itã, não sorriais! Haveis de saber que este vocábulo, tão familiar às (sic) vossas trompas de Eutáquio, é quase desconhecido por aqui. Por esta paragens mui civis, os guerreiros chamam-se polícias, grilos, guardas-cívicas, boxistas, legalistas, mazorqueiros, etc.; sendo que alguns desses termos são neologismos absurdos – bagaço nefando com que os desleixados e peimetres conspiram o bom falar lusitano.<sup>1</sup>*

Em verdade, a carta constitui uma dupla crítica: crítica aos formalismos parnasianos e crítica ao *modus vivendi* urbano. Podem ser encontradas referências clássicas e o questionamento de seus valores, além de sátiras sobre os protestos antimodernistas. Críticas sociais e políticas também são encontradas quando do estranhamento do herói aos aspectos comportamentais da gente civilizada e da discussão do Palácio do Governo, da obediência da nação ao “Papai Grande”, que “demora na oceânica cidade do Rio de Janeiro”.

E, pelo foco do presente trabalho, a diferença entre as línguas, mais especificamente entre a variante padrão e a não padrão, é por vezes atestada por

---

<sup>1</sup> In ANDRADE, 1997:55.

Mário de Andrade no enredo de *Macunaíma*, além do aspecto formal explícito em *Carta pras icamiabas*.

Dessa forma, do Capítulo VII – *Macumba*, destaca-se:

*Depois que todos beijaram adoraram e se benzeram muito, foi a hora dos pedidos e promessas. Um carniceiro pediu pra todos comprarem a carne doente dele e Exu consentiu. Um fazendeiro pediu pra não ter mais saúva nem maleita no sítio dele e Exu se riu falando que isso não consentia não. Um namorista pediu pra pequena dele conseguir o lugar de professora municipal pra casarem e Exu consentiu. Um médico fez um discurso pedindo pra escrever com muita elegância a fala portuguesa e Exu não consentiu...<sup>2</sup>*

Ao tempo em que vários tipos de pessoas e profissionais são descritos como presentes em uma sessão de macumba, da qual o herói se vale para tentar resolver seu problema com o gigante, outras questões não explícitas são tratadas por Mário de Andrade: a questão do sincretismo religioso, muito forte na cultura brasileira; a questão do sincretismo racial, indiscutível na realidade brasileira; e a *questão da língua*, que é denunciada sutilmente no trecho acima. Ao negar o pedido do médico, uma profissão de representação incontestada da sociedade brasileira, Exu entendeu que o doutor já falava a língua portuguesa. Em verdade, a entidade só costumava atender pedidos que resultassem em ações maldosas ou que fossem para satisfazer os desejos da carne. E, além de não ser o caso, não seria pelo simples fato de que o médico se sentia parte de uma classe superior, que deveria “escrever com elegância a fala portuguesa”. Do ponto de vista do médico, entende-se que ele se sentia aquém dos quesitos básicos de sua profissão, pois pela posição social que ocupava deveria saber “escrever com elegância a fala portuguesa”. Percebe-se, assim, que há uma diferença entre o falar português e o escrever português, que é a essência da *questão da língua*.

---

<sup>2</sup> In ANDRADE, 1997:47. O destaque em sublinha foi feito para melhor ilustrar o tratamento da *questão da língua*.

E no Capítulo XI – *A velha Ceíuci* tem-se:

*Macunaíma teve ódio de tanta boniteza e chimpou uma bruta duma bolacha nas fuças do grilo (policial). O grilo berrou, e enquanto falava uma frase em língua estrangeira agarrou o herói pelo congote.*

*- Prrreso!*

*O herói gelou.*

*- Preso por que?*

*O polícia secundou uma porção de coisas em língua estrangeira e segurou firme.*

*...*

*Tinha ajuntado uma porção de grilos mas nenhum entendia o discurso (de Macunaíma) porque nenhum não pescava nada de brasileiro. As mulheres choravam com dó do herói. Os grilos falavam por demais numa língua estrangeira e uma voz gritou:*

*- Não pode!...<sup>3</sup>*

Na citação acima, é significativo o modo de falar dos policiais, os grilos, que segundo os parâmetros de Macunaíma falavam uma "língua estrangeira", de um modo não apreensível, diferente do seu próprio modo de falar. Os policiais, além de falarem uma "língua estrangeira", não entendiam nada de "brasileiro", que vem a ser o modo como Macunaíma, seus irmãos, amigos, elementos da natureza e até o gigante falam. Os policiais aparecem como indivíduos reconhecidamente integrados à sociedade oficial, já que pertencem a uma instituição social. E a sociedade fala língua estrangeira, não entendida por Macunaíma, mestiço não é reconhecido como integrante da sociedade, e especial a urbana, que fala "brasileiro". O trecho trata, então, muito mais da *questão da língua* do que propriamente da prisão do serelepe herói. Há nele uma forte carga da perspectiva dialetal de pensar a língua portuguesa no Brasil, e um material rico para um estudo diatópico (contraste do falar indígena, rural *versus* o falar urbano), para um estudo diastrático (contraste do discurso oficial, de pessoas enquadradas na sociedade, *versus* o discurso marginal, de pessoas não enquadradas na sociedade).

---

<sup>3</sup> In ANDRADE, 1997:72-73. Os termos entre parênteses e sublinhados não são originais do texto do livro, foram utilizados para esclarecer e destacar aspectos tratados na análise.

Do Capítulo XII – *Tequeteque, chupinzão e a injustiça dos homens*, observa-se:

*Tirou as calças pra refrescar e pisou em cima. A raiva se acalmou no sufragante e até que muito satisfeito Macunaíma falou pros manos:*

*- Paciência, manos! não! não vou na Europa não. Sou americano e meu lugar é na América. A civilização européia de-certo esculhamba a inteireza do nosso caráter.*<sup>4</sup>

No trecho acima, o destaque aponta para o sentimento do herói de pertencer a uma terra, de não querer sentir-se marginal em terra estrangeira, porque ele já era marginalizado em seu próprio país. Mas, mesmo assim, sentia-se íntegro – o que pela narrativa do livro é questionável face às suas inúmeras peripécias –, porém reflete o sentimento do brasileiro. Sentimento de que mesmo estando em condições não reconhecidas e desiguais, é importante pertencer ao seu lugar, valorizar suas coisas. Ao dizer que “a civilização européia de-certo esculhamba a inteireza do nosso caráter”, o herói, e aí se pode perceber a voz do autor, refere-se ao desprezo europeu pelos aspectos humanos do Brasil. Conforme discussão constante do Capítulo 1 – tópico 1.1 – Considerações iniciais sobre a língua portuguesa no Brasil, o não reconhecimento dos povos nativos como elementos de valor cultural, e não somente de mão-de-obra disponível, é um fator que estabelece íntima relação ao não reconhecimento da língua falada pelo povo brasileiro.

Por último, o trecho que se segue, e que consta do epílogo do livro, refere-se ao desaparecimento dos povos e das línguas indígenas, das quais pouquíssimas variantes hoje sobrevivem e ainda ameaçadas de extinção. Igualmente, Mário de Andrade reafirma a diferenciação entre as línguas de Portugal e Brasil, utilizando-se de um termo muito comum aos discursos de intelectuais e defensores do vernáculo de elite para definir a língua portuguesa

---

<sup>4</sup> In ANDRADE, 1997:84. As sentenças em sublinha são instrumentos para ilustração da análise, não originais do texto.

que se fala no Brasil: língua impura. Com o fim da tribo no livro, de onde se parte para o fim dos índios no Brasil, não havia “nenhum conhecido” que soubesse falar a língua da tribo. Não havia indígenas, ou os (re)conhecidos, brancos puros, que soubessem falar a língua original do Brasil.

*Nenhum conhecido sobre a terra não sabia nem falar na fala da tribo nem contar aqueles casos tão pançudos. ... Ninguém jamais não podia saber tanta história bonita e a fala da tribo acabada.*

...

*A tribo se acabara, a família virara sombras, a maloca ruína minada pelas saúvas e Macunaíma subira pro céu, porém ficara o aruaí do séqüito daqueles tempos de dantes em que o herói fora o grande Macunaíma imperador. E só o papagaio no silêncio do Uraricoera preservava do esquecimento os caso e a fala desaparecida.*

...

*Me acocorei em riba destas folhas, catei meus carrapatos, ponteei na violinha e em toque rasgado botei no mundo cantando na fala impura as frases e os casos de Macunaíma, herói de nossa gente.<sup>5</sup>*

Assim, considerados os trechos da narrativa que denunciam a diferença entre as línguas, cabe caracterizar o que viria a ser a língua brasileira, do ponto de vista pragmático, para que se possa delinear um perfil teórico. Para tanto, e pelo fato de que Mário de Andrade se manifesta pela expressão do personagem, desbancando o padrão formal da língua portuguesa por meio dos “erros” que Macunaíma e outros personagens cometem, colocam-se quatro categorias de enquadramento para os episódios do livro: alteração gráfica de palavras, construção sintática de sentenças, inventividade lingüística e enumerações. Por intermédio delas e da respectiva análise comparativa com os preceitos gramaticais da norma padrão da língua portuguesa é que se pretende demonstrar a língua brasileira. Demonstrar-la não em sua inteireza, posto que como bem coloca José Borges Neto, “o termo língua é apenas uma abreviação útil para falarmos de um conjunto de idioletos, que, de alguma forma, achamos que se relacionam por

---

<sup>5</sup> In ANDRADE, 1997:125-126. Os trechos em sublinha são instrumentos para ilustração da análise, não originais do texto.

semelhança.”<sup>6</sup>. Língua brasileira que foi intensa e seriamente adotada por Mário de Andrade de modo costumeiro, como se pode verificar em seu relato abaixo, a Câmara Cascudo, que trata de seu propósito de se “abrasileirar”, de trabalhar com “material brasileiro” e de *Macunaíma*:

*Não sei si já te contei ou não mas em dezembro estive na fazenda dum tio e... e escrevi um romance. Romance ou coisa que o valha, nem sei como se pode chamar aquilo. Em todo o caso chama-se Macunaíma. É um herói taulipangue bastante cômico. Fiz com ele um livro que me parece não está ruim e sairá em janeiro ou adiante, do ano que vem. Minha intenção foi esta: aproveitar no máximo possível lendas tradições costumes frases feitas etc. brasileiros. E tudo debaixo dum character sempre lendário porém como lenda de índio e de negro. O livro quasi que não tem nenhum caso inventado por mim, tudo são lendas que relato. Só uma descrição de macumba carioca, uma carta escrita por Macunaíma e uns dois ou três passos do livro são de invenção minha, o resto tudo são lendas relatadas tais como são ou adaptadas ao momento do livro com pequenos devios de intenção. (...) Um dos meus cuidados foi tirar a geografia do livro. Misturei completamente o Brasil inteirinho como tem sido minha preocupação desde que intentei me abrasileirar e trabalhar o material brasileiro. Tenho muito medo de ficar regionalista e me exotisar pro resto do Brasil. Assim lendas do norte botei no sul, misturo palavras gaúchas com modismos nordestinos ponho plantas do sul no norte e animais do norte no sul etc etc. Enfim é um livro bem brasileiro<sup>7</sup>.*

---

<sup>6</sup> In XAVIER e CORTEZ, 2003: 38.

<sup>7</sup> Carta de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo, datada de 1º de março de 1927. In ANDRADE, 1991:75.

### 3.1 - LEVANTAMENTO DOS EPISÓDIOS DE LINGUAGEM ORAL EM *MACUNAÍMA*

As categorias escolhidas para o enquadramento dos episódios de linguagem oral em *Macunaíma*, que contribuem para a caracterização da língua brasileira, devem ser entendidas a partir dos parâmetros gramaticais estabelecidos pela norma padrão da língua portuguesa. Desse modo, *Alteração gráfica de palavras* revela os desvios ortográficos encontrados em substantivos, verbos, adjetivos e outros termos, mas que não comprometem o sentido da enunciação. *Construção sintática de sentenças* trata de desvios de ordem sintática, de concordância nominal e verbal, bem como de pontuação. *Inventividade lingüística* relaciona palavras de diversas categorias que foram criadas pelo escritor e *Enumerações* demonstra os períodos de enumeração com ausência ou pouca ocorrência de vírgulas.

Cabe registrar que o levantamento que se propõe aqui não é global, não apresenta especificamente todos os episódios de todas as quatro categorias, mas é válido para a caracterização da língua portuguesa do Brasil, a língua nacional, a língua brasileira. Língua muito distante da idéia de “rude” e “doloroso idioma”, lapidada na “ganga impura” e denominada “última flor do Lácio” por Olavo Bilac em *Língua Portuguesa* (soneto reproduzido à pág. 10 deste trabalho) e muito mais próxima do sentimento de valor inferido em *Flor nacional*<sup>8</sup>, crônica de Mário de Andrade, a seguir reproduzida parcialmente:

*Toda a gente diante da vitória-régia fica atraído, como Saint-Hilaire ou Martius, ante o Brasil. Mas vão pegar a flor pra ver o que sucede! O caule e as sépalas, escondidos na água, espinham dolorosamente. A mão da gente se fere e escorre sangue. O perfume suavíssimo que encantava de longe, de perto dá náusea, é enjoativo como o que. E a flor, envelhecendo depressa, na tarde abre as pétalas centrais e deixa ver no fundo um bandinho nojento de besouros, cor de rio do Brasil, pardavascos, besuntados de pólen. Mistura de mistérios, dualidade interrogativa de coisas sublimes e coisas medonhas,*

---

<sup>8</sup> Crônica publicada no *Diário Nacional*, em 7 de janeiro de 1930. In ANDRADE, 1976:184.

*grandeza aparente, dificuldade enorme, o melhor e o pior  
ao mesmo tempo, calma, tristonha, ofensiva, é impossível  
a gente ignorar que nação representa essa flor...*

Esclarecidos assim os limites da análise do presente tópico, é pertinente apresentar os levantamentos efetuados e as análises esboçadas.



## ALTERAÇÃO GRÁFICA DE PALAVRAS

A *alteração gráfica de palavras*, constante em *Macunaíma*, constitui uma categoria de análise utilizada para o exercício da caracterização da língua brasileira, no sentido de sua distinção da língua portuguesa europeia. O “se” grafado “si”, o “cuspia” grafado “guspia”, o “leão” grafado “lião” etc., conferem ao texto uma dose alta de aproximação da oralidade da língua. E a língua que Mário de Andrade desejava que fosse percebida é a variante da portuguesa, a que se fala no Brasil, diferente no falar e no escrever da língua de Portugal.

Por serem muitos os episódios de alteração gráfica de palavras e por aparecerem de modo repetido ao longo do livro, algumas alterações levantadas foram organizadas em forma de tabela, que traz em colunas a grafia da palavra no livro (com um exemplo e a localização da ocorrência), a grafia da palavra segundo a norma padrão da língua portuguesa e os números das páginas em que a alteração também ocorre, quando é o caso.

Adicionalmente, a tabela contém uma classificação das palavras que, mesmo com a grafia original alterada, já foram dicionarizadas e classificadas como “brasileirismo” ou “popular”<sup>9</sup>. Como, por exemplo, a palavra “zarabatana” grafada “sarabatana” em *Macunaíma*, que é um léxico dicionarizado e considerado um brasileiro. Outro exemplo é que ao invés de “abóbora”, pode-se encontrar “abobra”, léxico dicionarizado e classificado como popular.

Pelo exercício, como se pode verificar na tabela obtida, foi possível visualizar um interessante resultado, que não pode ser identificado como o léxico específico e único da língua brasileira. De fato, posto que nenhuma língua é estática e que a gama de possibilidades lexicais é vastíssima. Porém, a tabela permite identificar muitas palavras como pertencentes ao modo de falar e de escrever a língua portuguesa em muitos pontos do País. Vale, pois, apresentar o resultado.

---

<sup>9</sup> Cf. FERREIRA, 1980.

## TABELA DE ALTERAÇÃO GRÁFICA DE PALAVRAS EM *MACUNAÍMA*

**TABELA DE ALTERAÇÃO GRÁFICA DE PALAVRAS EM *MACUNAÍMA* (cont.)**

**TABELA DE ALTERAÇÃO GRÁFICA DE PALAVRAS EM *MACUNAÍMA* (cont.)**

## CONSTRUÇÃO SINTÁTICA DE SENTENÇAS EM *MACUNAÍMA*

A *construção sintática de sentenças* em *Macunaíma*, como por exemplo “mas porém nunca ninguém falava ‘orifício’ não” ou “e então ficava muito sofrendo, muito!”, é uma categoria de análise que engloba alterações ou desvios sintáticos significativos em sentenças do texto literário, quando comparadas aos parâmetros gramaticais da norma padrão da língua portuguesa.

Nesse sentido, o material fornecido por Mário de Andrade em seu referido é riquíssimo e os episódios levantados foram sistematizados em uma planilha, à semelhança do exercício feito com o levantamento das alterações gráficas de palavras. Os episódios levantados, que não abrangem a totalidade de ocorrências no livro, foram disposto em duas colunas: na primeira estão as sentenças selecionadas e do texto de *Macunaíma*, *ipsis litteris*, e na segunda estão as sentenças adaptadas à variante padrão da língua portuguesa, conforme as regras gramaticais estabelecidas<sup>10</sup>.

A presente categoria de classificação de episódios lingüísticos reflete muito claramente um dos principais ideais modernistas: a liberdade na escrita, o abandono da formalidade, a liberdade da expressão. Ao inverter a sintaxe das sentenças, colocando pronomes precedendo verbos no início de frases e posicionando sujeitos posteriormente a verbos, Mário de Andrade exercitou plenamente a liberdade na escrita, permitiu que esta fosse a expressão da oralidade. Permitiu que não se perdessem o caráter do herói e as emoções vividas por ele e por outros personagens.

Entretanto, há que se considerar que no fazer literário se pressupõe uma certa liberdade em relação às regras, mas, como bem pondera Maria Aparecida Baccega,

*A concretude de cada texto... exige procedimentos diferenciados. Nem sempre – ou quase nunca – as*

---

<sup>10</sup> Cf. BECHARA, 2001, e CUNHA & CINTRA, 2001.

*regras gerais são suficientes para que o emissor expresse adequadamente suas idéias. Nesse sentido, a concordância verbal é menos uma questão de gramática normativa que de estilística. ... As gramáticas normativas, sobretudo em matéria de sintaxe, não absorvem as variantes expressivas da língua, dando a impressão de que todo discurso, manifestação do código lingüístico, tem o objetivo de “informar” de maneira asséptica. No entanto, “as exigências da manifestação psíquica e do apelo se emaranham inelutavelmente em toda enunciação; e na linguagem falada, bem como em muitas ocasiões da linguagem escrita, atenuam e até sufocam o teor informativo”. E é na construção sintática que mais transparece a expressividade.<sup>11</sup>*

Com base nas ponderações de Baccega, não somente as inversões sintáticas compõem a planilha em referência. Nela também estão incluídos os desvios de concordância verbal, de concordância nominal, de colocação pronominal e de pontuação, como sentenças interrogativas que terminam com pontos de exclamação. A esse respeito, M. Cavalcanti Proença informa que “os nossos estudiosos de contos populares acentuam, todos eles (sic), certas fórmulas verbais que aparecem constantemente no decorrer das histórias”<sup>12</sup>, além de tratar da questão da pontuação não correspondente ao padronizado para alguma sentença. Diz sobre o ponto de interrogação que, também em *Macunaíma*, ocupa o lugar de um ponto de exclamação: “É o mesmo ponto que se sente na voz do povo e não a exclamação”<sup>13</sup>. Como se a expressão de determinado personagem assumisse o susto e o medo diante de uma situação desconhecida.

Assim, o resultado do levantamento das construções sintáticas de sentenças em *Macunaíma* permitiu a constatação do contraste entre alguns episódios do livro e normas gramaticais, referentes à variante padrão da língua portuguesa, apontando para um perfil de comportamento sintático da língua brasileira.

---

<sup>11</sup> In BACCEGA, 1994:7-8. O destaque em sublinha foi feito por ser de interesse da análise em questão.

<sup>12</sup> In PROENÇA, 1969: 28.

<sup>13</sup> Ibidem.

## TABELA DE CONSTRUÇÃO SINTÁTICA DE SENTENÇAS EM *MACUNAÍMA*

**TABELA DE CONSTRUÇÃO SINTÁTICA DE SENTENÇAS EM *MACUNAÍMA* (cont.)**



**TABELA DE CONSTRUÇÃO SINTÁTICA DE SENTENÇAS EM *MACUNAÍMA* (cont.)**

## INVENTIVIDADE LINGÜÍSTICA

O exercício da palavra em liberdade, uma das formas de expressão modernista, também propiciou a liberdade em palavras, incentivou a inventividade lingüística. Em *Macunaíma*, o distanciamento do academicismo fica de vez confirmado pelas inovações léxicas.

Por meio de repetidas leituras da obra, foi possível selecionar algumas palavras que se enquadram na presente categoria de análise, das quais se destacam “xetrara”, “liberdosas”, “talqualmente”, “matarazos”, “vingarenta” etc. As demais encontram-se relacionadas em tabela de duas colunas, na qual a primeira chama atenção para o léxico criado e a segunda reproduz o contexto literário de inserção do termo.

Interessante notar que dos léxicos criados os verbos que exibem repetição sonora, como “cantacantando”, “mexemexendo”, “sobessubindo” e “pendependendo” por exemplo, parecem reproduzir para o leitor a exata ação do personagem, ora pelo som, ora pelo movimento. Já outras palavras, como o substantivo “justiçadores”, parecem resultar da livre mistura de outras palavras (como “fazedores de justiça”, apenas para usar a livremente a imaginação, como um modernista). Ou talvez tenham sido simplesmente criadas, sem uma intencionalidade ou lógica própria, talvez apenas em função da intencionalidade da inovação ou do rompimento com o tradicional. Este questionamento se apresenta um outro exercício investigativo, que não se realizará aqui.

Além dos verbos que exibem repetição sonora, Mário de Andrade também não se restringiu aos já existentes na língua portuguesa. Apesar de fazer um uso abundante dos existentes, criou alguns que melhor se adequaram ao seu propósito modernista de liberdade da forma de expressão. Considerando, então, “brisou”, “macumbar”, “urarizaram”, “gavionou” e “relumeia” como formas verbais inventadas, mas nem por isso menores, o texto adquire de fato um caráter moderno.

O verbo “pensamentear” foi dicionarizado e o interessante é que a citação literária utilizada por Aurélio B. H. Ferreira, para reforçar o entendimento do campo semântico do verbete, é justamente de um trecho de uma obra que se refere a um costumeiro hábito de Mário de Andrade: “pensamentear” pelas ruas.

*... ao subir [Mário de Andrade] a Ladeira de São Francisco – a que lhe tirava o fôlego – tivera boa idéia para um estudo, parara em meio ao percurso e a anotara, como fazia habitualmente sempre que andava pelas ruas pensamenteando.<sup>14</sup>*

Mas talvez o exemplo mais significativo, incluído na presente categoria de classificação dos episódios lingüísticos em *Macunaíma*, seja a nova acepção que o escritor conferiu ao verbo “brincar”, léxico tradicional na língua portuguesa. Muito distante das atividades lúdicas e usualmente infantis, “brincar” é utilizado somente como sinônimo do relacionamento sexual, do ato sexual. E durante todo o livro, não há mudança semântica no emprego do referido verbo em todas as ocasiões em que ele é utilizado, como nos excertos das páginas 11, 53, 83, e 103, constantes da tabela que se segue, e também no texto original, às páginas 70, 81, 89, 91, 94, 95, 108 e 119. Há que se levar em conta, da mesma forma, o fato de que, se por tantas vezes o verbo “brincar” teve o seu sentido original alterado, é porque também significou o seu emprego uma espécie de grande brincadeira, uma referência metalingüística ao ato de escrever com emoção, de expressar-se livremente, de combinar palavras sem regras.

A expressão livre, que se traduz na formalização da linguagem oral, bem como pelas quatro grandes categorias de características, pode ser apontada, também, como um dos constituintes da língua brasileira. *Macunaíma*, o herói, gostava muito de brincar. Mário de Andrade, o escritor, também.

---

<sup>14</sup> O trecho é da obra *Ângulo e Horizonte*, de Mário da Silva Brito, p. 121. Cf. FERREIRA, 1980:1072

## TABELA DOS EPISÓDIOS DE INVENTIVIDADE LINGÜÍSTICA EM *MACUNAÍMA*

**TABELA DOS EPISÓDIOS DE INVENTIVIDADE LINGÜÍSTICA EM *MACUNAÍMA***  
(cont.)

## ENUMERAÇÕES

Ao enumerar uma infinidade de nomes de pássaros, insetos, frutas, peixes, danças etc., Mário de Andrade termina por descrever não somente as cenas em que Macunaíma está presente, mas também exercita a intertextualidade ao remeter o leitor à riqueza de aspectos da flora, da fauna, do substrato rochoso e da cultura do Brasil. Igualmente, a intertextualidade é percebida no livro por meio dos episódios sobre a origem das expressões e credences populares, sobre lendas e mitos que transitam no universo do herói.

Das enumerações, pode-se inferir não somente a riqueza do país de Mário de Andrade, o brasileiro, mas igualmente a riqueza de sua língua, com a enorme variedade de vocabulários regionais, infinitos substantivos que retratam e constroem de modo particular a geografia nacional. É o que se ratifica com a assertiva de M. Cavalcanti Proença sobre o autor de *Macunaíma*, que colheu dos índios

*...as longas enumerações de nomes de aves, peixes, bichos de pêlo, todos êsses (sic) animais; de plantas, técnicas de pescaria, profissões, sempre incluídos numa determinação genérica final: todas essas bonitezas, todas essas pedras, todos esses vizinhos, todas essas comidas do mato, etc. Isso tornou possível um enorme aproveitamento do vocabulário regional.<sup>15</sup>*

Desse modo, os episódios de enumerações, que permeiam todo o enredo do livro, por não conterem vírgulas, em sua maioria – ou por apresentarem poucas vírgulas face ao número de elementos relacionados –, conferem um ritmo acelerado de enunciação, de sonoridade compassada pelas sílabas. Tais características, podem conferir a algumas ocorrências uma certa musicalidade, mas não nos padrões simbolistas. Uma certa musicalidade frenética, eufórica,

---

<sup>15</sup> In PROENÇA, 1969:30.

bem ao ritmo da cantigas populares nordestinas e de folgedos, quase que emboladas.

Para ilustrar alguns exemplos de enumerações, alguns excertos são aqui reproduzidos, com destaque das expressões genéricas citadas por Proença:

*Por detrás do tejupar do regatão vivia a árvore Dzlaúra-  
legue que dá todas as frutas, cajú, cajás cajamangas  
mangas abacaxis abacates jaboticabas graviolas sapotis  
pupunhas pitangas guajiru cheirando sovaco de preta,  
todas essas frutas e é mui alta.<sup>16</sup>*

*Já tinha muita gente lá, gente direita, gente pobre,  
advogados garçons pedreiros meias-colheres deputados  
gatunos, todas essas gentes e a função ia  
princiando<sup>17</sup>.*

*Então se ergueu do povoréu um murmurejo longo de  
felicidade fazendo relumear mais ainda as gentes, os  
pais-dos-pássaros os pais-dos-peixes os pais-dos-  
insetos os pais-das-árvores, todos esses conhecidos  
que param no campo do céu.<sup>18</sup>*

*Mais pra diante fez que-nem tinha reparado e veio muito  
peixe, veio pirandira veio pacu veio cascudo veio bagre  
e jundiá tucunaré, todos esses peixes e Jiguê voltou  
carregado pra tapera depois de esconder a cabaça na  
raiz do cipó.<sup>19</sup>*

*Jiguê viu que a maloca estava cheia de alimentos, tinha  
pacova tinha milho tinha macacheira, tinha aluá e  
cachiri, tinha maparás e camorins pescados, maracujá-  
michira ata abio sapota sapotilha, tinha paçoca de viado  
e carne fresca de cutiara, todos esses comes e bebes  
bons...<sup>20</sup>*

*Porém respeitava os velhos e freqüentava com  
aplicação a murua a poracê o torê o bacorocô a  
cucicogue, todas essas danças religiosas da tribo.<sup>21</sup>*

---

<sup>16</sup> In ANDRADE, 1997:32.

<sup>17</sup> Idem: 43.

<sup>18</sup> Idem: 68.

<sup>19</sup> Idem: 111.

<sup>20</sup> Idem: 16.

<sup>21</sup> Idem: 9.

Vale dizer que outras enumerações levantadas, além das destacadas anteriormente, encontram-se nas páginas 14, 18, 19, 22, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 38, 39, 42, 47, 50, 65, 69, 75, 77, 102, 112, 114, 117, 123 e 125.

Desse modo, a importância da língua nacional para a construção de uma identidade nacional é percebida também por meio dessas enumerações, que mesclam elementos regionais de todas as partes do país, no intuito de homogeneizar o heterogêneo, “misturar o Brasil” para torná-lo particular, brasileiro. E o demonstrar esse fato por meio de palavras não usuais, mas constituintes do vocabulário brasileiro, resultante de uma história de miscigenação de vocabulários, foi uma forma original de exaltar a língua brasileira.



### **3.2 LÍNGUA PORTUGUESA X LÍNGUA BRASILEIRA: EPISÓDIOS REAIS E ATUAIS SOBRE A EXISTÊNCIA DE TENSÃO ENTRE ORALIDADE E FORMALIDADE EM TRABALHOS DE ESTUDANTES BRASILEIROS.**

Para o presente tópico, pretendeu-se tecer uma análise que demonstrasse que os episódios levantados e categorizados em *Macunaíma* constituem uma realidade atual, presente nas instituições de ensino. Para tanto, foram utilizados alguns trabalhos efetuados no segundo semestre de 2003 por estudantes da oitava série do Ensino Fundamental de uma escola pública e por estudantes do segundo semestre do curso de Letras de uma faculdade particular, ambos os estabelecimentos de ensino situados em Brasília (DF).

Do material levantado, trinta trabalhos, verificou-se que a totalidade apresenta desvios ou inadequações da norma padrão e se aproxima da forma oral de expressão.

Cinco exemplares foram selecionados dos trabalhos de alunos do Ensino Fundamental, que se encontram por cópia no Anexo 2, e, outros cinco, dos trabalhos de estudantes do Ensino Superior, que de forma idêntica compõem o Anexo 3. As amostras selecionadas revelaram-se suficientemente claras para que se pudesse verificar que de 1928, ano de publicação de *Macunaíma*, até os dias atuais, as mudanças significativas introduzidas à época permanecem no modo de escrever a língua portuguesa, ainda que produzidas em locais historicamente reconhecidos como de aprendizado e vivência da norma padrão.

Nesses trabalhos, a tensão existente entre a oralidade e a formalidade da língua portuguesa foi o fator de aproximação das análises contrastivas já efetuadas para os episódios levantados no tópico 3.1. Pôde-se verificar, então, que há um contraste real entre a gramática natural que os alunos já trazem consigo desde a infância, desde os primeiros anos de escola, e o aprendizado da variante padrão ensinada nas escolas. É a *questão da língua* concretizada.

Contudo, as amostras utilizadas não devem ser consideradas por si mesmas. Ao contrário, apenas ilustram o conjunto de reflexões propostas no presente trabalho, a respeito da língua portuguesa no Brasil, que têm início no Capítulo 1, associadas aos ideais modernistas e aos registros da língua brasileira em *Macunaíma*, objeto do Capítulo 2.

Antes das análises individuais, vale esclarecer que os trabalhos realizados pelos alunos do Ensino Fundamental resultam de uma proposta de redação com o tema “Seqüestro”. Já os trabalhos realizados pelos alunos do Ensino Superior resultam da seguinte questão proposta feita em sala de aula: “A partir dos traços sociolingüísticos de língua nacional, língua oficial e língua mãe, relacione o português do Brasil e de Portugal”.

## TRABALHOS DOS ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL

### Trabalho 1

#### Sequestro

1		1
2	Em uma noite de sexta-feira na saída da balada, no dia	2
3	05 de setembro de 1970 as 2:20 da madrugada Rany vai até	3
4	seu carro, uma ferrary vermelha, distraída ao abrir a	4
5	Porta de seu carro se depara com a imagem de uma arma	5
6	aponta contra sua cabeça.	6
7	Lidi percebe que Rany ainda não voutou, preocupada vai	7
8	ao estacionamento a sua procura. Não encontrando Lidi	8
9	resolve ligar para o celular de Rany, ao atender, uma	9
10	surpresa, a voz de um dos seqüestradores, mas Lidi não	10
11	imaginava com que estava falando.	11
12	Depois de comunicar a família e as autoridades: o	12
13	telefone toca, era o seqüestrador comunicando suas	13
14	exigencias. O preço pela vida de Rany não sairia por menos	14
15	de R\$ 1.000.000 em um praso de dois dias, mas sua família	15
16	não teve tempo para reunir tanto dinheiro e ao final desse	16
	praso, nada aconteceu, mas um caso não resolvido.	

Neste trabalho, percebe-se a ausência de crase nas linhas 2 e 11, sendo que nesta última os dois pontos aparecem sem propriedade no emprego. Na linha 6, o verbo *voltar*, no pretérito perfeito, está grafado com “u”, “voutou”. E ainda aparecem outras duas palavras com a grafia alterada: *prazo*, que aparece grafado com “s” em duas linhas, a 14 e a 16, e *mais*, que à linha 16 é grafado “mas”.

A ausência ou a inadequação no emprego de pontuação no interior dos parágrafos, principalmente vírgulas e pontos finais, ocorre no decorrer de todo o texto, por vezes comprometendo o seu entendimento.

## Trabalho 2

### Secuestro

1	Ouve um secuestro na grande metropole de Brasilia No ceu	1
2	apareceu uma nave anieligina que abiduziu 3 pessoas	2
3	Willian, Francilnaldo e Tierre. Augumas pessoas pensaram	3
4	que o sequestro foi planejado por uma outra pessoa que foi	4
5	abduzida a muito tempo.	5
6	Dai surgiu um suspeito Valdivino (rato).	6
7	A polícia investigou na casa do suspeito Valdivino (rato) que	7
8	lá só encontrou sua mãe Dona Maria Abadia uma das	8
9	mulheres mais conhecidas de Brasilia que falou que seu filho	9
10	tinha viajado para fora do Brasil.	10
11	a delegada achou suspeita a atitude do elemento.	11
12	Dai surjiu uma denuncia anonima que logo depois se	12
13	revelaram Carlos e Wellington que falaram onde estavam as	13
14	peessoas foragidas.	14
15	Quando Valdivino ia levar as pessoas para marte chegou a	15
16	doe prendendo e salvando as 3 vitimas.	16

No trabalho 2, o que predomina são os desvios de grafia, a começar pelo título, “secuestro”, palavra que à linha 4 aparece adequadamente grafada como *sequestro*. Na linha 1, há um começo marcante com a grafia sem “h”, para a forma pretérita do verbo *haver*, em “ouve um secuestro...”. O mesmo tipo de inadequação volta a ocorrer na linha 5, na expressão “a muito tempo”.

Na linha 2, o substantivo *alienígena* é grafado como “anieligina” e na linha 3 o pronome indefinido *algumas* aparece grafado com “u” no lugar do “l”.

O verbo *abduzir* é grafado corretamente na linha 5, mas não o é na linha 2, onde aparece como “abiduziu”.

Alguns desvios de pontuação, como a ausência de vírgulas, ocorrem quase que na totalidade do texto. Outros, de acentuação, ocorrem na linha 12, como “denuncia” e não “denúncia”, “anonima” e não “anônima”. Na mesma linha, outra alteração gráfica: o verbo *surgir* aparece como “surjiu”. Há, ainda, uma construção de enunciado com desvio de concordância verbal na linha 12: “uma denuncia que se revelaram”.

### Trabalho 3

Sequestro para pobres		
1	Segunda-feira, 1 de setembro de 2002, Maria Aparecida	1
2	(nome fictício) saiu de casa às 6 da manhã para procurar	2
3	emprego, 45 anos, desempregada, 3 filhos, 5 netos, mora na	3
4	periferia do Rio de Janeiro, foi pega de surpresa por um	4
5	homem de estatura baixa, magro, ainda não reconhecido.	5
6	Como se não bastasse ele a estuprou e a seqüestrou por	6
7	5 dias e pediu resgate à sua família, que praticamente	7
8	dependia da Maria para sobreviver.	8
9	Panteras: De quanto foi o resgate.	9
10	Maria: Cinco... Cinco mil	10
11	Panteras: Quando ele te pegou?	11
12	Maria: Mais ou menos 6 e meia na parada, ele me prendeu e	12
13	não me soltou mais.	13
14	Panteras: Por cinco dias foi assim?	14
15	Maria: Foi... às vezes eles me soltavam pra eu comê,	15
16	quando eu comia...	16
15	Panteras: Ele foi preso?	15
16	Maria: Não, mas, pelo menos eu tô livre.	16

O trabalho 3 não apresenta episódios de alteração gráfica de palavras, mas em suas linhas de 1 a 5 tem-se uma seqüência de informações, qualificativos e ações, que ainda que separados por vírgulas, não apresentam uma ordenação que observe a sintaxe gramatical padrão. Tal fato também aproxima a ocorrência das enumerações de *Macunaíma*, apesar de ser abundante em vírgulas.

Na linha 9, há uma pergunta sem a utilização do ponto de interrogação. E na linha 13 o “às vezes” está grafado sem acento.

## Trabalho 4

### Sequestro

1	Uma vez eu e meus colegas nós resolvemos fazer um	1
2	seqüestro nós planejamos Quase um mês para roubar um	2
3	empresario era uma noite muita escura nós abordamos o	3
4	empresário na frente de sua casa e colocamos ele dentro do	4
5	carro e apontamos três armas era uma pistola semi-	5
6	automatica, um 38 e um fuzil. E levamos ele para um	6
7	cativeiro. e no dia seguinte havia um comentário que tinham	7
8	sequestrado o empresario a quantia é de aproximadamente	8
9	600,00 mil reais para a família do empresario foi um	9
10	desespero. e seguimos para muito longe fora do Brasil	10
11	lucramos do dinheiro e a policia não consegui localizar até	11
12	hoje.	12

O quarto trabalho apresenta uma narrativa em um único fôlego, sem pontuação. Das linhas 1 a 6, há uma enumeração de fatos, onde a pontuação só aparece no trecho final (linhas 5 e 6) em que são especificadas armas.

Nas linhas 1 e 6 há inadequações de uso de pronomes. Na 1, o pronome oblíquo “nos” aparece desnecessariamente. Na 6, há a colocação do pronome pessoal “ele” posterior ao verbo, ao invés de sua substituição pelo pronome oblíquo “o” anteposto ao verbo.

Já na linha 8, o verbo *ser* não mantém o padrão temporal dos demais verbos utilizados no período. Ao invés de “é”, a forma verbal adequada seria “seria”.

Um desvio de regência verbal aparece na linha 11, pois *lucrar* apresenta transitividade direta, o que faz sobrar a preposição “de” em “lucramos do dinheiro”. E na seqüência de ações que se desenrola entre as linhas 6 e 12, apesar de existirem alguns pontos finais, o ritmo do enunciado é muito próximo da oralidade.

## Trabalho 5

### Amor alem das consequencias

1	Fábio era um garoto que estudava no Gisno e era um	1
2	pichador que aprontava muito, ele estava junto a Francisca	2
3	uma garota que era apaixonada por ele, porém, ele o odiava	3
4	e a chamava de “dragão”.	4
5	Como ela o amava e desejava telo só para si, planejou	5
6	um seqüestro fuminante. Certo dia voltando da escola foi	6
7	surpreendido por dois homens encapuzados e armados com	7
8	revolves, os homens o desacordou e o levou para um	8
9	apartamento na asa norte na quadra 306. Quando acordou	9
10	Fábio viu algo que o assustou, a “dragão” estava a sua	10
11	frente. Ele tentou se soltar mas estava amarrado a três	11
12	butijões de gás, tentou se livrar de um beijo que ela deu nele	12
13	mais isto não foi possível. Os dias se passaram e Francisca	13
14	insistia na mesma pergunta, quer namora com migo Fafá?	14
15	As pessoas não se preocuparam muito com o sumiso de	15
16	Fábio, pelo motivo dele morar sozinho e faltar muito as aulas	16
14	e a merito de Francisca que não deixou ninguém perceber	14
18	que ela era a sequestradora. Depois de três semanas ela	18
19	irritada com a negação do Fábio deixou o gás dos butijões	19
20	escapar e explodiu o apartamento morrendo abraçada ao	20
21	seu amor Fafá.	21

No quinto trabalho, o título ignora a acentuação e o longo período composto por pequenas frases informativas separadas por vírgulas, nas linhas de 1 a 4, compromete a coesão textual. Neste período, destaca-se na linha 2 a grafia de *estudava*, que aparece com “estuva”, e na linha 3 o pronome oblíquo adequado seria o do gênero feminino em “ele o odiava”, já que o nome substituído é Francisca.

Na linha 5, a construção *verbo ter + pronome oblíquo “o” = tê-lo* é grafada como “telo”. E os episódios de alteração gráfica se repetem em: “fuminante”, ao invés de *fulminante*, na linha 6; “revolves” ao invés de *revólveres*, na linha 8; “butijões” ao invés de *botijões*, nas linhas 12 e 19; “com migo” ao invés de *comigo*, na linha 14; e “sumiso” ao invés de *sumiço*, na linha 15.

A construção da sentença na linha 8 também aparece sem preocupação com a concordância verbal, já que não é adequado “os homens o desacordou e o levou” diante de *os homens o desacordaram o levaram*. Ainda, à linha 14, aparece uma questão de pontuação: “merito” ao invés de *mérito*.

## TRABALHOS DE ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR

### Trabalho 1

1	A língua oficial em Portugal é o português, é a única	1
2	língua decretada como língua oficial no país, não há nenhum	2
3	documento que decreta outra língua como oficial. Língua	3
4	oficial é a língua considerada válida no país, por isso é	4
5	documentada.	5
6	A língua mãe significa em Portugal que ao nascer a	6
7	criança aprende exclusivamente a materna ou seja a	7
8	portuguesa, e não existindo mistura de línguas.	8
9	A língua Oficial no Brasil também é o português. Apesar	9
10	de que quando Cabral colonizou o país já havia línguas	10
11	indígenas ou seja já havia colonizadores indígenas no Brasil,	11
12	por isso criou-se dialetos, diferenças na pronuncia da fala.	12
13	A língua materna no Brasil é a língua que a criança	13
14	aprende quando nasce, ao contrário de Portugal no Brasil	14
15	existe misturas de línguas, devido ao povo indígena e	15
16	imigrantes de outros países foi criando diferenças.	16

No primeiro trabalho, o primeiro desvio que se apresenta é o da concordância nominal, à linha 11, em que para o substantivo colonizadores é atribuído o adjetivo “indígenos”, ao invés de *indígenas*. Semelhante desvio é detectado na linha 15, onde “povo indígena” substitui *povo indígena*.

A concordância verbal também aparece como não padrão, mais próxima do modo como se fala, pois na linha 12 tem-se “criou-se dialetos” e não *criaram-se* dialetos. Na linha 15, a ocorrência se repete: no lugar de *existem* misturas, “existe misturas”.

O substantivo *pronúncia* é confundido com uma forma do verbo *pronunciar* por estar grafado sem acento na linha 12.



## Trabalho 2

1	Portanto, os traços sociolinguísticos de língua entre	1
2	Brasil e Portugal não são muitos diferentes. A língua	2
3	nacional é o português falado em todo país de Portugal	3
4	como no Brasil. A língua que prevalece. A semelhança	4
5	aparece na língua mãe, pois os brasileiros aprendem desde	5
6	ao nascer o português como sua primeira língua. Os	6
7	portugueses não escutam vozes diferentes, somente sua	7
8	língua mãe e dialetos diferentes também. Como no Brasil.	8
9	Os brasileiros escutam línguas nativas e alguns falares	9
10	de imigrantes. A língua oficial em Portugal foi escolhida para	10
11	o intuito de ser usada para os documentos públicos.	11
12	Vejamos que a única diferença seria o de língua berço,	12
13	porque os descobridores ao chegarem viram que tinha	13
14	línguas indígenas.	14

No trabalho 2, o “portanto” do início da primeira frase, linha 1, já confere um tom conclusivo a uma discussão que nem começou ainda, pelo menos no papel. E é aí que o tom da oralidade aparece, pois o desvio na escrita está em não seguir uma seqüência lógica, o que na fala pode ser resolvido pela contextualização do enunciado.

A alteração gráfica de palavras aparece por duas vezes e com o mesmo verbete, “escutam”, ao invés de *escutam* (linhas 7 e 9).

O sujeito “única diferença”, na linha 16, aparece separado do verbo “seria” por uma vírgula, o que contraria a sintaxe da norma padrão. E, na linha 20, a concordância verbal em “tinha línguas” não foi observada, pois caso o desvio não ocorresse a grafia seria *tinham línguas*.

### Trabalho 3

1	Os portugueses no Brasil teve uma lingua	1
2	sociolinguística a menos que foi colocada em outra lingua	2
3	que foi a lingua transplantada. O Brasil ele não seria	3
4	descoberto como terra, mas descobriram uma população	4
5	indígena. A lingua portuguesa os poucos ela vinha se	5
6	alfabetizando e se integrando já a de Portugal tinha um	6
7	pouco de dificuldade. A lingua portuguesa veio ocupando os	7
8	espaços de comunicação e da expressão. Em Portugal fez	8
9	sua descoberta oficial. A Portugal pertence o título de	9
10	descobridor. Os traços linguísticos de Portugal eram suas	10
11	línguas que eram diferentes uma era muito importante a	11
12	outra era uma língua falada sem contraste a outra era dada	12
13	como política e administrativa	13

O terceiro trabalho traz em sua primeira linha uma inadequação em termos de concordância verbal, já que “os portugueses teve” não deveria estar no lugar de *os portugueses tiveram*.

O uso do pronome pessoal *ele*, na linha 3, em seguida ao sujeito determinado por um substantivo próprio é um desvio que em muito se assemelha aos cometidos por Macunaíma. No caso, não há porque reforçar a determinação do sujeito com o pronome, se o mesmo já foi anteriormente explicitado por substantivo.

A forma “ele não seria descoberto”, ao invés da *ele não seria descoberto* demonstra uma outra inadequação de concordância verbal nas linhas 3 e 4. E nas linhas de 10 a 11, há uma enumeração de fatos com as formas verbais do verbo *ser*, “eram” e “era”, utilizadas como conectivos. A coesão no texto não está assegurada, talvez no ato da enunciação possa haver uma conexão real entre as frases e torne a explanação coerente.

O substantivo próprio *Portugal* é grafado por vezes com a letra inicial minúscula.

#### Trabalho 4

1	Foi dado o nome de Lusitânia Nova a Língua	1
2	Portuguesa no Brasil, porque foi uma língua transplantada,	2
3	quando os portugueses chegaram no Brasil, já havia	3
4	habitantes além dos índios, só as línguas dos índios era o	4
5	dobro do que é hoje, cerca de 350 línguas indígenas eram	5
6	falada. cada uma com o seu traço linguístico e tinha também	6
7	tinha a língua geral. também a migração negra trouxe para o	7
8	Brasil a língua africana, mas com o passar dos tempos os	8
9	próprios africanos adotaram o português. Sendo assim os	9
10	traços linguísticos do português no Brasil é uma língua	10
11	transplantada, como já falei no início, apesar disso é uma	11
12	língua mãe, é língua nacional e também oficial e em	12
13	Portugal, é língua-berço, língua mãe língua oficial, língua	13
14	nacional, língua padrão e língua de cultura. Língua que veio	14
15	do latim vulgar, mas tem sido transformada continuamente,	15
16	em nosso português existem palavras que veio do latim, do	16
17	grego, e tem também até hoje nomes indígenas, como jibóia	17
18	etc.	18

O trabalho 4 apresenta em sua linha 3 episódio de inadequação da regência verbal, pois o verbo *chegar* é preferencialmente seguido da preposição *a* e não da *em*.

Às linhas 6 e 7, “e tinha também tinha a língua geral”, há um reforço na utilização dupla do verbo *ter*, ante e depois do advérbio *também*, sendo que a frase não necessita e nem pode conter dois verbos iguais com a mesma carga semântica.

Entre as linhas 7 e 18, um longo período enumerativo, de seqüência de frases, é disposto sem a preocupação de se colocar conectivos ou até mesmo interrompê-lo e fracioná-lo por intermédio da pontuação, para assegurar a coesão e a coerência textuais.

Dois episódios de inadequação de concordância aparecem: o primeiro, na linha 16, é de natureza verbal e o segundo, na linha 17, é de natureza nominal. No lugar de *em nosso português existem palavras*, grafa-se “em nosso português existe palavras” e no lugar de *nomes indígenas*, grafa-se “nomes indígenas”.

## Trabalho 5

1	O português é derivado do latim vulgar com a expulsão	1
2	dos árabes, leva a criação do reino de Portugal, o idioma é	2
3	reformulado e dá origem ao galego-português, aos poucos	3
4	vai sofrendo modificações e adquirindo, na região de	4
5	Portugal, as características do português moderno.	5
6	O português falado no Brasil sofreu influências das	6
7	línguas indígenas, africana e imigrantes europeus, que se	7
8	instalaram no Centro Sul.	8
9	O Galego é o português falado em Portugal, onde	9
10	sofreu um processo de desgaleguização, porque o poder de	10
11	decisão política se estabeleceu em Lisboa. Na fase que	11
12	Portugal foi governado pelo trono espanhol O português	12
13	incorporou palavras castelhanas.	13
14	A Guerra contra os índios e os negros, era também	14
15	uma guerra lingüística, acrescenta-se que no português do	15
16	Brasil e o de Portugal já se apresentavam em formas	16
17	desiguais.	17

O último trabalho, em sua linha 5, apresenta uma inobservância do plural do substantivo no acompanhamento do plural do artigo: ao invés de “as característica do português moderno”, caberia *as características do português moderno*.

O período construído entre as linhas 1 a 5 é confuso e, apesar da pontuação, tem coerência e coesão comprometidas.

Na linha 10 aparece um episódio de inventividade lingüística: a palavra “desgaleguização”.

A separação de sujeito e verbo por vírgula é exemplificada na linha 14, contrariando a norma padrão.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE OS TRABALHOS DE ESTUDANTES BRASILEIROS

Pela análise dos cinco trabalhos de estudantes do Ensino Fundamental, foi possível identificar episódios lingüísticos como os que foram levantados para a análise de *Macunaíma*, com destaque para a alteração gráfica de palavras, a construção sintática de sentenças (aí incluídos os desvios de concordância e regência verbais, de pontuação e de acentuação) e as enumerações. Torna-se válida, portanto, a seguinte reflexão: mesmo os alunos tendo trabalhado com a língua portuguesa já há oito anos, há neles um conhecimento de uso gramatical diverso do que consta do conjunto de regras de seus livros e gramáticas escolares de língua portuguesa.

E os cinco trabalhos dos estudantes do Ensino Superior em pouco se diferenciam dos trabalhos dos estudantes do Ensino Fundamental, pelo menos nos quesitos que constituem o foco da presente análise, que são os episódios reais e atuais que denotam a existência de tensão entre a oralidade e a formalidade da língua portuguesa nas escolas do Brasil. Nesse segundo grupo de trabalhos, também ocorrem episódios de alteração gráfica de palavras, de enumerações, de desvios de concordância verbal e nominal, de inadequações de regência verbal, de inobservância sintática, de acentuação e de pontuação. Tal constatação também permite inferir que, assim como os estudantes do Ensino Fundamental, os estudantes do Ensino Superior possuem uma gramática internalizada própria, que utilizam em seu cotidiano das mais variadas formas e contextos e que atende suas necessidades de comunicação geral. Mas tal gramática não corresponde à necessária para o domínio da escrita na variante padrão da língua portuguesa.

É bem verdade que outras análise podem ser feitas com o mesmo material, para fins de avaliação da qualidade do ensino, por exemplo. Porém, não foram realizadas aqui por não constituírem o foco do estudo.

### 3.3 PORTUGUÊS EUROPEU E PORTUGUÊS BRASILEIRO: APRESENTAÇÃO DE ALGUNS POSICIONAMENTOS TEÓRICOS SOBRE A DISTINÇÃO DAS LÍNGUAS PORTUGUESAS

Por meio dos elementos apresentados, formadores de algumas vertentes perceptivas da língua portuguesa no Brasil, bem como da apresentação do Movimento Modernista e de uma de suas obras representativas, entende-se que a diferenciação entre o Português de Portugal e o Português do Brasil tenham sido delineadas. Mas, a fim de que não prevaleça apenas o fruto de uma análise reflexiva, faz-se necessário apresentar, se não todos, pelo menos alguns posicionamentos teóricos importantes a respeito da *questão da língua*, da diferenciação entre a língua portuguesa nos padrões europeus e a língua portuguesa nos padrões brasileiros.

Isto posto, inicia-se com a interessante contribuição de Hildo Couto, de seu livro intitulado *O que é Português Brasileiro*:

*... nós, brasileiros, achamos que “a gente fala tudo errado mesmo!”, “se a gente quiser falar de acordo com a gramática fica muito difícil”, etc. Por aí já se vê que “a gramática” é uma coisa estranha, hostil, que se impõe de fora para dentro ou de cima para baixo. Não é a sistematização de como o brasileiro usa a língua portuguesa.*<sup>22</sup>

*Na realidade o que está havendo é uma série de distorções devidas a uma mentalidade elitista, centralizadora, típica de uma sociedade burguesa capitalista, especialmente subdesenvolvida, em que uma pequena minoria a serviço das classes dominantes se arvora em juiz do “português correto”. ... Em suma, os formuladores da política do ensino no Brasil não percebem o óbvio, eles vêem a realidade ideologicamente distorcida. O fato óbvio é o seguinte: a língua de uma comunidade é a língua usada por esta comunidade.*<sup>23</sup>

---

<sup>22</sup> In COUTO, 1986:8.

<sup>23</sup> Idem: 9.

*... como toda realidade complexa, o português brasileiro (para não dizer o português em geral) é uma totalidade composta de diversas subtotalidades, cada uma delas com suas especificidades e partes componentes.*<sup>24</sup>

O que se pode destacar como relevante citações de Couto, é que não se está negando a existência e o valor da língua portuguesa no Brasil. Ao contrário, a ela se está associando uma complexa realidade lingüística que é o português brasileiro, falado e usado pela enorme comunidade do Brasil.

De Marcos Bagno, em *A norma oculta*, tem-se uma posição calorosa e muito favorável ao reconhecimento oficial das diferenças, bem como a proposta de criação de uma gramática específica:

*Por que é necessário que se produza uma gramática do português brasileiro, preparada pelos pesquisadores engajados na investigação criteriosa da nossa realidade lingüística? Porque, gostemos ou não, existe uma demanda social por regras, por normas. As pessoas têm dúvidas, sim, na hora de escrever um texto mais monitorado. E o que elas podem fazer – hoje – para resolver essas dúvidas? Recorrer aos compêndios gramaticais de perfil tradicional, repletos de problemas, ou então – o que é, de longe, muito pior – a obras que executam o empobrecimento drástico da realidade da língua, que tentam preservar a ferro e fogo regras gramaticais há muito desaparecidas da atividade lingüística efetiva dos brasileiros, inclusive dos classificados de “cultos” e, ao mesmo tempo, condenam regras gramaticais já definitivamente estabelecidas na gramática real do português brasileiro.*<sup>25</sup>

E sobre esse mesmo projeto de criação de uma nova gramática para o ensino da língua portuguesa no Brasil, Mário Perini assim se posiciona:

*... a gramática deverá, primeiro, colocar em seu devido lugar as afirmações de cunho normativo: não necessariamente suprimindo-as, mas apresentando o dialeto padrão como uma das possíveis variedades da língua, adequada em certas circunstâncias e inadequada em outras (é tão “incorreto” escrever um*

---

<sup>24</sup> In COUTO, 1986:13.

<sup>25</sup> In BAGNO, 2003:155-156.

*tratado de Filosofia no dialeto coloquial quanto namorar utilizando o dialeto padrão). Depois, a gramática deverá descrever pelo menos as principais variantes (regionais, sociais e situacionais) do português brasileiro, abandonando a ficção, cara a alguns de que o português do Brasil é uma entidade simples e homogênea. Finalmente, e acima de tudo, a gramática deverá ser sistemática, teoricamente consistente e livre de contradições.<sup>26</sup>*

J. Mattoso Camara Junior utiliza-se da diferenciação entre as duas línguas para caracterizar o verbete *dialeto* em seu *Dicionário de Lingüística e Gramática referente à língua portuguesa* e, a despeito das discussões lingüísticas resultantes de sua assertiva sobre uma língua como dialeto de outra, é válido recorrer às suas palavras:

*Em vista da coincidência de traços lingüísticos essenciais e da inegável existência de um sentimento lingüístico comum (...), podemos dividir a língua portuguesa em dois grandes dialetos, correspondentes a nações distintas: o lusitano, ou português europeu, em Portugal; o brasileiro, ou português americano, no Brasil. Para cada uma dessas nações, há, por sua vez, uma divisão em dialetos menores e subdialetos, ...<sup>27</sup>*

Milton Santos, em *O país distorcido*, dedica um capítulo para refletir sobre a língua em um dado território, que passa a não ter limites claros em tempos globalizantes. Pensamento mais geral sobre a dinâmica social, revela-se útil para o entendimento do comportamento lingüístico do Brasil:

*Formas de expressão tão velhas quanto a história, as línguas nasceram da interação com o espaço da vida. Tempo houve em que todas as línguas eram, por assim dizer, “naturais”, territorializadas, produtos do ambiente social. Mais tarde, o comércio e as conquistas foram elementos tanto de desagregação quanto de enriquecimento lingüístico. Alguns países e nações construíram sua unidade graças ao concurso de línguas transplantadas de outras geografias. Pode-se então falar de desterritorialização. É*

---

<sup>26</sup> In PERRINI, 2001:6.

<sup>27</sup> In CAMARA JUNIOR, 1984:95.



*o caso, por exemplo, do português no Brasil ou do francês no Canadá. ... Todavia, os domínios lingüísticos nunca foram universais, ecumênicos. Nem o latim nem o árabe, apesar do vigor com que se propagaram, conseguiram ocupar a totalidade do mundo habitado.*<sup>28</sup>

M. Cavalcanti Proença, ao traçar uma comparação analítica entre *Macunaíma* e *Iracema*, aborda a questão lingüística presente na obra de Mário de Andrade:

*... há coisa de mais importância que é o sentido de manifesto lingüístico, de plataforma para a criação de uma língua nacional, um grito contra o complexo colonial na literatura brasileira.*<sup>29</sup>

De forma semelhante e já percebida no Capítulo 2 deste trabalho, também Mário de Andrade manifestou-se várias vezes sobre as diferenciações da língua. Destaca-se:

*Pouco me incomoda [escrevia-me ele] que eu esteja escrevendo igualzinho ou não com Portugal: o que escrevo é língua brasileira pelo simples fato de ser a língua minha, a língua do meu país, a língua que hoje representa no mundo mais o Brasil que Portugal: (sic) enfim a língua do Brasil. O resto: maior ou menor sintaxização brasileira dos nossos escritores, isto é a contribuição pessoal, não tem importância pragmática nem distingue fala dum e outro.*

...

*Nenhum de nós tem a pretensão de criar uma língua que um português não possa entender. Não se trata de inventar uma fala de origem brásilica e inconfundivelmente original, não. Se trata apenas duma libertação das leis portuguesas, as quais, sendo leis legítimas em Portugal, se tornaram preconceitos eruditos no Brasil por não corresponderem a nenhuma realidade e a nenhuma constância da entidade brasileira.*<sup>30</sup>

---

<sup>28</sup> In SANTOS, 2002:109.

<sup>29</sup> In PROENÇA, 1969:47.

<sup>30</sup> In BANDEIRA, 1996:493.

Para finalizar, vale recorrer a um trecho de *Emília no país da gramática*, de Monteiro Lobato – escritor que em um primeiro momento criticou duramente os ideais modernistas –, que traz uma descrição dos dois universos da língua portuguesa de uma forma bem curiosa:

*A cidade de Portugalia dava a idéia duma fruta incôe – ou de duas cidades emendadas, uma mais nova e outra mais velha. A separação entre ambas consistia num braço de mar.*

*- A parte de lá – explicou o rinoceronte – é o bairro antigo, onde só existiam palavras portuguesas. Com o andar do tempo essas palavras foram atravessando o mar e deram origem ao bairro de cá, onde se misturaram com as palavras indígenas locais. Desse modo formou-se o grande bairro de Brasilina.*

*- Compreendo – disse Pedrinho. – Para cá é a parte do Brasil e para lá é a parte de Portugal. Foi a parte de lá, ou a cidade velha, que deu origem à parte de cá, ou à cidade nova.*

*- Isso mesmo. A cidade nova saiu da cidade velha. No começo isto por aqui não passava de um bairro humilde e malvisto na cidade velha; mas com o tempo foi crescendo e ainda há de acabar uma cidade maior que a outra.*

*...*

*A língua desta cidade está ficando um dialeto da língua velha. Com o correr dos séculos é bem capaz de ficar tão diferente da língua velha como esta ficou diferente do latim. Vocês vão ver.<sup>31</sup>*

---

<sup>31</sup> In LOBATO, 1990:14-15, 47.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

“É preciso escrever o mais possível como se fala e não falar demais como se escreve.”

*Il faut écrire le plus possible comme on parle et ne pas trop parler comme on écrit.*

**SAINT-BEUVE** (1804-1869), *Os Cadernos*.  
(RÓNAI, 1985:310)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas abordagens feitas nos capítulos que constituem este trabalho, tem-se a certeza de que este foi um primeiro passo de uma caminhada que complexa, cheia de bifurcações e trilhas alternativas. Não há um caminho retilíneo e único. Uma forma de pensar a língua portuguesa no Brasil foi um exercício proposto aqui e executado por intermédio de *Macunaíma*, obra brasileira em brasileiro.

Mesmo tendo sido esta a opção de abordagem sobre a língua brasileira, registra-se que ela não se pretendeu completa ou estanque. Ao contrário, pretende-se início ou instrumento de abordagens futuras.

A língua brasileira pode ser considerada um heroína, tal e qual Macunaíma, que se traveste de várias cores, sotaques, regiões, palavras e ainda se transforma em branca de olhos claros e loira, para transitar pela elite e se valer de sua comunicação para conseguir o que quer, com a eterna possibilidade de ser ela mesma: uma língua mestiça e cheia de orgulho.

O que se há de pacificar e apaziguar os ânimos de lingüistas, gramáticos e literatos, e também porque não do povo brasileiro, é que o que está em jogo quando se fala de diferenças entre línguas é justamente a diferença entre culturas. E diferenças são diferenças, não inferioridades ou superioridades.

Reconhecer as diferenças é reconhecer histórias, heróicas ou não, sofridas ou não, mas todas as têm. E com a língua portuguesa, o processo é semelhante. A que é o idioma do Brasil tem em sua origem a carga histórica da língua de Portugal. E, em Portugal, tem-se um país que ainda não se cumpriu, tal como atestou Camões em “Os Lusíadas”. E aqui, no Brasil, tem-se um país tão novo e já sem memória, que embarca em ondas de modernidade sempre como que de favor, como um viagem em pé em um bonde cheio, um país “surfista de trem”, que não presa a sua memória por achar que olhar para trás é o que o atrasa. Mas a

esperança de um futuro, é um futuro que não se espera. O futuro é feito de presentes bem resolvidos. E talvez não se precise resolver efetivamente a *questão da língua*, pela complexidade que se encerra. Talvez com a resolução de problemas de base, a *questão da língua* se apazigue. Falta, portanto, cumprir-se o Brasil, que foi a grande mensagem de Mário de Andrade.

## **ANEXO 1**

## **ANEXO 2**



## **ANEXO 3**

## **ANEXO 4**

## **ANEXO 5**

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

“A maior parte do tempo de um escritor se passa em leitura, para depois escrever; uma pessoa revira a metade de uma biblioteca para fazer um só livro.”

*The greatest part of a writer's time is spent in reading, in order to write; a man will turn over half a library to make one book.*

**SAMUEL JOHNSON** (1709-784), em *A vida de Johnson*, de Boswell, 1775. (RÓNAI, 1985:311)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. São Paulo: Duas Cidades/Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Villa Rica Editoras Reunidas, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter*. Belo Horizonte: Villa Rica Editoras Reunidas, 1997.
- BACCEGA, Maria Aparecida. *Concordância verbal*. São Paulo: Ática, 1994 (Série Princípios, nº 55).
- BAGNO, Marcos. *Português ou Brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BANDEIRA, Manuel (Org.) *Antologia dos poetas brasileiros: Fase moderna*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996 (vol. I).
- BARBOSA, Frederico (Org.) *Clássicos da Poesia Brasileira: Antologia da Poesia Brasileira Anterior ao Modernismo*. São Paulo: Galex, 2003 (Coleção Clássicos da Literatura).
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BRASIL. *Constituição: República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- CAMARA JÚNIOR, J. Mattoso. *Dicionário de Lingüística e Gramática: referente à língua portuguesa*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- CANDIDO, Antonio e CASTELLO, J. Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: história e crítica. Volume 2: modernismo*. 12.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

- CHAUI, Marilena. *Conformismo e resistência*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- COUTO, Hildo H. do. *O que é Português Brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1986 (Série Primeiros Passos, nº 164).
- CUNHA, Antônio G. da. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CUNHA, Celso. *A questão da norma culta brasileira*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985 (Coleção Diagrama, nº 10)
- \_\_\_\_\_ e CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DIAS, Luís Francisco. *Os sentidos do idioma nacional: as bases enunciativas do nacionalismo lingüístico no Brasil*. Campinas: Pontes, 1996.
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- FERREIRA, Carlota e CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994 (Série Repensando a Língua Portuguesa).
- HAUSER, Arnold. *História social da Literatura e da Arte*. São Paulo: Mestre Jou, 1972.
- HOBBSBAWN, Eric J. *A era dos impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- HOLANDA, Sérgio B. *Raízes do Brasil*. 23. ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 1992.
- Instituto Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. *Dicionário Houaiss de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa* Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- KLEIMAN, Angela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado das Letras, 1995.
- LAFETÁ, João Luiz. *Mário de Andrade*. São Paulo: Ed. Nova Cultural Ltda., 1988. (Série Literatura Comentada).

- LARAIA, Roque de B. *Cultura: um conceito antropológico*. 7. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- LENCIONI, Sandra. "Região e geografia. A noção de região no pensamento geográfico" in CARLOS, Ana F. A. (Org.). *Novos Caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto, 1999 (Coleção Caminhos da Geografia).
- LOBATO, Monteiro. *Emília no país da gramática*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- LOPEZ, Telê P. Ancona. "A biblioteca de Mário de Andrade" in *D. O . Leitura*, Dez/2000.
- \_\_\_\_\_. *Macunaíma o herói sem nenhum caráter. Edição Crítica*. São Paulo: Scipione Cultural, 1997.
- LUFT, Celso P. *Dicionário Prático de Regência Verbal*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- MEDEIROS, João Bosco. *Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas*. São Paulo: Atlas, 2000.
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. 14. ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1995.
- MORAES, Antônio C. R. *Geografia: pequena história crítica*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Ideologias geográficas*. São Paulo: HUCITEC, 1988.
- MORICONI, Ítalo. *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- ORLANDI, Eni P. *O que é lingüística*. São Paulo: Brasiliense, 1999 (Coleção Primeiros Passos, nº 184).
- ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PERRINI, Mário A. *Para uma nova gramática do português*. São Paulo: Ática, 2001 (Série Princípios, nº 18).
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- PINTO, Edith Pimentel. *O Português popular escrito*. São Paulo: Contexto, 1996 (Série Repensando a Língua Portuguesa).



- PROENÇA, M. Cavalcanti. *Roteiro de Macunaíma*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1969.
- REZENDE, Neide. *A Semana de Arte Moderna*. São Paulo: Ática, 2000 (Série Princípios, nº 226).
- RÓNAL, Paulo. *Dicionário Universal Nova Fronteira de Citações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- SANTOS, Milton. *O país distorcido. O Brasil, a globalização e a cidadania*. São Paulo: Publifolha, 2002.
- TELES, Gilberto M. *Estudos de poesia brasileira*. Coimbra: Almedina, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Vanguarda européia e Modernismo brasileiro: apresentação crítica dos principais movimentos vanguardistas (1857 a 1972)*. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- VEADO, Rosa Maria Assis. *Comportamento lingüístico do dialeto rural - MG*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.
- XAVIER, Antonio Carlos e CORTEZ, Suzana (Org.) *Conversas com lingüistas. Virtudes e controvérsias da Lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA				
	Em <i>Macunaíma</i>	Exemplo e nr. da página	Na norma padrão	Outras ocorrências no livro (páginas)
	si	"Si o incitavam a falar exclamava: ..." -9	se	27,32,35,38,43,54,65,69,74,77,78,82,85,
				86,89,91,93,98,100,101,113,120,123
	guspia	"Nos machos guspia na cara." -9	cuspia	12 e 102 (gusparada), 88 (guspiu)
	dandava	"..., Macunaíma dandava pra ganhar vintém." -9	andava	
✕	maginou	"Maginou maginou e disse pra velha: ..." -14	imaginou	101,107 (maginando)
	rapaiz	"O que você está fazendo na capoeira, rapaiz!" -15	rapaz	15
	faiz	"... Gente grande que faiz isso..." -15	faz	
✕	curumi	"... tu não é mais curumi não..." -15	curumim	73,74
	menino-home	"-Tu vai por aqui, menino-home, vai por aqui..." -15	menino-homem	
✕	culumi	"Culumi faz isso não, meu neto, ..." -16	curumim	
✕	cotucando	"... e cotucando o viadinho fez ele berrar." -17	cutucando	
	viadinho	"... e cotucando o viadinho fez ele berrar." -17	veadinho	17 (viada), 69, 111 e 113 (viado), 70 (viados)
✕	sinão	"Me acudam que sinão eu mato!..." -18	senão	26,27,32,33,39,44,76,77,123
	lião	"Isso Macunaíma ficava que ficava um lião querendo." -20	leão	
	marvada	"De vez em quando Macunaíma parava pensando na marvada." -26	malvada	37,103,122,123
✕	desinfeliz	"E era que Macunaíma estava desinfeliz porque perdera a muiiraquitã..." -26	infeliz	52,70,120
✕	berrugas	".. roendo os dedos agora cobertos de berrugas de tanto apontarem Ci estrela." -28	verrugas	
✕	adonde	"Porém entrando nas terras do igarapé Tietê adonde o burbom vogava..." -29	onde	
	diacho	"...que diacho!..." -29	diabo	
	hol	"Entraram na casa atravessaram o hol e ..." -33	"hall"	98,99
	xetrara	"..., o herói percebera que xetrara mesmo ..." -37	xeretara	
	quiânti	"Era o cauim famoso chamado quiânti." -34	"chianti"	
✕	sarabatana	"...que serve pra guardar as flechinhas da sarabatana." -39-40	zarabatana	67,91,98,99
	tatorana	"..., virou-o numa tatorana branca e falou:..." -36	taturana	37

legenda:

- ✕ palavra dicionarizada - Brasileirismo
- ✕ palavra dicionarizada - Popular

PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA				
	Em <i>Macunaíma</i>	Exemplo e nr. da página	Na norma padrão	Outras ocorrências no livro (páginas)
	pecurrucho	"O pecurrucho tinha cabeça chata e ...."-20	pequerrucho	124 (pecurrucha)
	senvergonha	"...Cai fora, peruano senvergonha!..."-39	sem vergonha	72, 51 e 77 (senvergonhice)
✕	bocagem	"Cada bocagem!"-42	palavrão	
	a dentro	"Barafustou subindo pelo buraco a dentro..."-40	adentro	
	milietas	"Num átimo reuniu milietas delas..."-42	milhares	
	milhor	"O melhor era matar Piaimã..."-43	melhor	82,88,99
✕	tabaque	"Tabaque mexemexia acertado num ritmo..."-44	atabaque	
	nóis	"...nóis te quereremo muito, nóis tudo!"-48	nós	
	fio	"-Glória pro fio de Exu!"-48	filho	
	sodade	"Deixo a vida sem sodade;..."-52	saudade	70 (sodades), 120 (sodosa)
	relumeava	"O corpo dele relumeava de ouro..."-52	brilhava	
	Oropa	"O dote que dou pra ti é Oropa França e Bahia."-53	Europa	
	subesse	"-Si eu subesse..."-54	soubesse	
✕	ara	"Ara ara, ara, meus cuidados! Pois não falei..."-53	ora	93,106,109
	milréis	"-Custa milréis."-64	mil réis	77
	esgarafunchando	"Imaginou esgarafunchando na memória bem,..."-64	escarafunchando	
	chi	"Chi! minha gente! ..." -67	xi	85,104
✕	alumiar	"Pedi pro compadre vagalume alumiar o caminho na frente com as lanterninhas ..." -68	iluminar	114 (alumiando)
●	avoou	"Pauí-Pódole então avoou pro céu e ficou lá."-68	voou	
	siquer	"... que não permite mais dentro da magnífica entrosagem do seu progresso siquer a passagem ..." -72	sequer	118
	delapida	"...já que o Governo cerra os olhos e delapida os cofres da Nação,..." -72	dilapida	
✕	congote	"... agarrou o herói pelo congote."-72	cangote	
	talequal	"... e estava talequal um fardo caminhando."-73	tal e qual	123
	embrabecendo	"Quando você estiver embrabecendo conta três vezes os botões da vossa roupa."-74	embravecendo	
✕	ocê	"De mim que eles tem medo, ocê aposta?"-74	você	

legenda:

- ✕ palavra dicionarizada - Brasileirismo
- palavra dicionarizada - Popular

PALAVRAS DA LÍNGUA PORTUGUESA				
	Em <i>Macunaíma</i>	Exemplo e nr. da página	Na norma padrão	Outras ocorrências no livro (páginas)
	óleo	"... esfregava o óleo de andiroba no corpo..."-83	óleo	97
✕	levianinho	"O defunto ficou levianinho e o advogado Fulano pôde levá-lo pra pensão."-86	levinho	
	quefazer	"Suzi sem quefazer passava o tempo..."-90	o que fazer	
●	corgo	"...e enxergou do outro lado do corgo um chofer gesticulando feito chamado."-94	córrego	120
●	fastou	"...enfioi três lambarizinhos na boca dele e rindo muito fastou o joelho depressa."-94-95	afastou	121 (fastava)
	fosfre	"A palha o fosfre e o goiano caiu n'água, se molhou"-95	fósforo	
	cuisarrúim	"...quando passou pela barra do Boipeba onde o cuisarrúim morou, ..." -97	coisa ruim	
●	malinconia	"Estava uma escuraleza que só vendo por causa da malinconia da noite..."-97	melancolia	
	assuba	"Assuba na japecanga, pronto: eu balanço!"-99	suba	108 (assobe)
	fora	"Macunaíma desembestara agreste fora mas isso ia que ia acochado pelo minhocão."-106	afora	
✕	siô	"Mas você não me dirá o que que está fazendo aí, siô!"-106	sinhô, senhor	
	chô	"- Chô chô, passarinho!"-107	xô	
✕	poucadinho	"...e falou pra Macunaíma ir brincar com Iriqui um poucadinho."-108	bocadinho	
	té-logo	"Macunaíma deu um té-logo pro cabo ..." -109	até logo	
●	abobra	"... feita com a outra metade da abobra ..." -112	abóbora	
●	cosquinhas	"Vei, a Sol, escorregava pelo corpo de Macunaíma, fazendo cosquinhas, ..." -121	coceguinhas	
	di	"Vim di Minas... Vim di Minas..."-123	de	

legenda:

✕ palavra dicionarizada - Brasileirismo

● palavra dicionarizada - Popular

CONSTRUÇÃO SINTÁTICA DE SENTENÇAS	
Em <i>Macunaíma</i>	Segundo a norma padrão
"E pediu pra mãe que largasse da mandioca ralando na cevadeira e levasse ele passear no mato." - p. 9	E pediu <b>para a</b> mãe que largasse da mandioca que estava ralando na cevadeira e o levasse para passear no mato
"Quando tudo esta pronto Macunaíma pediu pra mãe que deixasse o cachiri fermentando e levasse ele no mato passear."-p.10	Quando tudo estava pronto, Macunaíma pediu <b>para a</b> mãe que deixasse o cachiri fermentando e <b>o levasse para passear</b> no mato.
"Depois retesou os músculos, se erguendo num trapézio de cipó e aos pulos atingiu num átimo o galho mais alto da piranheira."-p.11	Depois retesou os músculos, <b>erguendo-se</b> num trapézio de cipó e aos pulos, atingiu o galho mais alto da piranheira <b>num átimo</b> .
"Caça, ninguém não pegava caça mais, nem algum tatu-galinha aparecia! e por causa de Maanape ter matado um boto pra comerem, o sapo cunauru chamado Maraguigana pai do boto ficou enfezado."-p.13	Caça, <b>ninguém pegava mais</b> , nem algum tatu-galinha aparecia <b>E</b> por causa de Maanape ter matado um boto para comerem o sapo cunauru, chamado Maraguigana <b>e</b> pai do boto, ficou enfezado.
"Não havia pra gente assar nele nem uma isca de jobá."-p.13	Não havia <b>nem uma isca de jobá para a</b> gente assar nele.
"- Meu avô, dá caça pra mim comer?"-p.15	- Meu avô, <b>dê-me</b> caça <b>para eu</b> comer?
"- Mãe, sonhei que caiu meu dente."-p.16	- Mãe, sonhei que <b>meu dente</b> caiu.
"Maanape que era um catimbozeiro de marca maior, foi que gravou o epitáfio."-p.17	Maanape, que era um catimbozeiro de marca maior, foi <b>quem</b> gravou o epitáfio.
"- Me acudam que sinão eu mato! me acudam que sinão eu mato!"-p.18	- <b>Acudam-me</b> , que <b>senão</b> eu <b>os</b> mato! <b>Acudam-me</b> , que <b>senão</b> eu <b>os</b> mato!
"Botaram o anjinho numa igaçaba esculpida com forma de jaboti e pros boitatás não comerem os olhos do morro o enterraram mesmo no centro da taba com muitos cantos muita dança e muito pajuari."-p.21	Botaram o anjinho <b>em uma</b> igaçaba esculpida <b>em</b> forma de <b>jabuti</b> e, para que os boitatás não comessem os <b>seus</b> olhos, enterraram <b>no</b> no centro da taba <b>mesmo</b> , com muitos cantos, muita danda e muito pajuari.
"E então ficava muito sofrendo, muito! e invocava os deuses bons cantando cânticos de longa duração..."-p.22	E então ficava <b>sofrendo muito</b> , muito! E invocava os deuses bons cantando cânticos de longa duração...
"Hei de ir só pra tirar a prosa do passarinho uirapuru, minto! da lacraia." -p.27	Hei de ir <b>somente para</b> tirar a prosa do passarinho uirapuru, minto <b>da</b> lacraia.
"- Nunca viu não!" -p.29	- Nunca viu, não?
"Oitenta contos não valia muito mas o herói refletiu bem e falou pros manos: ..." - p.30	Oitenta contos não <b>valiam</b> muito, mas o herói refletiu bem e falou <b>para</b> os manos: ...
"De toda essa embrulhada o pensamento dele sacou bem clarinha uma luz: Os homens é que eram máquinas e as máquinas é que eram homens." -p.31	De toda essa embrulhada o pensamento dele sacou <b>de forma clara</b> uma luz: os homens é que eram máquinas e as máquinas é que eram homens.

CONSTRUÇÃO SINTÁTICA DE SENTENÇAS	
Em <i>Macunaíma</i>	Segundo a norma padrão
"- Está bom. Então fecha o olho, parceiro." -p.34	- Está <b>bem</b> . Então <b>feche</b> os olhos, parceiro.
"Maanape deu as garrafas pra Venceslau Pietro Pietra, um naco de fumo de Acará pra caapora e o casal esqueceram que havia mundo."-p.34	Maanape deu as garrafas <b>para</b> Venceslau Pietro Pietra, um naco de fumo de Acará <b>para a</b> caapora e o casal <b>esqueceu</b> que havia mundo.
"Porém Venceslau Pietro Pietra piscou faceiro dizendo que vendida não dava a pedra não." - p.38	Porém Venceslau Pietro Pietra piscou faceiro <b>dizendo</b> que não <b>vendia a</b> pedra.
"Vai, ele sentou na rede mui rente da francesa, muito! e falou murmurando que com ele era oito ou oitenta, não vendia não emprestava a pedra mas porém era capaz de dar..." - p.39	<b>Daí</b> , ele <b>se</b> sentou na rede, <b>muito</b> rente da francesa, muito e <b>murmurou-lhe</b> que com ele era oito ou oitenta <b>que</b> não vendia <b>e</b> não emprestava a pedra mas, porém, era capaz de <b>dá-la</b> ...
"- Caterina, Caterina! me larga minhas mãos e vai-te embora pixaim! sinão te dou um pontapé!" - p.39	- Caterina, Caterina! <b>Largue</b> minhas mãos e <b>vá</b> embora, pixaim! <b>Senão</b> , <b>dou-te</b> um pontapé!
"Inda não tenho bastante força não..."-p.43	Ainda não tenho <b>força o</b> bastante...
" - Volomã, me dá uma fruta, Macunaíma pediu." -p.50	<b>Macunaíma pediu</b> - Volomã, <b>dá-me</b> uma fruta.
" - Mas, meus cuidados, pra que você fala que foram dois viados e em vez foram dois ratos chamuscados!" - p.70	- Mas, meus cuidados, <b>porque</b> você <b>falou</b> que foram dois <b>veados ao invés de</b> dois ratos chamuscados?
"Já todos, e eram muitos! estavam com vontade de armar uma briga." -p.71-72	<b>Todos já estavam</b> com vontade de armar uma briga, <b>e eram muitos</b> .
"- O que! quem que é desconhecido! berrou Macunaíma desesperado com a ofensa." -p.72	- O quê? Quem é que é desconhecido? <b>Macunaíma</b> berrou, <b>desesperado</b> com a ofensa.
"Esconde lá perto pra escutar só o que eles falam."-p.74	<b>Esconda-se</b> lá perto, para <b>só</b> escutar o que eles falam.
" - Me esconde!" -p.76	<b>Esconda-me!</b>
" - Minha filhinha nova, entrega já meu pato que sinão enxoto você da casa minha pra todo o sempre!" -p.77	- Minha filhinha <b>caçula</b> , <b>entregue-me</b> já o meu pato, <b>porque senão</b> enxoto você da minha casa para todo o sempre!
"A filha expulsa corre no céu, batendo perna de déu em déu. É uma cometa."-p.80	A filha, expulsa, corre no céu, batendo <b>pernas</b> de déu em déu. É <b>um</b> cometa.
"- Pois então finjo de pintor que é mais bonito!"-p.82	- Pois, então, <b>finjo-me</b> de pintor, que é mais bonito!
"Maanape contou pra Jiguê contou pra Maanape." - p. 94	Maanape contou para Jiguê <b>que</b> contou para Maanape.
" - Eu até que nem não sei balançar ... Melhor você vai primeiro, que Macunaíma rosnou." - p.99	<b>Macunaíma rosnou</b> :- Eu até que nem sei balançar... <b>Melhor</b> você <b>ir</b> primeiro.

CONSTRUÇÃO SINTÁTICA DE SENTENÇAS	
Em <i>Macunaíma</i>	Segundo a norma padrão
"- Muiraquitã, muiraquitã de minha bela, vejo você mas não vejo ela!..." -p.100	- Muiraquitã, muiraquitã de minha bela, vejo você mas não vejo!...
"A fantasma vinha vindo: ..." -p.105	<b>O</b> fantasma vinha vindo: ...
"- Sinhá dona do porto, dá caminho pra mim passar!" - p.109	- <b>Senhora</b> dona do porto, <b>dê-me</b> caminho para passar!
"Quando Papacéia que é a estrela Vésper aparecia falando pras coisas irem dormir, o papagaio zangava por causa da história parando no meio." -p.119	Quando a Papacéia, que é a estrela Vésper, aparecia falando <b>para</b> as coisas irem dormir, o papagaio <b>zangava-se</b> por causa da história <b>que parava</b> no meio.
"- Vou derrubar mato pra fazer roçado. Agora você fica no mucambo e nunca não vai na roça me espiar." - p.120	- Vou derrubar <b>o</b> mato <b>para</b> fazer <b>um</b> roçado. Agora, você fica no mucambo e nunca <b>vá espiar-me</b> na roça.
"Tem mais não." - p.121	<b>Não tem</b> mais.
"Macunaíma tornou a enfezar e gritou: ..." -p.124	Macunaíma tornou <b>a enfezar-se</b> e gritou: ...
"Tudo ele contou pro homem e depois abriu asa rumode Lisboa." -p.126	<b>Ele</b> contou <b>tudo para o</b> homem e depois abriu <b>as</b> asas, rumo <b>a</b> Lisboa.

INVENTIVIDADE LINGÜÍSTICA	
Palavras não convencionais à língua portuguesa, presentes em <i>Macunaíma</i>	Contexto literário de utilização
boleboliu	O homem ficou frio de susto feito piá. Então veio brisando um guanumbi e <b>boleboliu</b> no beijo do homem: - Bilo, bilo, bilo, lá... tetéia! - p.125
cantacantando	... Mexia inquieta o pescoço, voava pro galho em rente e no milagre mais enorme deste mundo inventava de sopetão uma alvorada preta <b>cantacantando</b> que não tinha fim.-p.20
sobessubindo	E lá foi comenso fios <b>sobessubindo</b> pro campo vasto do céu. Os manos abriram a porta e espiaram. Capei sempre subindo.-p.26
justiçadores	... Ergamo-nos todos una voce contra os miasmas deletérios que conspurcam o nosso organismo social e já que o Governo cerra os olhos e delapida os cofres da Nação, sejamos nós mesmos os <b>justiçadores</b> ... - p.72
brisou	A jandu principiou fazendo fio no chão. Com o primeiro ventinho <b>quisou</b> por ali o fio leviano se ergueu no céu.-p.25
macumbar	... Era Exu, o romãozinho que viera ali com todos pra <b>macumbar</b> .-p.46
urarizaram	... E a consagração do Filho de Exu novo era celebrada por licença de todos e todos se <b>urarizaram</b> em honra do filho novo do iça.-p.47
gavionou	... A sombra correu atrás do peixe. Então Macunaíma <b>gavionou</b> mato fora no sentido oposto. pp.-114-115
relumear	... <b>Relumeava</b> lá no campo vasto do céu e a filha mais velha do morubixaba Zozoiã da tribo carajá, solteirona chamada Imaerô falou assim: -Pai, Taína-Cã <b>relumeia</b> tão bonito que eu quero me amulherar com ele.-p.119
pensamentear	... Depois de <b>pensamentear pensamentea</b> não havia meios mesmo de descobrir o nome daquilo e pôs reparo que da rua Direita onde topara com a cunhatã já tinha ido parar adiante de São Bernardo, passa a moradia de mestre Cosme.-p.64 ... Macunaíma se consolou <b>pensamenteandc</b> : "O mal ganhado, diabo leva... paciência".-p;118
brincar	... Nem bem o menino tocou no folhiço e virou num príncipe fogoso <b>Brincaram</b> . Depois de <b>brincarem</b> três feitas, correram mato fora fazendo festinha um pro outro. -p.11 ... Macunaíma piscou pra ela e os dois vieram na jangada <b>brincar</b> . Fizeram. Bastante eles <b>brincaram</b> . Agora estão se rindo um pro outro. - p.53 Os manos inda não tinham voltado da maloca do Governo e a patroa veio no quarto pra consolar Macunaíma, <b>brincaram</b> .-p.83 ... Então Macunaíma teve saudade do sucedido na taba grande paulistana. Viu todas aquelas donas de pele alvinha com quem <b>brincara</b> de marido e mulher, foi tão bom!... - p.103



INVENTIVIDADE LINGÜÍSTICA	
Palavras não convencionais à língua portuguesa, presentes em <i>Macunaíma</i>	Contexto literário de utilização
xetrara	No outro dia, com o pensamento sempre na marvada, o herói percebeu que <b>xetrara</b> mesmo duma vez e nunca mais que podia aparecer na rua Maranhão porque agora Venceslau Pietro Pietra já o conhecia bem. - p.37
pendependendo	... Ninguém mais não enxergava olhos nela, era só ossos duma compridez já sonolenta <b>pendependendo</b> pro chão de terra. ... - p.43
mexemexia	Tabaque <b>mexemexia</b> acertado num ritmo que manejou toda a procissão.-p44
mexemexendo	... O corpo dele relumeava de ouro cinzando nos cristaizinhos do sal e por causa do cheiro de maresia, por causa do remo pachorrento de Vei, e com a barriga assim <b>mexemexendo</b> com cosquinhas de mulher, ah! ...- p.52
	Lá por de debaixo das árvores passavam muitas cunhãs cunhé cunhé se <b>mexemexendo</b> com talento e formosura.-p.53
	... Botou o furabolo na goela e lá foi pro chão todo o cará engolido que virou num tartarugal <b>mexemexendo</b> .-p.106
liberdosas	E pra acabar todos fizeram a festa juntos comendo bom presunto e dançando um samba de arromba em que todas essas gentes se alegraram com muitas pândegas <b>liberdosas</b> .- p.49
talqualmente	... Agora você fica pouco tempo moço <b>talqualmente</b> os outros homens e e depois vai ficando mocetudo e sem graça nenhuma.-p. 54
	... A moça levou um tombo engraçado por cima do rapaz e ele enrolou-se nela <b>talqualmente</b> um apuizeiro carinhoso.-p.95
matarazos	... Chegaram lá, principiaram procurando o rasto e aquele mundão de gente comerciantes revendedores baixistas <b>matarazos</b> , vendo os três manos curvados pro asfalto procurando, principiaram campeando também, todo aquele mundão de gente.-p.71
prantina	Então os irmãos se descabelaram. Agora não era possível mais irem na Europa não, porque possuíam só a noite e o dia. Levaram na <b>prantina</b> enquanto o herói esfregava o óleo de andiroba no corpo pros mosquitos não amolarem e dormia bem.-p.83
grungrunzando	... Todos os comerciantes e aquele despropósito de máquinas passavam rentinho do herói <b>grungrunzando</b> sobre a injustiça dos homens....-p.84
tartarugal	... Botou o furabolo na goela e lá foi pro chão todo o cará engolido que virou num <b>tartarugal</b> mexemexendo.-p.106
vingarenta	... Era malvadeza da <b>vingarenta</b> só por causa do herói não ter se amulherado com uma das filhas da luz.-p.121